

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA**

**OLHARES QUE SE CRUZAM, FRONTEIRAS QUE SE
ERGUEM.**

A sociabilidade em Tambaú, João Pessoa – PB.

ANNE GABRIELE LIMA SOUSA

Recife - PE

2006

ANNE GABRIELE LIMA SOUSA

**OLHARES QUE SE CRUZAM, FRONTEIRAS QUE SE
ERGUEM.**

A sociabilidade em Tambaú, João Pessoa – PB.

Dissertação de Mestrado apresentada como exigência parcial para a obtenção do grau de Mestre em Sociologia ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Pernambuco, sob a orientação da Prof. Dra. Cynthia Hamlin.

Recife - PE

2006

Sousa, Anne Gabriele Lima

**Olhares que se cruzam, fronteiras que se erguem
: a sociabilidade em Tambaú, João Pessoa – PB. /
Anne Gabriele Lima Sousa. – Recife : O Autor, 2006.
il., fotos, mapas**

**Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de
Pernambuco. CFCH. Sociologia, 2006.**

Inclui bibliografia e anexos.

**1. Interação social – Tambaú, João Pessoa-PB. –
2. Sociabilidade. 3. Sociologia urbana. 4. Identidade
social. I. Título.**

**316.62
302**

**CDU (2.ed.)
CDD (22.ed.)**

**UFPE
BC2006-213**

ANNE GABRIELE LIMA SOUSA

**OLHARES QUE SE CRUZAM, FRONTEIRAS QUE SE
ERGUEM.**

A sociabilidade em Tambaú, João Pessoa – PB.

Aprovada em _____

BANCA EXAMINADORA

Prof. CYNTHIA HAMLIN
Orientadora

MEMBRO INTERNO

MEMBRO EXTERNO

Dedico este trabalho à minha família e, especialmente, à Alessa Cristina e seu companheirismo incondicional.

AGRADECIMENTOS

Agradeço o interesse e a disposição em aprender e ajudar da Prof. Cynthia Hamlin que, mesmo se aventurando pelo estranho, o fez com total ética, seriedade e dedicação.

À minha mãe e irmãos, pelo apoio emocional oferecido, pela confiança cega e pelo incentivo integral destinado às minhas escolhas, das mais seguras às mais obscuras.

A ele que, mesmo de longe, com seu disfarce *blasé*, sei que acredita, torce e vibra com minhas conquistas, assim como sofre com minhas angústias: Rones, meu pai.

Aos amigos, colegas e ex-colegas de curso, pela atenção nas horas mais úteis e companhia nos momentos mais fúteis, pelas experiências compartilhadas dentro ou fora dos muros acadêmicos, sem as quais as etapas vencidas não teriam sentido. Principalmente a ela que esteve comigo nas lágrimas e nos risos, que respeitou minhas crises e meu silêncio, que conseguiu me acompanhar onde nenhum outro ousaria: Alessa, a você, meu mais profundo agradecimento.

Aos professores e funcionários do PPGS/UFPE e do DCS/UFPB. Em especial a Prof. Eliane Veras, por confiar e estimular a produção acadêmica e a participação nos eventos que tanto somaram a este trabalho; bem como as sugestões, a base de formação, além do carinho e da amizade encontrados no convívio com o Prof. Mauro Koury, meu “*eterno orientador*”.

Ao apoio financeiro da Capes, que possibilitou uma maior dedicação ao mestrado e a realização desta pesquisa.

Agradeço, ainda, a atenção dos meus entrevistados e a oportunidade que me deram de adentrar mundos tão diferentes e tão ricos a aprendizados e reflexões.

SUMÁRIO

Resumo

Abstract

INTRODUÇÃO 09

CAPÍTULO I: OLHANDO PARA A CIDADE E DESCOBRINDO O CAMPO. 16

1. Um breve passeio pela cidade 20
2. A “Parahyba” olhando o rio 22
3. Modernidade e estética: pobreza x progresso 23
4. A descoberta da praia 26
5. A reordenação paisagística: João Pessoa se volta para o mar 28
6. De vila de pescadores à “menina dos olhos pessoenses” 33
7. Acerca do elucidado 36

CAPÍTULO II: DESCORTINANDO O TEMA, ESBOÇANDO A PRÁTICA: TRAÇOS DA PESQUISA TEÓRICO-METODOLÓGICA. 38

1. Incursão teórica 39
 - 1.1- Viver na cidade 40
 - 1.2- Modernidade e diversidade 42
 - 1.3- Sociabilidade, pertencimento e lazer na cidade 44
 - 1.4- Habitus, estilos de vida e organização espacial 46
 - 1.5- Os sistemas classificatórios na construção de fronteiras 50
2. Para uma compreensão metodológica da experiência de campo e do objeto 54
 - 2.1- Contornos da pesquisa 56
 - 2.2- Mapeamento social do lazer em Tambaú 59
 - 2.3- Traçando os sujeitos 61
 - 2.4- Sobre as entrevistas 64
 - 2.5- Descrição dos entrevistados 67

2.6- O roteiro de entrevistas	69
-------------------------------	----

CAPÍTULO III: VÁRIOS MUNDOS EM UM SÓ LUGAR: AS ÁREAS DE LAZER E SEUS FREQUENTADORES.	71
1. Um espaço de encontros	73
2. Os usos da praia	76
3. A “Feirinha de Tambaú”: onde todos passam	81
4. As faces do “Baixo Tambaú”	86
5. O Largo da Gameleira: a sombra do bairro	93
6. Observações complementares	97
CAPÍTULO IV: MEU, SEU, NOSSO: CONSTRUÇÃO DE FRONTEIRAS E REPRESENTAÇÕES ESPACIAIS.	101
1. Os tipos de atividades como indicadores de fronteiras	103
2. O estilo musical na fragmentação dos grupos	109
3. A magia da estética como valor	112
4. A orientação sexual no ordenamento dos percursos	117
5. Outros tipos de fronteiras	121
CONSIDERAÇÕES FINAIS	126
BIBLIOGRAFIA	129
ANEXOS	137
Anexo 1: Questionário	
Anexo 2: Roteiro de Entrevistas	

RESUMO

Este estudo lança o olhar para o comportamento social urbano contemporâneo, através da percepção dos tipos de fronteiras simbólicas construídos pelas complexas interações sociais presentes no cotidiano de lazer de Tambaú, bairro nobre e de grande visibilidade na cidade de João Pessoa. As relações estabelecidas pelos diferentes grupos que participam no campo de sociabilidade do qual Tambaú é palco, são percebidas a partir dos processos de diferenciação social responsáveis pela inclusão ou exclusão de indivíduos nos círculos sociais que permeiam os espaços do bairro. Consideramos a cidade contemporânea como um lócus de fronteiras, onde proximidade espacial e distância social se cruzam, norteadas por classificações e hierarquizações. A partir de observações sobre sua dinâmica social e das narrativas de seus frequentadores, Tambaú é apresentado a partir dos diferentes estilos de vida que se revelam no seu interior, manifestando valores, reafirmando identidades e reforçando *habitus* inerentes a trajetórias culturais peculiares.

Palavras-chave: Comportamento social, Sociabilidade, Lazer, Fronteiras simbólicas.

ABSTRACT

This research gazes at contemporary urban behavior by regarding the different types of symbolic frontiers that are built on the basis of complex social interaction processes that are present on leisure in everyday in Tambaú, a wealthy and highly visible neighborhood in João Pessoa. The relationships established by the various groups which make up the field of sociability of Tambaú are perceived via processes of social differentiation that include and exclude individuals in/from the social circles that permeate the spaces of the neighborhood. We consider the contemporary city as a locus of frontiers where spatial proximity and social distance meet, guiding systems of classification and hierarquization. Based on observations about its social dynamics and the narratives of its visitors and inhabitants, Tambaú is seen from the perspective of the different life styles that reaffirm people's identities and reinforce certain habitus that belong to particular trajectories.

Key-word: Social behavior, Sociability, Leisure, Symbolic frontiers.

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem por objetivo estudar e compreender as bases para a construção de fronteiras simbólicas nas diversas formas de sociabilidade estabelecidas pelos diferentes grupos que compartilham os espaços sociais do bairro de Tambaú¹, na cidade de João Pessoa, capital da Paraíba.

Resultado de dois anos de pesquisa², entre reflexões teóricas e pesquisa de campo, o estudo apresentado aqui consiste em uma tentativa de interpretação da dinâmica urbana contemporânea, buscando perceber os elementos norteadores dos sistemas classificatórios que dão sentido às relações sociais, organizadas, hierarquizadas e complexas, entre os grupos que compartilham os espaços de sociabilidade das cidades brasileiras.

O comportamento social urbano é objeto de interesse sociológico desde os primórdios do conhecimento científico na área, destacando clássicos como Weber (1987), Marx (1974), Simmel (1983, 1987), Durkheim e Mauss (1981), impulsionados pelas transformações ocorridas na sociedade ocidental do século XIX. Estas transformações se revelavam como consequência dos fatores ligados a uma modernidade que se instaurava através da industrialização, do aumento populacional formando cada vez mais cidades e metrópoles, do desenvolvimento do capitalismo, entre outros processos que reordenaram todo o mundo social.

¹ Este bairro representa o meu campo de pesquisa desde 2002. O primeiro estudo realizado por mim em Tambaú, entre os anos de 2002 e 2004, teve a orientação do Prof. Mauro Koury e originou a minha monografia de conclusão de curso de graduação, apresentada à Coordenação do Curso de Bacharelado em Ciências Sociais da Universidade Federal da Paraíba, tendo como título: “*Tambaú: Pertença e Fragmentação. Sob uma ótica do medo*”. A segunda experiência de campo realizada no bairro, desta vez norteada por outro objeto, culminou na composição desta dissertação.

² Com o apoio financeiro da Capes entre março de 2004 a fevereiro de 2006.

As constantes transformações ocorridas na vida social urbana desde então, movimentam, no século XXI, estudos sociológicos dos mais variados interesses, no sentido de compreender uma sociedade cada vez mais guiada pelo avanço tecnológico e pelos efeitos da globalização, dando realce a novas expressões culturais, organizações e movimentos sociais, orientando os modos de vida e as interações sociais entre os indivíduos inseridos em diferentes contextos.

O interesse particular desta dissertação recai sobre a sociabilidade urbana presente neste panorama atual, situando a cidade como palco de integração cultural e social e de grande dinamismo das relações sociais. Diferente das cidades norte-americanas, sobre as quais os estudos sobre o urbano – representados pela Escola de Chicago – se desenvolveram e ganharam visibilidade³, os espaços públicos de lazer nas grandes cidades brasileiras apresentam próxima ligação com o caráter da própria formação nacional, representado pela miscigenação e pela integração entre diferentes identidades culturais. O contato entre uma multiplicidade de culturas, estilos de vida e valores sociais, proporcionado por esta especificidade, reproduz a troca entre desconhecidos e, ao mesmo tempo, reafirma identidades sociais (MAGNANI, 2002).

A cidade contemporânea: o lugar do encontro e do desencontro, da comunhão e do conflito, da semelhança e da diferença, da vida dentro e fora dos muros, o espaço da sociabilidade e da troca. A cidade de todos, onde a proximidade espacial caminha concomitantemente à distância social. A cidade das fronteiras, formada por indivíduos que interpretam e selecionam espaços e pessoas, delimitando o universo em que melhor se identificam, tecendo assim suas redes sociais.

³ Para maiores informações sobre a Escola de Chicago, ver os trabalhos de Becker (1996) e de Coulon (1995).

O debate contemporâneo acerca do comportamento social urbano brasileiro tem tido uma propagação cada vez maior nos últimos anos. Se há algumas décadas os estudos sobre interação sociais e construções de fronteiras no meio urbano se desenvolviam apenas no eixo Rio – São Paulo, principalmente através da antropologia urbana, nos últimos anos têm ampliado seu leque para além do sudeste e despertado o interesse das mais variadas ciências.

A presente pesquisa oferece um olhar singular sobre as formações societárias que permeiam a realidade social urbana, principalmente no que se refere à experiência social de uma capital nordestina de menor visibilidade e desenvolvimento econômico do que os demais espaços nas quais a maior parte das pesquisas sobre o comportamento social urbano brasileiro se debruça.

Parte-se da perspectiva de que a situação social e os padrões culturais vivenciados pela população de João Pessoa, apesar de suas especificidades, não estão alheios às influências contemporâneas mais vastas. Assim, fatores como estilos de vida citadinos fundados em novas formas de sociabilidade, ascensão de novos valores culturais se sobrepondo a manifestações cotidianas mais tradicionais, possibilidade de outras formas de reconhecimento identitário pelo contato social entre indivíduos oriundos de contextos sócio-culturais diferenciados, passam a ser vivenciados pelos atores sociais citadinos em suas práticas de interação.

A análise apresentada no decorrer deste trabalho discute a inserção destas influências de âmbito mais amplo nas relações sociais construídas pelos indivíduos que interagem no cotidiano da cidade e, sobretudo, do bairro de Tambaú, organizando a produção de círculos de familiaridade e de estranhamento.

Tambaú compreende um bairro nobre, de grande visibilidade, situando-se como o maior destino de lazer diurno e noturno da capital paraibana. Um dos maiores cartões postais do estado, representado pela intensa vida boêmia, modernas construções e belezas naturais, Tambaú é palco de diferentes expressões culturais, como também da maioria dos eventos realizados pelo poder público local. A repercussão do espetáculo construído na paisagem urbana de Tambaú atrai para o seu interior indivíduos de distintos bairros e de realidades diversas, permitindo que diferentes categorias de sujeitos - com faixa etária, poder aquisitivo e traços culturais variados - entrem em contato cotidianamente.

As diferentes camadas e trajetórias sociais que participam da rotina de Tambaú se tocam, cruzam, relacionam, desempenhando diferentes papéis no contexto em que se inserem, mas não se confundem, embora seus limites nem sempre aparentem nitidez. Tambaú é palco, assim, de inúmeros contrastes, evidenciando diferentes mundos sociais em interação, de modo a apresentarem organização espacial baseada em critérios de hierarquização e classificação para a inserção dos variados grupos em seu cotidiano de forma naturalizada e tolerada.

As dinâmicas contrastantes inerentes ao cenário heterogêneo de Tambaú é o campo social escolhido para iluminar a reflexão sobre a construção de fronteiras na sociedade contemporânea. O bairro é apontado, desta forma, sob um prisma que o concebe como espaço vivo e sujeito a constantes remodelações no ambíguo e complexo cotidiano social encenado por seus atores, evidenciando diferenciações culturais, sociais, econômicas e espaciais em suas distintas esferas.

As relações engendradas em Tambaú se revelam a partir das características que representam a ampla cena social contemporânea, onde as identidades estão em constante

processo de construção e reconstrução, transformando, paralelamente, as características que permeiam os espaços em suas diferentes situações de apropriação.

As diferentes formas de sociabilidade estabelecidas no cotidiano de lazer do bairro descortinam variados fatores agindo na construção de fronteiras sociais, e na eleição de símbolos de significação para a inserção dos atores sociais nos seus respectivos círculos de convivência. Legitimam, paralelamente, diferenciações sociais múltiplas no contato entre grupos de hábitos e estilos de vida culturalmente diversificados. Complexas interações sociais que atravessam vários tipos de fronteiras são produzidas neste movimento.

Os distintos espaços sociais que constituem o lazer em Tambaú são, a partir de suas redes de sociabilidade, apresentados para a cidade de João Pessoa segundo os valores que lhe são concedidos nos tipos de relação instituídos pelos seus atores. O cenário urbano, desta forma, é definido (e refletido) pelo seu uso, onde o encontro com o outro impõe demarcações na criação de fronteiras de exclusão do diferente, para a reafirmação de uma identidade compartilhada.

Tambaú é concebido aqui como lócus de experiências sociais. Busco, nesta direção, captar a percepção dos grupos urbanos acerca dos demais atores com quem interagem e compartilham os espaços de sociabilidade dos quais o bairro é cenário. O olhar que se lança para o cotidiano do campo pesquisado é no sentido de oferecer uma abordagem “*de perto e de dentro*” (MAGNANI, 2002: 17), buscando a polifonia de vozes que fundam as dinâmicas sócio-espaciais locais.

Este estudo se dedica à compreensão da organização social de Tambaú no que tange à sua heterogeneidade, de indivíduos e de grupos sociais. Buscar-se-á, neste

sentido, apreender os valores que definem os processos de diferenciação social entre os seus atores, bem como analisar os códigos de semelhança que os ligam nos seus espaços relacionais. Esses elementos simbólicos são abordados como mediadores que permitem a contextualização e a renegociação das barreiras invisíveis que impõem os limites do pertencimento e de exclusão, oferecendo diferentes elementos para o peculiar cotidiano social de Tambaú.

Esta dissertação, por fim, está dividida em quatro capítulos, que não serão tratados isoladamente, uma vez que as observações trazidas por cada um deles são fundamentais para a compreensão das reflexões seguintes.

Inicialmente, contextualizamos o campo de pesquisa no interior do processo de expansão de João Pessoa, concentrando a análise na reordenação que teve Tambaú como divisor de águas para o desenvolvimento da capital. Explanaremos também as conseqüências que o progresso urbano trouxe para a transformação dos modos de vida inerentes ao cenário social da cidade e do bairro. Aqui o leitor poderá assimilar os fatores responsáveis pela grande visibilidade de Tambaú para a cidade, a fim de compreender seu caráter heterogêneo e complexo analisado mais adiante.

O segundo capítulo consiste na abordagem teórico-metodológica da pesquisa e está dividido em duas partes. A primeira faz uma incursão pelo objeto de estudo à luz das teorias contemporâneas sobre o comportamento social urbano. Neste espaço fazemos um balanço de trabalhos de sociologia e de antropologia, onde a diversidade urbana e suas diferentes formações societárias são abordadas, buscando uma aproximação com reflexões que remetam à assimilação de diferentes sistemas de classificação demarcadores de fronteiras simbólicas. Em um segundo momento, percorremos os procedimentos metodológicos que guiaram este trabalho.

Apresentamos, aqui, os caminhos sobre os quais o trabalho de campo foi conduzido, esclarecendo os critérios adotados para a realização da pesquisa, a partir da escolha dos métodos e das técnicas, bem como a identificação dos espaços sociais relevantes para a investigação, a delimitação dos sujeitos e a utilização dos instrumentos que possibilitaram a realização deste estudo.

O terceiro capítulo se volta para as características que permeiam o cotidiano social de Tambaú, situando o leitor em cada um dos principais campos de sociabilidade que permeiam o local. Sua leitura permite abarcar a multiplicidade de trajetórias sociais engendradas no interior do bairro e captar as diferentes formas de sociabilidade a elas inerentes. Os espaços de sociabilidade são analisados sob a ótica da experiência de lazer dos seus respectivos atores sociais, descortinando a eleição de lugares de pertencimento representativos de estilos de viver diferenciados.

No quarto e conclusivo capítulo, os espaços de sociabilidade abordados no capítulo anterior são analisados a partir dos esquemas subjetivos de valores e representações na imagem que os grupos constroem uns dos outros. O capítulo identifica os principais elementos simbólicos valorizados para a delimitação de fronteiras sociais de identificação e de diferenciação na dinâmica de lazer instituída em Tambaú, e as dimensões assumidas por estas classificações.

As considerações finais oferecem algumas reflexões acerca do que foi explanado no decorrer do trabalho, levantando dificuldades enfrentadas e impressões.

CAPÍTULO I

OLHANDO PARA A CIDADE E DESCOBRINDO O CAMPO

Este capítulo tem por objetivo situar o leitor no campo da pesquisa, trazendo para discussão a origem dos processos constitutivos da atualidade de Tambaú. Buscar-se-á refletir sobre a história de formação do bairro para a compreensão do modo como o mesmo se relaciona com o universo maior no qual está inserido, a cidade de João Pessoa, como também apreender as formas como o mesmo é visto e vivido pela população da cidade, desde seus primórdios até sua composição atual.

Tambaú é um bairro de, aproximadamente, 7 mil habitantes (IBGE, 2000), pertencente ao padrão classe média de João Pessoa. Segundo dados do último censo, o rendimento médio mensal de seus habitantes é de R\$ 2.961,45 - considerada a segunda maior renda da cidade⁴. Localiza-se na área litorânea da capital, entre a Avenida Ruy Carneiro, a Avenida Epitácio Pessoa, o Rio Jaguaribe e o Oceano Atlântico.

A visibilidade atual do bairro se dá por meio de suas opções de lazer diurno e noturno, atraindo, cotidianamente, freqüentadores dos mais diversos bairros da capital, assim como visitantes de diferentes cidades e países, pois, devido a sua formação paisagística e estrutura comercial, boêmia e turística, revela-se como referência para o turismo no estado. Logo, Tambaú e seus recursos naturais e estruturais se apresentam, atualmente, como um dos maiores cartões postais da cidade de João Pessoa, admirado por quem o visita e aclamado pela maioria dos moradores da capital. Tambaú é visto, desta forma, como um símbolo da cidade. Um bairro não apenas para moradia, como também para turismo, lazer e negócios.

Sua estrutura turística vai desde hotéis dos mais distintos padrões, até feira de comidas típicas e restaurantes que variam do regional ao internacional, passando por

⁴ Ficando abaixo apenas da renda média que caracteriza o morador do bairro vizinho, Cabo Branco: R\$ 3.127,27. Um valor relativamente baixo, se comparado ao padrão de vida de outras cidades brasileiras de igual ou maior porte, mas alto em relação à realidade da maioria das famílias residentes nos demais bairros de João Pessoa, onde a renda média familiar não chega a R\$ 500,00.

mercados de artesanato e galerias de lojas. Sua concentração boêmia engloba cabanas de praia bem estruturadas, muitas delas com música ao vivo, bares e casas noturnas direcionados a públicos de diferentes gostos, faixa etária e poder aquisitivo.

Com relação às condições de moradia, Tambaú é constituído, cada vez mais, de edifícios de grande porte e de segurança elevada, bancos, centros empresariais, supermercados, escolas, padarias, clínicas, postos de gasolina, além de ruas calçadas e asfaltadas, iluminação pública, esgotamento sanitário, abastecimento de água, coleta de lixo, diversas linhas de ônibus ligando-o a todos os bairros da cidade e um posto policial⁵.

Todos os fatores descritos acima são responsáveis por atrair, cotidianamente, uma grande quantidade de pessoas das mais diferentes origens no intuito de desfrutar de toda a infra-estrutura oferecida pelo bairro, reforçando, conseqüentemente, a imagem de Tambaú como referência para a cidade e levando à supervalorização seus espaços.

É importante, neste sentido, que se ressalte a diversidade de indivíduos em termos de origem social, cultural e econômica ocupando o mesmo espaço nas áreas de sociabilidade comuns no bairro. No entanto, as possibilidades, os problemas e as implicações causadas por este processo serão desenvolvidos mais adiante, nos capítulos seguintes.

Aqui, cabe destacar que o cuidado estético e estrutural do poder público e da população da cidade com o bairro de Tambaú, apesar de atual, não é novo, tendo sido historicamente, um dos principais determinantes das bases do desenvolvimento e da configuração urbana e paisagística da capital nos dias de hoje.

⁵ Essas condições são inexistentes em muitos bairros localizados na região periférica de João Pessoa, pois, por não possuírem a mesma visibilidade de Tambaú, não despertam tanto o interesse de cuidado por parte do poder público local.

desigualdade social da qual João Pessoa é palco, característica de sociedades pertencentes a países em desenvolvimento, como é o caso do Brasil, é responsável por inúmeros problemas urbanos, afetando toda a população da capital, moradora de áreas nobres ou periféricas, em todas as etapas do desenvolvimento histórico da capital.

A cidade também ostenta um dos mais importantes patrimônios históricos e culturais do país, embora suas principais características sejam: ser considerada a cidade mais verde do Brasil, graças à sua vasta área de mata nativa e plantio urbano; estar situada no ponto mais oriental das Américas, carregando a marca de ser o lugar *onde o sol nasce primeiro*. Somado a isso, possui 35 quilômetros de praias, preservadas como patrimônio turístico, um dos maiores chamarizes para visitantes à capital. As ricas condições naturais de João Pessoa, embora pobre em recursos econômicos, é o que tem auferido à cidade uma certa participação na cena econômica e cultural contemporânea brasileira.

Apesar de considerada a terceira mais antiga cidade brasileira, sua expansão e crescimento vêm ocorrendo há pouco mais de um século, tendo conservado, até início do século XX, características arquitetônicas e concentração urbana de uma sociedade colonial. O desenvolvimento urbano da capital, neste sentido, foi relativamente tardio, apesar de estar fundamentado em uma política urbana de distribuição de recursos que beneficiam certas áreas e excluem outras, trazendo fortes conseqüências para as condições sócio-econômicas de sua população (AGUIAR e OCTÁVIO, 1985). Este movimento, no entanto, se configura na atualidade como reflexo da incessante busca pelo progresso da capital, almejado e incentivado desde a República, porém só atingido, parcialmente, há algumas décadas, com a transformação de seus contornos urbanos.

2- A “Parahyba” olhando o rio

João Pessoa, antes chamada de “Parahyba do Norte⁶” era, até o final do século XIX, concentrada nas redondezas do rio Sanhauá, atual centro histórico. O local, constituído tanto de comércio como de residências, reunia todos os atores pertencentes ao cenário social da cidade da Parahyba até aquele momento.

Morar no centro da cidade era símbolo de status e de nobreza, uma vez que tudo o que a cidade oferecia de necessário estava ali. No entanto, sua precária condição urbana a posicionava como “uma cidade não só atrasada, acanhada e pequena, mas também insalubre” (SÁ, 1999: 33).

A capital, neste período, já atraía uma população oriunda do interior do estado. A recente transformação dos escravos em trabalhadores livres, combinada às constantes secas existentes no estado e região, atraiu um grande número de trabalhadores pobres vindos do interior do estado e dos estados vizinhos, ocasionando o aumento da população da cidade (AGUIAR e OCTÁVIO, 1985; SÁ, 1999). Estes migravam na esperança de melhorarem suas condições de vida, pelas promessas de emprego que o incentivo à industrialização instituído pela cidade em seu discurso modernizador oferecia. Koury (1986:135) afirma que:

“Este aumento populacional reflete-se sobre as condições de vida e trabalho dos homens pobres (...) A cidade se vê inflada por levas de trabalhadores expulsos do campo, somado à ameaça de desemprego (...) Este aumento

⁶ Seu primeiro nome foi Filipéia de Nossa Senhora das Neves, homenageando o rei Felipe II da Espanha. Com a ocupação holandesa denominou-se Frederica, em homenagem ao Rei Frederico Henrique da Holanda. Após a saída dos holandeses, o lugar passou a ser chamado de “Parahyba do Norte”, por causa do rio, principal canal de acesso e, até hoje, principal rio do Estado. O nome assim permaneceu até o assassinato do então presidente da Província, João Pessoa Cavalcanti de Albuquerque, no dia 26 de Julho de 1930, que veio a dar nome à capital: João Pessoa.

populacional reflete nas condições de higiene, saúde e habitação desses homens comuns, pobres, que tendem a deteriorar-se”.

Com o aumento populacional exacerbado, a Parahyba foi se transformando em um verdadeiro caos urbano. O mercado de trabalho instaurado na capital não dava conta de absorver esta leva de trabalhadores. O desemprego, a miséria e a fome levavam a população pobre e migrante a viver sob condições sub-humanas, sem saneamento básico, esgoto e limpeza pública. Estes trabalhadores estavam, assim, sujeitos, além do desprezo público, à contração de diversas infecções e doenças, pela escassez de serviços médicos (AGUIAR e OCTÁVIO, 1985). Este, talvez, tenha sido um dos maiores problemas da capital na época.

3- Modernidade e estética: pobreza x progresso

O enorme contingente de pobres, famintos e desempregados nas ruas da cidade constituía uma grande ameaça à ordem. A ordem, neste cenário de república recém-instaurada, representava o alvo fundamental para que a Parahyba rompesse com as marcas do passado, na qual era vista através de uma concepção de atraso frente a outras regiões brasileiras, e atingisse o seu almejado progresso, com iniciativas de modernização para a construção de uma imagem de maior civilização (DINIZ, 1988).

A classe dominante, insatisfeita com a situação que também a vitimizava, atribuía causa e origem para as mazelas e a desordem que os cercavam. Esta fonte estava associada à seca, à migração, aos negros recém-libertos e trabalhadores pobres. O foco da insatisfação era a miséria, sendo esta o berço de todas as enfermidades que permeavam a cidade, de todos os males que enfeivavam as suas ruas, que afetavam a sua

saúde, que ameaçavam as suas vidas. Os contrastes gerados pela diversidade de indivíduos compondo o mesmo espaço, neste momento, começavam a produzir tensões.

Os pobres que compunham a população da capital neste período, embora fossem as principais vítimas da falta de recursos, eram, na concepção da população mais abastada e dos dirigentes políticos locais, culpados por todas as mazelas que assolavam a cidade.

O caminho para a construção de uma imagem mais moderna e civilizada da capital passou por três ordens principais: espacial, estética e moral. No entanto, o cenário era composto por ruas desordenadas e pela falta de um saneamento básico adequado. A infra-estrutura era escassa e o espaço público sujo de lixo orgânico, inorgânico, “lixo humano” (KOURY, 1986). Havia pobreza, miséria, fome, doenças contagiosas e contrastes de todo tipo.

Em um primeiro momento, a iniciativa pública se dá no sentido de ordenar as ruas, criar avenidas largas, enfim, projetar a cidade para que o aspecto de organização passe a compor o seu quadro urbano. A campanha de saneamento toma fôlego neste movimento. Uma cidade organizada deve parecer civilizada e sadia. Neste contexto, para que a estetização das ruas da cidade se concretize, é preciso que se afaste de sua área saneada o que a enfeia, o que produz um “asqueroso espetáculo para os cidadãos moradores da cidade ou visitantes” (KOURY, 1986: 141).

A medida adotada foi a de empurrar as pessoas pobres para fora do centro da cidade, em áreas afastadas, retirando os casebres dos espaços nobres e dando origem a sítios isolados, vindo a formar o subúrbio da capital⁷ (KOURY, 1986, DINIZ, 1988). O

⁷ Na segunda metade do século XX a área suburbana da cidade veio a ser expandida com a construção de um distrito industrial e de conjuntos habitacionais, constituindo alguns dos bairros periféricos mais populosos da capital atualmente, como Mangabeira, Valentina, Funcionários, entre outros (SCOCUGLIA, 2000).

centro, por sua vez, foi destinado à população asseada, sadia e burguesa. As casas do local foram supervalorizadas comercialmente, impossibilitando sua aquisição pelas camadas menos favorecidas. A periferia foi, assim, constituída e expandida através de uma lógica de exclusão e distanciamento das classes menos favorecidas do centro da cidade, debelando a “sujeira” para sua higienização.

A política de higienização para o desenvolvimento da Parahyba possuía por objetivo não apenas a sua estetização, mas a moralização para que se tornasse disciplinar e garantisse o seu controle. Isto foi implantado de forma repressora, a partir da criação de asilos, orfanatos, casas de caridade e prisões (KOURY, 1986), em um esforço para livrar dos olhos da cidade o espetáculo da miséria que assolava as ruas. Mendigos, aleijados, pedintes e doentes prejudicavam a aparência e a imagem de progresso tão desejada e, por esta razão, foram isolados do mundo exterior por meio de práticas disciplinares para que se tornassem seres moralizados, sob pena de punições severas e fatais (SÁ, 1999). Essas práticas disciplinares tinham, segundo Koury (1986: 141), o propósito de:

“(...) por a pobreza em seu devido lugar: os locais de trabalho, as colônias de trabalho, os asilos e orfanatos, buscando educá-los ou reeducá-los para o trabalho produtivo, para a moral disciplinar (...) Moral esta que faz com que o homem comum pobre seja recatado, tenha vergonha da sua própria pobreza para vir expô-la a luz do dia”.

Percebe-se, então, que a aceitação das pessoas pobres na cidade da Parahyba na transição do século XIX para o século XX, só poderia ser realizada redirecionando-se para a formação de uma classe trabalhadora. O trabalho tornaria esta população submissa, regenerada e economicamente produtiva, não atrapalhando a ótica de

progresso local. Trabalho sem o qual o pobre, livre e despossuído de bens, não teria a mínima noção de cidadania (DINIZ, 1988).

As fábricas são vistas, neste momento, sob um prisma de organização da sociedade. O trabalho fabril integral e árduo passa a ser visto como um meio pelo qual a educação do homem pobre se torna possível, moldando-o ao convívio social. A ordem das fábricas atribuiria aos trabalhadores valores como obediência e respeito, mediante o cumprimento de práticas disciplinares. Os pobres, desta maneira, não se aglomerariam nas ruas, evitando comprometer a estética associada a uma “cidade moderna”. Enclausurados no trabalho produtivo, estariam colaborando, conseqüentemente, para a ampliação da economia da capital.

4- A descoberta da praia

Paralelamente à preocupação do governo em ampliar as áreas periféricas da capital em prol da preservação de sua área nobre, outra região era descoberta, alargando o leque geográfico da cidade. O litoral, até então escassamente freqüentado por alguns poucos representantes do poder dominante na Parahyba, passou a despertar interesse como um meio para o lazer. No entanto, como o acesso a esta área era demorado, devido ao enorme matagal que o separava da cidade, havia deslocamento apenas nas temporadas de verão (RODRIGUEZ, 1994). Por isso, nestas localidades⁸, os moradores eram trabalhadores ligados à pesca e à criação de gado, que dividiam os espaços da região com algumas poucas casas de veraneio.

As áreas de praia, neste cenário, despertavam cada vez mais o interesse das classes de nível sócio-econômico mais elevado da Parahyba. Houve, por isso, uma certa

⁸ Tais localidades correspondem hoje aos bairros de Tambaú, Cabo Branco, Manaíra e Bessa.

pressão e maior preocupação do poder público em relação à acessibilidade a essas regiões, uma vez que seus representantes também pertenciam a esses extratos. Somando-se a isso, no ideário moderno que movia a dinâmica urbana do local, a apropriação do litoral representaria o melhor caminho para os ares de desenvolvimento almejado pela Parahyba.

Com este intuito, em 21 de outubro de 1907, tem-se o primeiro acesso de trem à praia de Tambaú, inaugurando a chamada “Ferrovia Tambaú”, que passou a ser o principal meio de transporte da elite da capital em direção ao novo pólo de veraneio: a praia de Tambaú e adjacências. A reservada praia passa a ser vista, por conseguinte, como refúgio da nobreza da cidade e de todo o estado.

O aumento da procura pela região da praia de Tambaú que, apesar da distância, naquele momento passava a ser símbolo de status da população paraibana, exigia, cada vez mais, outras opções de acesso. Em nome da comodidade da população da cidade, em 31 de dezembro de 1921 foi inaugurada a linha de bondes movidos a gasolina que ligava o centro a Tambaú.

Até então, e por mais algumas décadas, com exceção dos pescadores e criadores já citados, Tambaú e região eram áreas vistas apenas como destino de férias, tanto pela distância, como também pela falta de saneamento, fazendo várias vítimas com as inúmeras epidemias de malária que as fortes chuvas que caracterizavam o mês de março traziam para o local (RODRIGUEZ, 1994).

Entre os veranistas da região, em sua maioria famílias nobres da cidade da Parahyba, ou mesmo de Recife, todos se conheciam e mantinham fortes laços de sociabilidade, uma vez que a ausência de muros entre suas residências facilitava a participação de uns na vida dos outros.

5- A reordenação paisagística: João Pessoa se volta para o mar

O crescimento da capital, agora chamada João Pessoa, exige a sua expansão para além do centro da cidade e das redondezas do rio. Suas adjacências, porém, eram contornadas por periferias, destacando a miséria e a sujeira que tanto tentaram disfarçar nas últimas décadas. A criação de uma nova área nobre, bela e asseada, se fazia necessária para complementar o projeto urbanístico moderno da capital, dando-lhe, assim, ares de progresso.

Com a abertura da “Estrada de Tambaú”, em 1933, ligando o centro à orla marítima, estava aberto o acesso entre a cidade e o Oceano Atlântico, onde o trajeto poderia ser feito de ônibus e até de automóveis. Tem-se, a partir disto, uma reorganização da paisagem urbana de João Pessoa que se estende por todo o século XX, quando a cidade se volta para o mar, marca da moderna sociedade pessoense, e dá as costas para o rio Sanhauá, berço da sociedade colonial paraibana.



Vencido o empecilho do acesso, combinado aos investimentos públicos de saneamento básico e infra-estrutura das áreas litorâneas, a praia deixa de ser apenas destino para temporadas de verão e passa a representar o mais almejado local de moradia fixa da elite paraibana.

Tranqüilidade e prestígio social eram o que motivavam as famílias tradicionais a se mudarem para as áreas de praia: beleza e novidade em termos de moradia na sociedade paraibana. Progresso e estética eram o que movia a dinâmica social da capital paraibana desde o fim do século anterior, o que muitas capitais brasileiras⁹, inspiradas no modelo parisiense¹⁰, haviam empreendido nas suas ordenações paisagísticas. Mas era

⁹ Como Rio de Janeiro, Salvador, São Paulo e Belo Horizonte (PINHEIRO, 2002).

¹⁰ Quando Paris, desde o século XIX, representava o modelo progressista de cidade moderna a ser seguida (SANTOS, 1988).

também o que faltava para João Pessoa, finalmente, enquadrar-se nos padrões modernos de urbanização.

Com a recente urbanização da orla marítima e o desejo cada vez maior de se estabelecer na nova área da cidade, em 1952 acontece, no local conhecido hoje por “Busto de Tamandaré”¹¹, em Tambaú, a solenidade inaugural da avenida calçada, até então conhecida como “Estrada de Tambaú”, passando, 2 anos depois, a se chamar Avenida Epitácio Pessoa¹² (LEITÃO, 1998). A principal avenida da cidade passa a ser responsável não apenas por ligar o centro à orla marítima, mas também por promover a ocupação e formação de vários outros bairros da capital¹³.

O deslocamento das classes de maior poder aquisitivo do centro de João Pessoa para os espaços litorâneos e situados nas proximidades da nobre avenida despertou o olhar das grandes empresas situadas no centro da cidade. Estas passaram a se transferir também para a Avenida Epitácio Pessoa, visando estar mais próximas do seu público alvo.

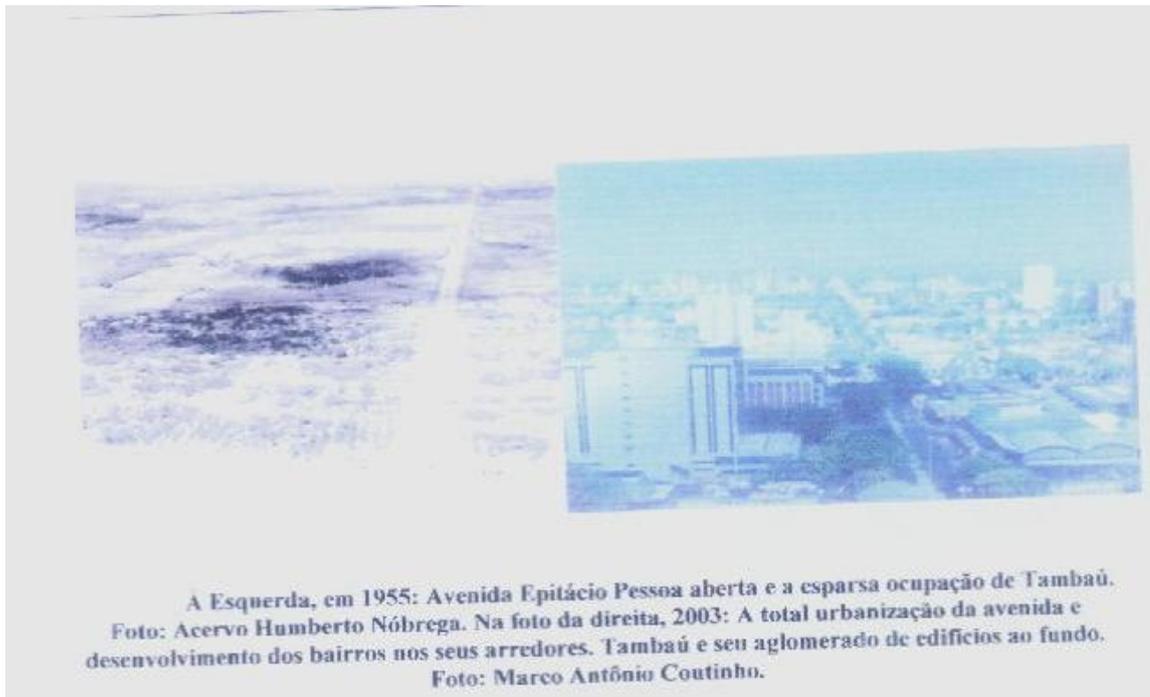
A cidade passa, gradativamente, a deslocar o seu centro nervoso, comercial e de moradia, para as áreas de praia e adjacências. Tem início, como em grande parte das capitais brasileiras neste momento histórico e social, a degradação do centro, que passa a abranger o comércio popular e o poder público. Por outro lado, vários dos símbolos urbanos que representavam seu contexto histórico perdiam o sentido para os habitantes da cidade e eram deixados em estado de abandono (HONORATO, 1999).¹⁴

¹¹ Onde está fixada a estátua com o busto de Almirante Tamandaré, que dá nome à avenida atlântica de Tambaú. Uma homenagem ao patrono da Marinha Nacional (LEITÃO, 1998).

¹² Homenageando o paraibano ex-presidente da República.

¹³ Entre eles: Bairro dos Estados, Expedicionários, Tambauzinho e Miramar nas redondezas da avenida. Como também Tambaú, Cabo Branco, Manaíra e Bessa, com a urbanização do litoral.

¹⁴ Nos últimos anos, muitas das capitais brasileiras vêm investindo em projetos de restauração arquitetônica e “desmarginalização” dos seus centros históricos, implantando áreas de lazer, bem como eventos públicos de diferentes naturezas, resgatando a vida social nesses espaços e promovendo o



Percebe-se a reconfiguração do cenário urbano da capital paraibana, a partir do final da década de 50 e durante todo o século XX, quando miséria e afluência passam a ocupar, parcialmente, posições opostas no mapa da cidade, legitimando relações de desigualdade, exclusão e privilégios, reproduzidos ainda nos dias atuais.

Esta separação pode ser melhor visualizada no mapa que se segue:

MAPA QUE REPRESENTA A SEPARAÇÃO ENTRE ÁREAS PERIFÉRICAS E ÁREAS NOBRES DA CIDADE DE JOÃO PESSOA

Fonte: Secretaria de Planejamento do Município.



6- De vila de pescadores à “menina dos olhos pessoenses”.

Tambaú¹⁵ passou a ser considerado distrito pela lei nº 2.638, em 20 de dezembro de 1961, abrangendo toda a área de Cabo Branco a Manaíra. Permaneceu assim até a atual Constituição do Estado, que pelo art. 65 do ato das Disposições Constitucionais Transitórias, revogou a lei de sua criação, transformando-o em bairro integrante da capital (LEITÃO, 1998).

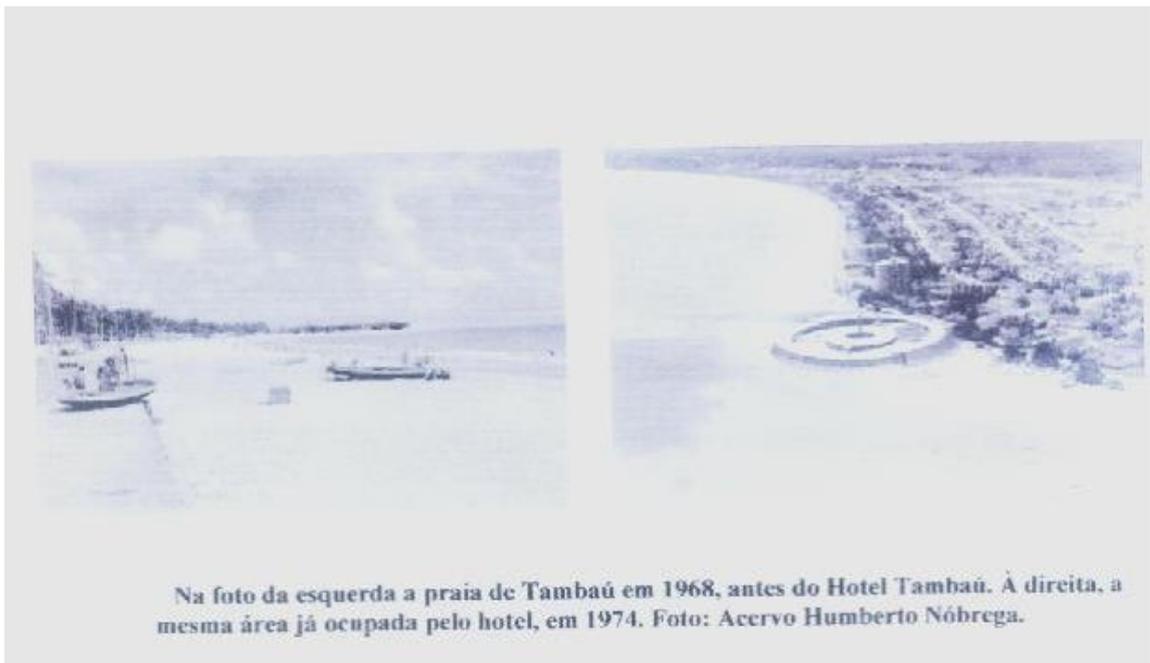
A antiga vila de pescadores, escassamente visitada, carrega, a partir de então, o status de “menina dos olhos pessoenses”. Bairro nobre da capital, almejado pela alta sociedade paraibana, viu seus espaços serem supervalorizados, levando à sua completa urbanização e escassez das casas populares que abrigavam sua antiga população de pescadores, cedendo lugar aos novos moradores, predominantemente de classe média, nas décadas seguintes até os dias de hoje¹⁶. Assim como ocorreu em outras cidades litorâneas brasileiras, “as mudanças de moradia muitas vezes correlacionam a ascensão social à residência na área da cidade de maior status, (...) a região próxima à orla marítima passa a caracterizar-se como símbolo de prestígio e status” (BARROS, 1995:97).

Na história de Tambaú, e da Paraíba em geral, merece destaque a construção de um hotel no final dos anos 60 que, ainda hoje, representa um dos maiores pontos de referência no bairro. O Hotel Tambaú, construído em uma área de 18.576 m² pertencente ao Patrimônio da União, marca o início do turismo no estado. Apesar da

¹⁵ A palavra Tambaú tem origem indígena e seu significado está entre “Rio das conchas” e “Onde se apanha ostras e conchas”, segundo o historiador Horácio de Almeida (AGUIAR, 1993: 283).

¹⁶ Alguns poucos trechos em Tambaú - Avenida Nego e Rua Paulino Pinto - ainda abrigam parte dessa população nativa, que tem se tornada cada vez mais rara devido às propostas das construtoras e ao alto custo de vida que o bairro impõe.

perda de parte da paisagem do pontal de Tambaú - uma vez que a arquitetura estratégica do hotel toma a praia e adentra o mar – ter causado revolta em parte da população local, o hotel foi (e ainda é) o maior responsável pelo fluxo turístico da região, incentivando o estabelecimento de mais hotéis, restaurantes, mercados de artesanato, bares e bancos nestas áreas (HONORATO, 1999).



A percepção de Tambaú como o bairro do turismo e das belas construções, despertou o interesse de inúmeras construtoras levando, com exceção da avenida litorânea¹⁷, à sua total verticalização. Os terrenos desocupados, as velhas construções e

¹⁷ A construção de prédios altos na extensão da orla marítima é proibida por uma legislação estadual. O embate acerca da proibição de edifícios espigões na orla foi travado desde o governo João Agripino (1966-1970), quando este, sentindo-se “*pressionado pela ação dos segmentos sociais, inseriu na Constituição do Estado da Paraíba uma emenda que vetava a concessão da licença para a construção de prédios com mais de três pavimentos no setor da orla*” (HONORATO, 1999, p. 59). Esta legislação visava proteger o seu patrimônio paisagístico. Porém, desde que a lei foi criada até os dias de hoje, várias lutas se iniciaram no sentido de mantê-la ou não. De um lado, as especulações imobiliárias, de outro, os movimentos de defesa paisagística da orla. Este enfrentamento gerado pelos diversos grupos da sociedade

as casas simples passaram a ser retirados da paisagem do bairro, dando lugar a edifícios de grandes proporções, padronizando as áreas de moradia em Tambaú, em torno de uma classe média cada vez mais homogênea em relação a nível social, econômico e cultural¹⁸. Para Honorato (1999: 63)

“Uma noção de modernidade parece embasar o ideário dos que buscam a liberação do gabarito das construções, e se formula sobre um modelo de desenvolvimento urbano espelhado na aparência dos trade centers das grandes cidades. Modernidade e crescimento econômico. Em torno dessa questão desenvolve-se toda uma teoria local sobre a promoção turística institucionalizada pelo poder público, através da descoberta desse filão para vender a cidade ao visitante e atrair recursos e investimentos econômicos”.

Com o desenvolvimento residencial e comercial de Tambaú e arredores, o bairro passou a ser visto como central, tornando-se destino ou corredor de passagem para todos os bairros da orla pessoense, pois diversas linhas de ônibus passaram a ligá-lo a todos os extremos da capital. O comércio destinado a diferentes tipos de público consumidor, desde turistas a moradores de poder aquisitivo variado, transformou Tambaú em ambiente de trabalho e de compras. Por ser turístico, passou a concentrar diferentes opções de lazer, atraindo moradores de toda a capital em seus momentos de descanso. Em suma, sua área comercial, estrutural e de lazer passou a atrair pessoas com relações diversas para com o bairro. Alguns eram moradores, outros consumidores ou ainda trabalhadores.

paraibana vem se revigorando através de diferentes argumentos, seja a geração de empregos e maior recolhimento de impostos, seja a violação das características ambientais da cidade. O fato é que a perspectiva de mudança da lei é geradora de inúmeras discussões na atualidade.

¹⁸ Os ambientes predominantemente classe média são caracterizados por posturas mais individualistas, impessoais e pela perda de referenciais entre vizinhos, fragmentando os contatos cotidianos em prol de uma cordialidade fria, como forma de preservação do seu universo privado (SIMMEL, 1987; BOURDIEU, 1983; VELHO, 2004). Neste sentido, o bairro de Tambaú, inserido em uma capital de médio porte, passa a apresentar características comuns a grandes metrópoles.

João Pessoa alcança, neste momento, a oportunidade tão esperada para o orgulho e reconhecimento. Tambaú atinge o estágio de desenvolvimento almejado levando-o ao patamar de símbolo da cidade. As belas construções e a infra-estrutura pública e comercial do litoral passam a ser percebidos como sinais de prosperidade e, portanto, como espaço que representa a capital paraibana. A orla torna-se chamariz para que todos os moradores da cidade venham usufruir e contemplar a realização do sonho pessoense de civilização. Em outros termos, a cidade não é mais identificada com suas áreas abandonadas e carentes que não possuem os atributos necessários a uma cidade desenvolvida.

A expansão da cidade, tornando locais antes isolados em territórios de contato entre a diversidade de indivíduos que os adentram em movimentos distintos, origina, deste modo, uma série de relações de interatividade e estranhamento, reproduzindo sociabilidades e reforçando diferenciações de múltiplas esferas pelo choque entre identidades construídas a partir de trajetórias sociais variadas. A formação e crescimento emergentes de Tambaú e região - nobre, urbanizado, de lazer, de comércio, belo, organizado, turístico, animado - em dissonância com grande parte dos bairros de João Pessoa - pobres, desestruturados, feios, sujos, incongruentes, insalubres - tornou-o palco de inúmeros contrastes, formando percepções e vivências distintas pela diversidade de atores que o encenam cotidianamente.

7- Acerca do elucidado

Este capítulo apresentou os principais fatores que influenciaram a estruturação urbana atual de João Pessoa através do papel de Tambaú no desenvolvimento da cidade,

qual seja, reorganizando o seu crescimento para além das redondezas do rio Sanhauá e deslocando sua abrangência para o alcance das áreas litorâneas.

Os dois grandes movimentos extremos de expansão de João Pessoa foram explanados para a percepção da maneira como os bairros se colocam na dinâmica sócio-espacial da cidade e se relacionam uns com os outros. Não pertence aos propósitos deste estudo realizar uma reconstrução da história de fundação da cidade, visto que isto já foi feito em muitos outros trabalhos (AGUIAR, 1993; AGUIAR e OCTAVIO, 1985; BARRETO, 1996; HONORATO, 1999; RODRIGUEZ, 1994; ROHAN, 1911). Nos limitamos aqui à contextualização da situação urbana da Parahyba na virada do século XIX para o século XX para situar Tambaú como fundamental na divisão de águas que incitou o desenvolvimento e organização espacial atual de João Pessoa.

Consideramos esta contextualização inicial necessária para a compreensão do leitor acerca do caráter heterogêneo que permeia o campo no qual o objeto de reflexão deste estudo se debruça, bem como da complexidade inerente à forma de inserção do bairro no cotidiano pessoense e das conseqüências destas relações nas formações societárias engendradas em seu interior.

Apreendidas as especificidades constitutivas da conformação atual do bairro de Tambaú, o capítulo seguinte concentrar-se-á nos pressupostos analíticos que subsidiaram a realização da pesquisa apresentada neste trabalho, em busca de um embasamento teórico-metodológico acerca dos temas que envolvem o objeto, abrindo os caminhos pelos quais o estudo poderia seguir.

CAPÍTULO II

DESCORTINANDO O TEMA, ESBOÇANDO A PRÁTICA: TRAÇOS DA PESQUISA TEÓRICO-METODOLÓGICA.

1. Incursão teórica

As questões que cercam os debates sobre a vida social urbana contemporânea norteiam as reflexões teóricas deste trabalho. A abordagem realizada consistiu em uma tentativa de compreensão dos modos de vida, comportamentos sociais e transformações culturais que permeiam o cotidiano dos atores urbanos contemporâneos. Buscou-se apreender, em específico, as bases criadoras das diferentes formas de sociabilidade e delimitações identitárias no que tange à heterogeneidade de indivíduos e grupos sociais que permeiam este contexto social, qual seja, o exercício de viver, interpretar, classificar e compartilhar a cidade.

A análise aqui apresentada tomou por base estudos de sociologia urbana, sociologia da cultura, sociologia das emoções, sociologia da vida cotidiana, sociologia do consumo, bem como temas e autores ligados à antropologia urbana, antropologia social e antropologia cultural, que remetiam à compreensão dos modos de vida citadinos no tocante à cultura, identidade e práticas de interação dos indivíduos inseridos no cenário contemporâneo. Buscar-se-á, neste momento, desenvolver os processos sociais inerentes ao tema em questão, tais como, a diversidade urbana, as formas de sociabilidade construídas pelos diferentes grupos, os gostos e estilos de vida citadinos, os sistemas classificatórios na construção de fronteiras.

1.1- Viver na cidade

“A partir dos gestos, olhares, performances de seus moradores; dos itinerários, dramas e intrigas vividos por eles; das formas de sociabilidades e das linguagens ordinárias da rua, todos descritores desta topofilia que re-envia as projeções individuais e coletivas dos traços de uma cultura e de uma civilização. A cidade ressurgente enquanto manifestações expressivas dos gestos humanos que lhe fazem ascender a status legítimo de espaço habitado” (ECKERT e ROCHA, s/d: 08).

A cidade aparece, na sociedade contemporânea, como o lócus onde se situa a maioria das grandes mudanças que caracterizam este momento social. No cenário urbano, assiste-se ao avanço da tecnologia e à (cada vez maior) velocidade das informações. É onde também, principalmente no caso das regiões em desenvolvimento, estes fatores se mesclam ao caos determinado pela precariedade de certas condições de existência, como saúde, educação, habitação e segurança pública. É o espaço da ascensão e dos riscos sociais, do desequilíbrio espacial, das mudanças culturais, da perda do velho, da aquisição do novo.

Habitar a cidade significa correr riscos, viver em conjunto com o familiar e com o diferente, assimilar as desigualdades, estabelecer códigos, interpretar imagens, selecionar espaços, assumir papéis individuais e coletivos, estabelecer uma rede de interações, físicas e simbólicas, experiências múltiplas onde o cenário urbano, difuso e ambíguo, é palco. Pertencer à cidade implica estabelecer espaços de enraizamento, organizando os lugares de inserção e a rede de relações, suportes urbanos em que se quer participar (ARENDDT, 1993). Por outro lado, o panorama urbano apresenta

reflexos de ordem social, econômica, cultural e política dos quais o mesmo indivíduo se escusa vivenciar.

A reflexão sobre a diversidade de indivíduos no universo social urbano já foi objeto de investigação dos clássicos da sociologia urbana (SIMMEL, 1987; BENJAMIN, 1986; WIRTH, 1987). Tal diversidade implica a realização de escolhas, apropriações e intersecções distintas, pautadas nas trajetórias individuais e sociais que definem o arcabouço cultural de cada um dos seus habitantes. As interações produzidas por este intercâmbio entre diferenças sócio-culturais no interior do cenário heterogêneo e multidimensional das cidades é o que esta discussão visa abranger.

Magnani (1992:60), define a sociedade urbana contemporânea como uma:

“(...) sociedade dividida em classes e grupos sociais com interesses muitas vezes antagônicos, com diferenças étnicas e regionais, pluralidade de crenças, complexa divisão técnica e social do trabalho. Numa palavra: os padrões culturais, longe de apresentarem homogeneidade são múltiplos, diferenciados e, não raro, conflitantes entre si” (MAGNANI, 1992: 60).

Partimos da concepção de que a existência de vários mundos sociais em interação impulsiona constantes transformações na dinâmica sócio-espacial da trama relacional que dá sentido ao cotidiano cidadão. Para Santos (1985), a heterogeneidade social não é apenas uma propriedade das cidades, como também o princípio que as tornam cidades. Voltemos à gênese deste processo, a modernidade, para que percebamos como as influências mútuas entre relações sociais urbanas e panorama espaço-temporal se configuram.

1.2- Modernidade e diversidade

O advento da modernidade tem como um de seus fundamentos o aumento populacional que motivou o crescimento das cidades e suas mudanças sócio-culturais (BENJAMIN, 1986). Este fator possibilitou a aproximação entre indivíduos dos mais diversos segmentos sociais, oriundos de diferentes realidades que se aglomeravam nos centros urbanos atraídos pelos benefícios que as cidades modernas ofereciam, entre eles, maior possibilidade de emprego e qualidade de vida para os que investissem neste cenário. O morador das grandes cidades passa, neste momento, a dividir os espaços públicos com uma diversidade de desconhecidos de origem ignorada. Ao comportar estas diferenças, o contexto urbano evidencia desigualdades (VELHO, 2000).

O anonimato surge como consequência do aumento populacional e da diversidade social, provocando mudanças na personalidade do indivíduo urbano e gerando transformações na percepção dele para com o desconhecido com quem compartilha os espaços da cidade. Os indivíduos passaram a assumir uma postura mais racional, estabelecendo diferenciações entre si, isolando-se como forma de garantir a segurança e preservação da sua individualidade. Produz-se, deste modo, o sentimento de solidão, mesmo perante a uma grande quantidade de pessoas (SIMMEL, 1987).

“Este homem solitário é o habitante da metrópole, cuja atitude blasé, no sentido de Simmel, permite a sobrevivência numa grande cidade. Os sujeitos transitam em diferentes grupos, interagindo e adaptando-se, mas sob o anonimato, convivem superficialmente em muitas instâncias, diferente da relação face a face” (GIACOMAZZI, 1997: 63).

O moderno indivíduo urbano caracteriza-se por um individualismo exacerbado que fragmenta suas relações, tornando-as mais impessoais e garantindo um sentimento de segurança entre desconhecidos. “A própria pessoa estranha é uma figura ameaçadora, e muitos poucos podem sentir um grande prazer nesse mundo de estranhos: a cidade cosmopolita” (SENNET, 1998: 16). À medida que o ator urbano não reconhece a personalidade alheia, passa a desconfiar também dos efeitos produzidos por ela e, por isso, torna-se mais indiferente acerca das situações que envolvem os outros habitantes da cidade.

O estranhamento passou a orientar o cotidiano dos indivíduos urbanos e a falta de reconhecimento identitário para com as características que envolvem os demais levou a critérios de classificação e hierarquização no estabelecimento das relações, pela falta de garantia de que o reconhecimento e a reciprocidade seriam mantidos (KOURY, 2002). O distanciamento entre os atores urbanos, desta forma, apresenta-se como forma de se defender do perigo que o estranho representa, quando se desconhece a intencionalidade dos seus atos, gerando uma atitude de reserva para assegurar o sentimento de segurança.

“Reféns do estranhamento, indivíduos em suas redes de pertencimento designam como perigosos: territorialidades, trajetos, situações, horários, e indivíduos que, potencialmente estranhos, ameaçam a ordem social. A desconfiança do outro os mergulha no sentimento de esvaziamento dos sentidos coletivos, fortalecendo ainda mais as bases de um ethos social hiperindividualista” (ECKERT, 2003: 50).

Como fuga da solidão a que o indivíduo urbano se vê sujeito em seus contatos cotidianos com desconhecidos, este passa a buscar a sua inserção em um meio social formado por semelhantes para que se sintam reconhecidos enquanto portadores de características ou interesses comuns. Compreender a dinâmica de formação dos grupos,

neste sentido, é fundamental para o entendimento da sociabilidade que permeia as cidades contemporâneas (MAGNANI, 2002).

1.3- Sociabilidade, pertencimento e lazer na cidade.

Sennet (1998), falando sobre o indivíduo moderno, afirma uma busca narcísica na autopercepção que o indivíduo constrói a partir das suas interações com o outro, tentando agir dentro de determinados padrões sociais, segundo modelos internos de avaliação. Segundo o autor, o processo de formação do sujeito psíquico individual ocorre por meio da identificação de características que sejam comuns à sua própria personalidade. Há um reconhecimento de si no outro, proporcionando a construção de um sentimento de familiaridade.

Como forma de fugir do estranhamento e da desconfiança sobre o desconhecido e o diferente, o indivíduo busca introduzir-se em um meio social formado por semelhantes para que se sinta reconhecido, originando grupos de interação entre pessoas que partilhem de características comuns, assegurando o seu pertencimento e ampliando, dessa forma, a rede de trocas e a sociabilidade entre os membros (BAUMAN, 2003). Neste sentido, símbolos particulares exercem a função de laços de compartilhamento para o reconhecimento identitário necessário para a afirmação do outro como igual e, por isso, pertencente a um mesmo círculo relacional (MAGNANI, 2002; MAFFESOLI, 1987; SENNET, 1998).

As diferentes trocas interacionais estabelecidas pela sociabilidade entre os indivíduos urbanos são, assim, organizadas dentro de um contexto classificatório, através do compartilhamento de valores culturais diversos, determinando a inclusão e a

exclusão de atores em universos específicos. Estes universos permitiriam uma aproximação entre iguais, ou semelhantes, possibilitando-lhes um tipo de interação baseada em práticas sociais, laços pessoais e marcas de uso e significado que permeiam formações societárias peculiares. Conseqüentemente, devido aos princípios simbólicos que definem particularidades distintas, certos grupos aparecem para a cidade como verdadeiras instituições sociais.

As diversas formas de sociabilidade que agregam indivíduos em segmentos sociais específicos, colocando em evidência diferenças culturais, estilos e valores sociais específicos, encontram maior visibilidade nas práticas de lazer¹⁹ nos espaços públicos urbanos. De acordo com Amaral (1998), as festas, como categoria de lazer, têm a função de negar ou afirmar valores sociais, pois a convivência entre diferentes grupos proporcionada por estas obriga a reelaboração de conceitos e papéis sociais. Para Magnani (2002), a sociabilidade convertida em lazer nas grandes cidades é a forma mais propícia para a troca entre desconhecidos que leva à reafirmação de identidades sociais.

As modalidades de lazer na cidade se situam, nesta perspectiva, como oportunidade dos indivíduos urbanos exercitarem suas regras de reconhecimento e identificação para com seus semelhantes, processo que garante a manutenção de sua rede de sociabilidade. Por outro lado, a proximidade espacial que a sociabilidade urbana possibilita, coloca em maior evidência a grande distância cultural que se configura entre os diferentes grupos, particularizando-os, e legitimando, como já citado, a diferenciação social no contato entre modos de vida culturalmente antagônicos e diversificados (MAGNANI, 1984).

¹⁹ Entende-se por lazer o conjunto de ocupações que preenchem o tempo livre do cidadão, em oposição ao seu universo de trabalho (MAGNANI, 1984). O lazer que interessa à discussão consiste no lazer social, ou seja, o lazer público no sentido de ser praticado fora do ambiente privado da casa, como festas (religiosas ou profanas), esportes, viagens, compras, espetáculos, praia, gastronomia, entre outros.

1.4- Habitus, estilos de vida e organização espacial.

Bourdieu (1983) percebe a cidade como um mercado de trocas simbólicas entre os diferentes grupos e seus estilos de vida. Ela é o somatório dos estilos dos grupos que a vivenciam, onde, a partir das suas escolhas, eles se diferenciam dos demais, expressando sua singularidade através de práticas simbólicas que os remetem à sua posição na estrutura social. Esta posição é que vai determinar o valor de cada símbolo que o representa. Para Scocuglia (1993: 04):

“Devem ser levadas em consideração as diferenças existentes no plano das relações simbólicas, da situação de mercado, e até mesmo de suas formas de consumo e de reprodução (não apenas de bens materiais, mas também de informações, etc). Estas diferenças estão, por sua vez, diretamente vinculadas às trajetórias individuais ou de grupos, e às leituras específicas do sistema simbólico, ou seja, da cultura da qual fazem parte”.

Ainda de acordo com Bourdieu (1983) as escolhas feitas pelos diferentes indivíduos no interior dos seus círculos, ao mesmo tempo em que funcionam como fator de agrupamento, também funcionam como construtores de fronteiras, pois impõem limites simbólicos para a manutenção da posição do grupo na estrutura em que ele se insere, garantindo a organização social. Neste sentido, os estilos de vida que representam os grupos também geram afastamentos, pois os padrões culturais são múltiplos e diferenciados, evidenciando relações tanto de associação, como também de dissociação na estratificação social. Para o autor,

“as diferentes posições que os grupos ocupam no espaço social correspondem estilos de vida, sistemas de diferenciação que são a retradução simbólica de diferenças objetivamente inscritas nas condições de existência” (BOURDIEU, 1983: 82).

As práticas sociais dos atores urbanos resultariam, neste sentido, de um *habitus*²⁰ - enquanto sistema gerador e classificador de práticas - inerente às suas trajetórias sociais, e de um campo de possibilidades, espaço de obrigações, onde se configuram as distinções entre os grupos, no que tange à suas situações e posições sociais. O *habitus* de um grupo, neste sentido, implica na orientação das práticas relacionais entre os seus agentes e deles para com os demais grupos, a fim de gerar as classificações que sustentam as representações dos grupos frente à sociedade. Os diferentes estilos de vida encontram aí o cenário social de sua manifestação, manipulando identidades, elaborando esquemas de percepções, delimitando espaços, gostos e modos de conduta que os caracterizam. Neste sentido, as retratações que os indivíduos inseridos em cada grupo têm de si mesmos e do universo social em que transitam, possibilitam situá-los em determinadas posições na estrutura social, revelando os estilos de vida a eles correspondentes (SCOCUGLIA, 1993).

Segundo Santos (1998: 83) “o espaço urbano é diferentemente ocupado em função das classes e dos grupos em que se divide a sociedade urbana”. A rede urbana, assim, “tem um papel fundamental na organização do espaço, assegurando a integração entre fixos e fluxos, isto é, entre a configuração territorial e as relações sociais” (SANTOS, 1994: 112). O espaço público, nesta perspectiva, é percebido como suporte de muitas apropriações. É o lugar do encontro com o estranho, diferente. Não obstante, possibilita o reconhecimento entre portadores de particularidades estando sempre sujeito a renegociações. A partir da forma como o espaço é apropriado por determinado grupo é que ele passa a representar a identidade que caracteriza este grupo.

²⁰ Bourdieu (1983: 60 - 61) define o conceito de *habitus* como: “sistema de disposição durável e transmissível, estruturas estruturadas predispostas a funcionar como estruturas estruturantes, isto é, enquanto princípios geradores e organizadores de práticas e representações”.

Santos (1998) ainda ressalta que os indivíduos urbanos percebem os espaços que constituem a cidade não apenas através da sua estrutura territorial, mas principalmente a partir das emoções que os mesmos despertam aos valores contidos na identidade cultural daqueles que interagem em seu interior, podendo, a partir disto, tornarem-se lugares de sentido. As representações espaciais se constituiriam, assim, através dos esquemas de percepção e apreciação dos indivíduos, construídos a partir de suas trajetórias singulares e experiências em posições sociais inseridas em uma rede de interação. O mesmo autor define lugar como:

“(...) uma teia de objetos e ações com causa e efeito que formam um contexto e atinge todas as variáveis já existentes, internas; e as novas, que se vão internalizar” (SANTOS, 1994, P. 97).

De acordo com Menezes (2000), para se compreender um lugar e, principalmente, sua organização e transformações sócio-espaciais, é preciso que se conheça a dinâmica das relações de complementaridade entre o global e o local. Segundo ela, apreender a noção de remodelação é fundamental para a prática deste exercício, pois:

“a idéia de remodelação permite conhecer e estudar as dinâmicas sócio-espaciais como um processo de (re)criação ou invenção constante dos espaços-habitat, das formas de habitar e das formas de pensar o habitar (...); a questão das identidades culturais não pode ser abordada no exterior de uma reflexão sobre as novas formas de organização do território(...) é por isso importante não só identificar as formas espaciais, mas também compreender as articulações e os desajustes produtores de movimento” (MENEZES, 2000: 172).

O espaço, neste sentido, se torna uma extensão da personalidade dos que dele se utilizam em trocas interacionais. Ele passa a ser responsável pelo agrupamento de semelhantes, na medida em que as pessoas se identificam com as características que o

fundam. Ao mesmo tempo, também delimita fronteiras para indivíduos que não se identificam com a imagem inerente ao local, colocando-os como exteriores ao lugar. Este processo se dá porque dois indivíduos diferentes não enxergam determinado espaço da mesma forma. A identificação depende, assim, da identidade, da cultura e da trajetória social de cada ator. A criatividade na elaboração de códigos e regras por cada grupo recria a sociedade, pois eles interpretam a vida social a seu modo, de acordo com a cultura que os permeia (YAMADA, 1999). Kumar (1997:203), ressalta que:

“A identidade do lugar, e das pessoas a ele ligadas, não é fixa: é uma variável, dependendo de uma combinação específica de local e forças e circunstâncias não-locais (...) O local gera lealdades ferozes e embora estas possam sempre se tornar exclusivas e xenófobas, também podem fornecer recursos para criar um novo senso de lar e uma nova negociação de identidade”.

A partir de códigos e símbolos de reconhecimento construídos em suas interações sociais, os espaços de práticas relacionais são considerados como suportes de sociabilidade, um espaço entre o público e o privado (MAGNANI, 2002). Esta afirmação se fundamenta por estes espaços não possuírem as mesmas características da esfera pública, uma vez que suas relações não são caracterizadas pela impessoalidade e anonimato, mas fundadas em afinidades; ao mesmo tempo, o indivíduo não exerce a autonomia e a liberdade individual que caracteriza sua esfera privada, pois pertencer ou não ao espaço social implica o cumprimento de determinadas regras, símbolos de proximidade que determinam padrões para a manutenção do grupo. As linhas da fronteira são compreendidas através da delimitação de uma singularidade frente aos outros que garante o sentimento comunitário entre seus membros. Assim, a construção de fronteiras dá suporte à consolidação de um espaço simbólico e constitucional (KOURY, 2004).

1.5- Os sistemas classificatórios na construção de fronteiras

Para Koury (2002), fronteiras correspondem a limites concretos ou simbólicos que definem o pertencimento de um indivíduo a determinado grupo, distinguindo-o daqueles que não fazem parte do mesmo. A fronteira simbólica caracteriza, concomitantemente, o espaço de inclusão e de exclusão, pois se cristaliza a partir da ação relacional afirmativa ou negativa do grupo para com o indivíduo.

Sarti (1994) também trabalha com a idéia de fronteiras simbólicas, focalizando as relações de vizinhança para entender os processos de diferenciação e de identificação entre eles, por meio da atribuição de sistemas classificatórios. Neste sentido, as fronteiras simbólicas são criadas em uma lógica de classificação, acentuando as distinções entre os indivíduos pela reprodução de hierarquias sociais.

Seguindo o mesmo raciocínio, Heller (1985) afirma que esse esforço por se diferenciar do outro é, em grande parte, característico de indivíduos em posições dominantes que se vêem ameaçados em sua coesão social e, por isso, assumem preconceitos como forma de excluir o outro, visto como inferior, mantendo, deste modo, sua posição hierárquica. Tem-se, muitas vezes, a idéia de que a inserção de determinado grupo em um espaço social específico veio a originar mazelas para o meio social a que eles pertencem, principalmente quando ocorre concorrência por apropriação de espaços. O problema é fruto do outro, o mal vem de fora. Neste sentido, a diminuição do valor de determinado grupo é condição essencial para a elevação do valor de outro grupo.

Para Bourdieu (1980), o arbítrio cultural que delineia as formas de consumo, a posição nas relações de produção e a reprodução de relações simbólicas comuns aos membros de um grupo, baseiam-se nas divisões e hierarquias estabelecidas entre objetos, pessoas e práticas sociais.

De acordo com Elias (2000), todos os grupos humanos em todas as sociedades tendem a estabelecer critérios de classificação para a manutenção da sua posição dominante no esquema de diferenciação social que define as fronteiras de pertencimento dos indivíduos a seus grupos. Segundo essas classificações, o outro é sempre percebido como tendo menor valor. A construção dos canais de inclusão e de exclusão que definem os limites para a determinação de quem são os outros, os de fora, ajuda a reforçar o que somos nós. Os outros, nesta linha, são os que estão fora dos limites do grupo por não adotarem comportamentos e nem seguirem os padrões e símbolos estabelecidos para a manutenção da rede de compartilhamento que os torna um grupo. A existência do estranho ao grupo ou círculo social, ou seja, o contato com os que estão além dos limites espaciais ou simbólicos do grupo, ajuda a reforçar o sentimento de pertencimento do indivíduo ao meio social que ele faz parte. Segundo Koury (2004: 44),

“ao servir de linha demarcatória que permite dizer que se é membro ou que se está em seu interior, espacial ou simbólico, a fronteira estabelece parâmetros para se pensar ou vivenciar o dentro e o fora. Cria e delimita os contornos sociais e culturais do grupo, ou seja, a possibilidade do grupo se diferenciar, enquanto traços socioculturais, de memória e de sociabilidade. O que confere ao grupo, por um lado, uma identidade singular”.

Cada ida à fronteira grupal gera uma celebração do sentimento comunitário que dá sentido ao espaço de sociabilidades, pois remete o indivíduo às particularidades do círculo de relações e da identidade do grupo do qual faz parte, reforçando esses

limites (HANNERZ, 2001). Ao mesmo tempo, ultrapassar os limites que definem o grupo permite a ampliação das fronteiras simbólicas, com a inserção de novos membros. Para Yamada (1999) o que move a realidade urbana é o intercâmbio que surge através da aproximação de diferentes grupos na circulação entre um espaço e outro.

A eleição de valores que funcionam como sistemas classificatórios para a identificação ou para o estranhamento se, por um lado, age na construção de fronteiras, evidenciando desigualdades que diferenciam os atores sociais urbanos cotidianamente, por outro, possibilita a construção de signos que dão sentido à identidade social que aproxima os atores, colocando-os em uma posição de igualdade, garantindo um sentido de familiaridade e criando uma rede de afetos que tornam o indivíduo pessoa (KOURY, 2001).

Uma característica fundamental para se pensar na categoria *identidade* na sociedade contemporânea é o seu caráter flutuante. Identidades sociais são identidades em movimento, fragmentadas e multiplamente construídas ao longo de discursos, práticas e posições que podem se cruzar ou ser antagônicos, estando em constante processo de transformação. Partindo desta premissa, Hall (2000: 39 e 40) afirma:

“As identidades são fabricadas por meio da marcação da diferença. Isso ocorre tanto por meio de sistemas simbólicos de representação quanto por formas de exclusão social. A identidade, pois, não é o oposto da diferença: a identidade depende da diferença. Nas relações sociais, essas formas de diferença – a simbólica e a social – são estabelecidas por meio de sistemas classificatórios. Um sistema classificatório aplica um princípio de diferença a uma população de uma forma tal que seja capaz de dividi-la em no mínimo dois grupos opostos – nós/eles; eu/outro”.

Parte-se da idéia de que as identidades não são pautadas em essências concretas. As identidades são construídas a partir de sua relação com outras identidades sociais. Os valores que determinam a diferenciação que as opõe, no entanto, são modificados a partir da constante introdução de novos costumes, modos de vida e práticas culturais na dinâmica de organização de um universo social. Com isso, os valores que orientam a delimitação de significados que constroem as identidades e que enquadram os indivíduos em regiões morais específicas também se transformam, trazendo sempre novos elementos que passam a movimentar a classificação que define as interações sociais em um espaço relacional (BAUMAN, 2003; MOURA, 2003).

Para Penna (1992), as identidades sociais são construções maleáveis, redutoras e simplificadoras, uma vez que a marca eleita como critério para a distinção, agrupamento e construção de identidade é sempre escolhida entre outros traços e referenciais possíveis. O mundo social é organizado simbolicamente a partir do elemento diferenciador escolhido: “são estabelecidas as fronteiras do grupo, direcionando a relação *nós/outros* e tornando o grupo socialmente visível” (PENNA, 1992: 142).

As fronteiras, a partir desta definição, são orientadas muito mais pelos vínculos culturais de percepção e identificação do outro, o diferente e ameaçador em potencial, do que pela definição de um esquema de características, interesses e projetos comuns a agentes inseridos em grupos específicos. Percebe-se, assim, que os contornos que definem as particularidades do *nós*, se projetam como consequência da classificação que se exerce sobre o *outro*. Diferenciando-o eu me defino. O *outro*, concomitantemente, é sempre contextualizado de acordo com a posição ocupada e a situação vivenciada pelo *nós*. Como levanta Elias (2000: 210):

“Os grupos humanos vivem na maioria das vezes com medo uns dos outros, e freqüentemente sem conseguirem articular ou esclarecer as razões do seu medo. Eles se observam mutuamente, enquanto se tornam mais fracos ou mais fortes. Sempre que possível tentam evitar que um grupo vizinho alcance um potencial maior do que o próprio. Sejam quais forem as formas assumidas por essas rivalidades elas não são subprodutos ocasionais, mas traços estruturais das figurações em que se concentram envolvidos. Tais figurações indicam, em meio a grande variação, determinados aspectos em comum. Um deles é o perigo em potencial que os grupos representam uns para os outros. Nessa situação, a promoção da auto-estima coletiva fortalece a integração de um grupo, melhorando suas chances de sobrevivência”.

A partir das considerações teóricas levantadas acima, este trabalho lança o olhar para as bases da dinâmica da organização social de Tambaú no que tange à sua diversidade social, por meio da análise dos diferentes valores que levam os seus atores a se diferenciarem ou a se assemelharem através de códigos que os ligam nos seus espaços relacionais. As reflexões sublimadas auxiliam na compreensão dos elementos valorizados para a construção de fronteiras simbólicas nas diferentes formas de sociabilidade instituídas no cotidiano do bairro de Tambaú. A fim de determinar os elementos que estão em jogo no contexto social específico à pesquisa, tecerei agora algumas considerações de ordem metodológica.

2. Para uma compreensão metodológica da experiência de campo e do objeto.

Tendo-se em vista a multiplicidade de eventos produzidos pela dinâmica social urbana e as inesgotáveis possibilidades de interpretação do real, consideramos oportuno, neste momento, apresentar um esboço de como a pesquisa de campo foi traçada e

conduzida, incursionando o leitor sobre os caminhos, métodos e técnicas responsáveis pelos resultados apresentados no decorrer deste trabalho.

A realização da presente pesquisa partiu da perspectiva de que viver a pluralidade cidadina requer estratégias de inclusão e exclusão, fragmentando seus espaços físicos e simbólicos e (re)organizando as diferentes formas de sociabilidade inerentes ao cenário social a ela correspondente. Compreendê-la significa colher estes fragmentos, buscando costurar a teia de significados sociais construída pelas seleções, apropriações, interpretações e polifonia de sua multiplicidade de atores.

Diante da impossibilidade técnica e cronológica de realizar uma abordagem sobre comportamentos sociais dos grupos urbanos contemporâneos em suas variadas formas de sociabilidade que se pretenda generalizável, optou-se pela realização de um trabalho mais aprofundado de percepção dos mecanismos e estratégias sócio-culturais envolvidos no estabelecimento de fronteiras simbólicas em uma cidade contemporânea de médio porte. A análise, porém, procurou concentrar-se nas relações sociais instituídas em um bairro de expressiva visibilidade na cidade para a realização de um estudo de caso.

Os processos de sociabilidade constitutivos do cotidiano social de Tambaú foram, desta forma, escolhidos como objeto de análise, pois o caráter complexo e dinâmico que caracteriza as ligações entre os seus atores sociais se destaca como significativamente interessante para compreender esta questão²¹. O bairro é percebido

²¹ Em pesquisa anterior realizada em Tambaú, quando buscávamos uma primeira compreensão acerca da sua dinâmica social interna, identificamos uma subdivisão nas formas como o bairro é disposto no cotidiano de seus habitantes. Há os que nele moram e não o freqüentam (para trabalho ou para lazer, ou para ambos), os que moram e que o freqüentam (para lazer ou para trabalho, ou para as duas atividades), além dos seus freqüentadores, moradores de outras áreas da cidade. A investigação se concentrou nos moradores de Tambaú, freqüentadores ou não. A pesquisa atual, neste sentido, visou abordar seus freqüentadores oriundos das diferentes áreas da cidade, não abordados no primeiro trabalho, pois estes se destacam como principais agentes no cotidiano de lazer de Tambaú.

como lócus de interações sociais entre diferentes grupos que compartilham seus espaços cotidianamente, dando origem à fronteiras nítidas ou abstratas de distintos níveis e legitimando modos de vida e formações societárias diversas.

2.1- Contornos da pesquisa

Uma vez que a análise se concentraria na percepção da intersubjetividade que caracteriza as ações inseridas em uma realidade social, optei por realizar uma abordagem qualitativa que privilegiasse a compreensão dos elementos simbólicos que constituem o cerne do meu objeto de pesquisa.

Adentrar Tambaú como campo de pesquisa exigiu o distanciamento de certas pré-noções construídas pela experiência subjetiva do pesquisador (ZALUAR, 1997). Algumas delas formuladas pelo olhar *de fora e de longe* (MAGNANI, 2002), no papel de freqüentadora, “estrangeira”, usufruindo do território através do divulgado a seu respeito e de minhas experiências pessoais. Outras foram elaboradas no decorrer da pesquisa anteriormente realizada sobre o bairro²², embora algumas delas tenham auxiliado na escolha de certos caminhos para a realização da pesquisa atual.

Para descortinar as questões levantadas pelo novo objeto foi preciso uma reorientação das percepções sobre o local, ampliando o olhar para os demais elementos constitutivos do universo social pesquisado. Nesta direção, usamos uma abordagem cara aos antropólogos e que consiste em *transformar o familiar em exótico* (DaMATTA, 1978), de modo a livrar-se dos conceitos pré-formulados sobre o bairro e mergulhar nas experiências subjetivas dos seus atores sociais, sujeitos da pesquisa.

²² Citada em nota da Introdução deste trabalho.

O movimento de compreensão do cotidiano de Tambaú, captando os tipos de experiências mantidas nos diferentes espaços sociais que compõem o seu território, teve como suporte inicial o uso da observação participante. Tal técnica foi selecionada como forma de adentrar o contexto social compartilhado pelos sujeitos pesquisados e compreender os fenômenos que permeiam a relação entre atores e espaços no cotidiano social do campo (MINAYO, 1993).

A técnica de observação participante também contou com o auxílio de instrumentos complementares de coleta de dados, como a obtenção de informações disponíveis no IBGE, a pesquisa em estudos científicos de diferentes áreas nos quais Tambaú se situava como campo de investigação, além da realização de registros fotográficos dos processos identificados como relevantes para a reflexão sobre a dinâmica dos indivíduos e das relações que cercam os espaços do bairro.

A identificação dos espaços sociais nos quais a pesquisa de campo e suas diferentes técnicas de coleta de dados deveriam se concentrar partiu, no entanto, de uma prévia subdivisão do bairro em 3 áreas principais, permeadas por modos de vida e dinâmica social distintos²³. As distintas áreas que compõem o bairro de Tambaú estão representadas no mapa a seguir:

²³ Esta primeira subdivisão de Tambaú em áreas que concentram relações sociais diferenciadas foi efetuada na pesquisa anterior e serviu de orientação inicial para a escolha da área na qual a atual pesquisa deveria ser efetivada.

A área que chamei de “C” corresponde ao cenário no qual a pesquisa sobre a construção de fronteiras simbólicas nas formas de sociabilidade estabelecidas em Tambaú se realizou, pois são nos espaços inseridos neste território que se concentram as opções de lazer que atraem os demais moradores de toda a cidade. É também onde se manifestam as diferenças culturais, econômicas, identitárias e os estilos de vida dos grupos que se cruzam no cotidiano do bairro. As relações sociais organizadas nesta área foram, portanto, delimitadas como o universo social que corresponde ao campo da presente pesquisa.

2.2- Mapeamento social do lazer em Tambaú

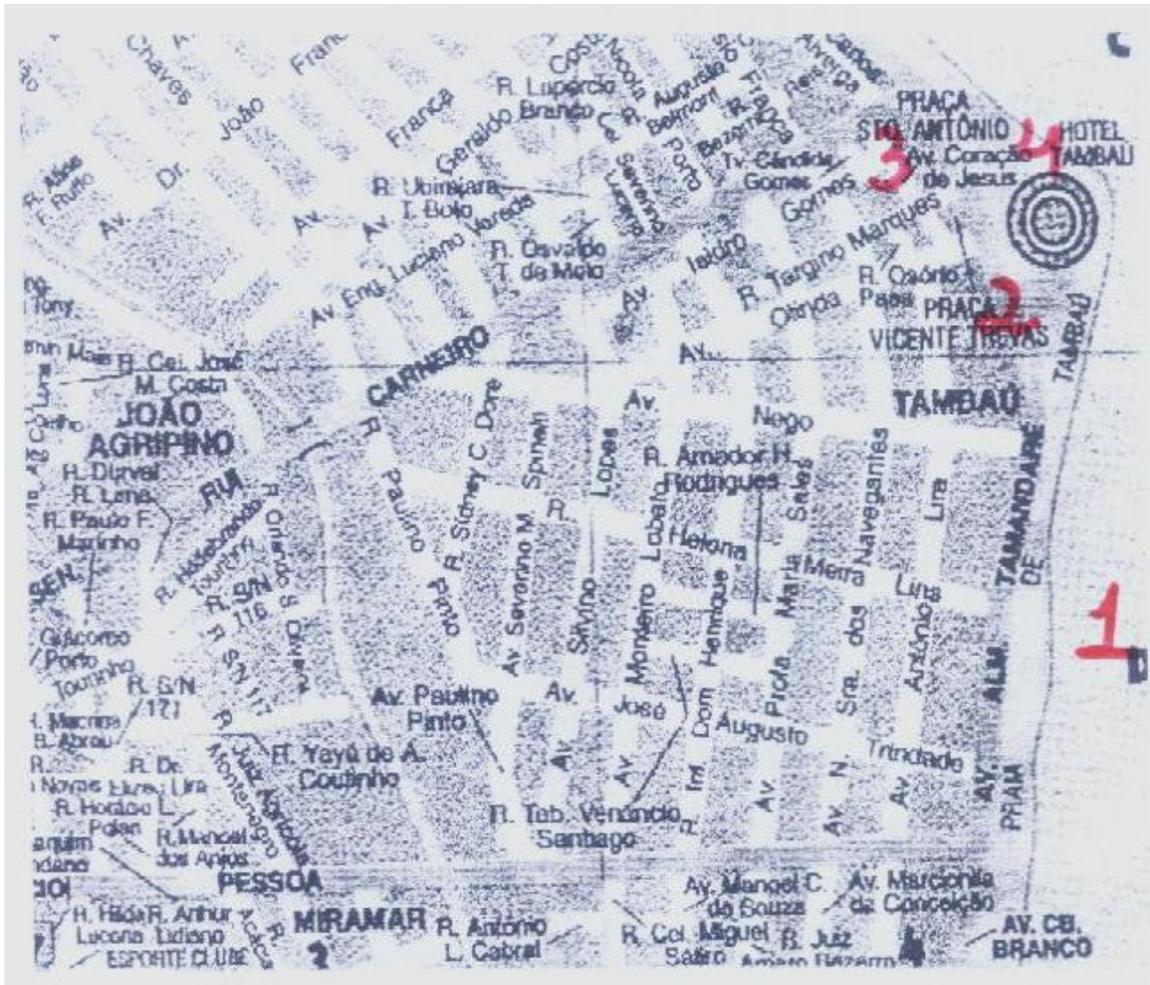
Após a delimitação do campo de pesquisa, teve início a primeira fase da pesquisa exploratória sobre a sociabilidade construída pelos demais habitantes da cidade no interior de Tambaú, no sentido de apreender o cotidiano de lazer do bairro e selecionar seus principais espaços sociais. A observação participante, através de andanças pelo bairro em diferentes dias e horários e de conversas informais com seus frequentadores, possibilitou a percepção acerca das principais áreas eleitas para a sociabilidade dos grupos.

A subdivisão desta área serviu para delinear os espaços sociais nos quais a segunda fase exploratória da pesquisa, de identificação de perfis de frequentadores predominantes no bairro, poderia ser realizada. Deste exercício, foram escolhidos os seguintes espaços²⁴ para a abordagem da pesquisa:

²⁴ A descrição dos espaços e de suas respectivas relações será trabalhada no próximo capítulo.

MAPA DE TAMBAÚ COM A DEMARCAÇÃO DOS PRINCIPAIS ESPAÇOS DE SOCIABILIDADE.

Adaptado da Listel



- 1 – A praia de Tambaú.
- 2 – A “Feirinha de Tambaú”.
- 3 – Os bares e boates do chamado “Baixo Tambaú”.
- 4 – O Largo da Gameleira

2.3- Traçando os sujeitos

A etapa de identificação dos atores sociais que participam do cotidiano de lazer do bairro de Tambaú teve como recurso a aplicação de questionários²⁵ entre os frequentadores dos espaços de sociabilidade identificados acima.

A escolha de tal procedimento se deu diante da percepção de uma multiplicidade de mundos sociais interagindo no universo pesquisado, tornando necessário um trabalho de apreensão dos sujeitos relevantes para a análise e seleção de uma amostra, não-representativa do ponto de vista estatístico, mas que abrangesse diferentes grupos sociais na etapa de aprofundamento das questões levantadas pela pesquisa. A aplicação de questionários pretendia também servir como ponte para o estabelecimento dos primeiros laços entre pesquisador e possíveis entrevistados.

A elaboração do questionário, com perguntas abertas e fechadas, pretendia traçar perfis sociais, culturais e econômicos gerais dos grupos que frequentavam cada um dos espaços de sociabilidade anteriormente definidos. O estabelecimento desses perfis visava a realização de entrevistas aprofundadas para a compreensão da identidade e dos limites estabelecidos no interior desses grupos.

Os atores sociais do lazer em Tambaú foram, desta forma, apreendidos e categorizados pela assimilação de regularidades nas respostas, remetendo a comportamentos, escolhas e percepções sociais aproximadas, permitindo a constituição de tipos particulares de frequentadores. Além disso, muitos dos dados coletados pelos questionários, especialmente nas perguntas abertas, foram utilizados na interpretação dos comportamentos e representações em questão.

²⁵ Anexo 1

Foram aplicados 20 questionários por área, entre os espaços previamente identificados no mapeamento, totalizando 80 questionários aplicados no bairro, no decorrer e nos fins de semana, entre pessoas escolhidas aleatoriamente, porém buscando manter um relativo equilíbrio entre homens e mulheres.

Neste processo, 46 questionários foram respondidos por pessoas do sexo masculino, enquanto 34 foram respondidos por frequentadores do sexo feminino. Dos 80 questionários aplicados, 06 foram suprimidos da análise, sendo 04 questionários masculinos e 02 femininos, por não terem sido terminados devido à pressa ou à embriaguez dos entrevistados.

A análise dos 74 questionários aplicados entre as diferentes categorias de frequentadores do bairro de Tambaú – onde 61% (45 questionários) representavam moradores de bairros periféricos e 39% (29 questionários) correspondia a moradores de bairros nobres – permitiu esboçar diferentes perfis de frequentadores, para os quais o trabalho de aprofundamento das questões levantadas pelos questionários deveria se direcionar.

A realização deste passo da pesquisa, além de estabelecer diversos elementos norteadores da construção de limites para a diferenciação social nas interações estabelecidas em Tambaú – processos que serão trabalhados mais adiante – permitiu a identificação das seguintes categorias de frequentadores²⁶, que seriam investigadas em profundidade com base em entrevistas semi-estruturadas:

²⁶ A identificação das categorias mencionadas não pretende generalizar os frequentadores, atentando-se também para as exceções inseridas em cada um dos espaços sociais mencionados e cientes de que as fronteiras simbólicas existentes no interior destas categorias devem ser consideradas. Porém, esta divisão inicial servirá para facilitar a abordagem intensiva, garantindo um certo equilíbrio no contato entre pesquisador e representantes dos perfis brutos delineados.

1- Freqüentadores do Largo da Gameleira e da praia de Tambaú nos fins de semana: em sua maioria são moradores de bairros localizados na área periférica da cidade, como também moradores do bairro São José (localizado nas redondezas dos bairros nobres Tambaú e Manaíra); faixa de renda familiar igual ou inferior a 03 salários mínimos mensais; portadores de mínimo (até primeiro grau) ou nenhum nível de escolaridade; trabalhadores assalariados ou ligados ao setor informal; com relação a gosto musical, pagodeiros ou forrozeiros que se dirigem para estes locais em busca de interagir com pessoas de mesma preferência.

2- Freqüentadores da “Feirinha de Tambaú” no decorrer da semana e/ou dos bares alternativos do “Baixo Tambaú” nos fins de semana: em muitos casos são moradores de bairros nobres da capital; faixa de renda familiar entre 05 e 10 salários mínimos mensais; nível de escolaridade superior, completo ou incompleto; GLS, artistas, intelectuais, produtores culturais e “descolados” em geral; pessoas com hábitos sociais de lazer “outsiders” em Tambaú, como freqüentando saraus ou jogos de xadrez, além das preferências musicais por blues, jazz, rock, como também música eletrônica, além de ritmos regionais mais populares como coco e maracatu, entre outros.

3- Freqüentadores da “Feirinha de Tambaú” nos fins de semana: na maioria dos casos são moradores dos bairros periféricos de João Pessoa; faixa de renda familiar varia entre 01 e 10 salários mínimos mensais; nível de escolaridade médio, com até 2º grau completo ou superior incompleto; estudantes em geral (principalmente secundaristas), militantes, “rebeldes sem causa”, boêmios, usuários de drogas ilícitas, tribos ligadas a estilos de vida específicos, como góticos, “neo-hippies”, entre outros; com relação a gosto musical, pessoas que apontam preferência para o heavy metal, hip-hop ou reggae.

4- Frequentadores das boates localizadas no “Baixo Tambaú”: em grande parte são moradores dos bairros nobres da cidade; faixa de renda familiar superior a 10 salários mínimos mensais; nível de escolaridade superior incompleto; estudantes de faculdades particulares, pessoas ligadas à moda, “filhinhos de papai”, “patricinhas”, “playboys”, políticos, partícipes em geral de um status social mais elevado; preferências musicais ecléticas, como axé, rock pop, forró ou techno.

2.4- Sobre as entrevistas

Compreender as fronteiras simbólicas que se estabelecem no bairro de Tambaú implica captar as experiências subjetivas dos atores sociais do campo pesquisado. De acordo com Schutz (1967), valorizar a interpretação do fenômeno social a partir das experiências subjetivas dos seus atores é fundamental para a percepção do conjunto de significados que dão sentido às trocas interacionais, ambíguas e contraditórias, provindas do multipertencimento nas distintas situações de inserção nas redes de sociabilidade de que eles fazem parte.

As experiências sociais dos frequentadores de Tambaú foram apreendidas através da história oral. A subjetividade que permeia um relato oral individual pode transmitir a representação de uma experiência coletiva, pois a fala dos indivíduos muitas vezes revela o sistema de valores, normas e símbolos que representam determinados grupos em condições históricas, econômicas, sociais e culturais específicas (MINAYO, 1993).

Após o trabalho de identificação de tipos de frequentadores que deveriam ser abarcados para o aprofundamento das questões levantadas pelos questionários, iniciou-se o processo de seleção de atores sociais para o uso da entrevista, instrumento que permite uma maior interatividade entre pesquisador e pesquisado, ajudando a descortinar as relações de semelhança e de dessemelhança que envolve a sociabilidade no campo de investigação.

Com base em Haguette (2003), é necessário que se trabalhe a escolha dos entrevistados através da seleção dos personagens mais significativos para a compreensão de cada um dos universos previamente identificados no esboço dos perfis. Os informantes, porém, devem possuir características diferenciadas, para que ofereçam um conjunto mais completo de interpretações e permitam, conseqüentemente, captar as diferentes fronteiras inseridas no espaço social, físico e simbólico do bairro. Nos propusemos, nesta direção, identificar os sentidos que permeiam os relatos orais dos distintos sujeitos da investigação, como forma de inserção no mundo social que se pretendia pesquisar.

Estávamos conscientes, porém, da importância de se estabelecer uma relação de confiança entre pesquisador e pesquisados, anterior ao uso da entrevista. Esta preocupação se justifica uma vez que, partindo da intersubjetividade, as informações coletadas podem ser profundamente afetadas pela natureza da relação entre ambos (MINAYO, 1993). Neste sentido, o processo de realização das entrevistas foi o mais longo estágio da pesquisa, tendo começado em setembro de 2005 e encerrado em dezembro do mesmo ano.

Em decorrência da experiência na pesquisa anterior, bem como dos usos pessoais de Tambaú não só para trabalho, como também para o meu lazer, mantinha

uma certa ligação com vários dos donos e funcionários das casas noturnas e diurnas de lazer no bairro²⁷, considerando-os também como um segmento de atores sociais. Representam pessoas que acompanham o cotidiano social de Tambaú, convivendo com seus diferentes grupos de interação, se posicionando como espectadores e, muitas vezes, produtores de fronteiras em um campo relacional compartilhado, tensionado, adaptado e ressignificado. Estes indivíduos, no entanto, não participaram desta abordagem como sujeitos, mas como mediadores para o contato inicial com parte dos informantes, permitindo uma aproximação menos hierarquizada entre pesquisador e pesquisado. O contato, assim, surgia de uma referência em comum.

A seleção dos primeiros informantes de cada segmento traçado pelo trabalho de categorização dos freqüentadores se deu, desta forma, a partir da indicação e apresentação do possível sujeito da pesquisa pelo proprietário ou funcionário que mantivesse relações mais estreitas com seus freqüentadores mais assíduos. O contato inicial com estes freqüentadores era seguido de conversa informal sobre o bairro e a pesquisa, para a percepção do grau de engajamento do informante com o cotidiano social do lugar, e da sua disposição em falar sobre o assunto. Com base nesses elementos deu-se a escolha dos informantes mais adequados para discorrer sobre suas experiências sociais com os semelhantes e com os diferentes na sociabilidade de Tambaú.

Outra forma de aproximação se deu também através da observação participante no cotidiano de lazer das áreas identificadas no mapeamento. Tendo em mente os perfis de atores que se pretendia abordar, procurava identificar indivíduos que apareciam com mais assiduidade no dia a dia de cada um desses lugares. Como minha presença, em

²⁷ Muitos desses contatos, estabelecidos durante a etapa etnográfica de reconhecimento do campo, foram realizados na pesquisa passada.

vários casos, tinha sido notada, o contato inicial sobre a pesquisa teve uma aceitação também cordial, alcançando em pouco tempo o nível de confiança necessário para a efetivação das entrevistas gravadas.

Foram realizadas, nesta etapa, 12 entrevistas semi-estruturadas e gravadas entre representantes das principais categorias construídas inicialmente. Buscou-se abarcar, porém, freqüentadores de diferentes características e subdivisões contidas em cada um dos perfis, de modo a abarcar um amplo conjunto de informações e interpretações sobre o mundo social onde cada um se insere e sobre os demais atores com quem se deparam em suas trajetórias sociais²⁸.

2.5- Descrição dos entrevistados²⁹

1- Danilo, 19 anos, estudante de cursinho pré-vestibular, vocalista de uma banda de heavy metal, renda familiar de 1500 reais, morador do bairro Jardim Cidade Universitária, freqüentador da “Feirinha de Tambaú” nos fins de semana.

2- João, 21 anos, desempregado, “alcoólatra”, renda familiar de 600 reais, morador de Tambaú, freqüenta todos os dias a “Feirinha de Tambaú”.

3- Lenita, 26 anos, estudante de geografia, artesã, renda familiar de 2.500 reais, moradora de Jaguaribe, freqüentadora da “Feirinha de Tambaú” nos fins de semana.

4- Rodrigo, 22 anos, estudante de direito, renda familiar de 7.000 reais, morador do Bancários, freqüenta as boates do “Baixo Tambaú” nos fins de semana.

²⁸ A pesquisa também contou com parte das entrevistas realizadas na pesquisa anterior, que poderão ser notadas no decorrer dos capítulos de análise.

²⁹ Os nomes dos entrevistados são fictícios para garantir a preservação de suas identidades, evitando tensões acerca de relatos que reflitam preconceitos diversos.

5- Fernanda, 27 anos, bancária, modelo, renda familiar de 10.000 reais, moradora do Bessa, freqüentadora das boates do “Baixo Tambaú” nos fins de semana.

6- Francisco, 22 anos, estudante de computação, renda familiar de 5.000 reais, morador de Cabo Branco, freqüentador das boates do “Baixo Tambaú” nos fins de semana.

7- Bárbara, 23 anos, estudante de edificação e de teatro, renda familiar de 1.500 reais, moradora de Mangabeira, freqüentadora da “Feirinha de Tambaú” e dos bares alternativos do “Baixo Tambaú”.

8- Camila, 24 anos, farmacêutica, renda familiar de 3.000 reais, moradora do Bancários, freqüentadora da “Feirinha de Tambaú” e dos bares alternativos do “Baixo Tambaú”.

9- Roberto, 26 anos, professor de música, renda familiar de 1.000 reais, morador de Tambaú, freqüentador dos bares alternativos do “Baixo Tambaú”.

10- Alexandre, 35 anos, filósofo, teólogo, consultor e professor, renda familiar de 2.000 reais, morador do Castelo Branco, freqüentador da “Feirinha de Tambaú” e dos bares alternativos do “Baixo Tambaú”.

11- Elaine, 31 anos, empregada doméstica, renda familiar de 300 reais, moradora do bairro São José, freqüentadora do Largo da Gameleira e da praia de Tambaú nos fins de semana.

12- Ramon, 39 anos, mecânico, renda familiar de 500 reais, morador de Bayeux, freqüentador do Largo da Gameleira e da praia de Tambaú nos fins de semana.

2.6- O roteiro de entrevistas³⁰

As entrevistas foram semi-estruturadas, elaboradas usando como guia um roteiro comum, contendo os tipos de questões que se pretendia abordar. O desenvolvimento das entrevistas, porém, foi conduzido pelas experiências individuais dos informantes, buscando aprofundar o conhecimento acerca das especificidades socioculturais do entrevistado e do campo social em que ele se inseria. De acordo com Triviños (1987: 146):

“Entrevista semi-estruturada é aquela que parte de certos questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses, que interessam à pesquisa e que, em seguida, oferecem amplo campo de interrogativas, junto de novas hipóteses que vão surgindo à medida que recebem as respostas do informante. Desta maneira o informante, seguindo espontaneamente a linha de seu pensamento e de suas experiências dentro do foco principal colocado pelo investigador, começa a participar na elaboração do conteúdo da pesquisa”.

A elaboração dos pontos que o roteiro pretendia abranger girou em torno de uma proposição básica: a construção de mapas imaginários, captando eleições, interpretações e definições acerca dos trajetos aleatórios, conscientes ou não, nos espaços de lazer do bairro pelos seus respectivos frequentadores, identificando reconhecimentos e fronteiras na formulação e no conteúdo das narrativas. O roteiro também abordava questões relacionadas à cultura, hábitos de lazer, relações sociais de familiaridade e demarcação de identidades compartilhadas, mantidas pelos informantes.

Os discursos sobre Tambaú revelaram elementos analíticos importantes para a compreensão dos princípios simbólicos que permeiam a construção, dissolução e

³⁰ Anexo 2.

reconstrução de fronteiras de inclusão e de exclusão na sociabilidade que movimenta as áreas de lazer do bairro. Atentou-se para a percepção de contradições, ambigüidades e similaridades nos discursos apreendidos, nas orientações das vivências individuais e coletivas, nos diferentes mundos sociais demarcados e encenados pela pluralidade social da qual Tambaú se faz núcleo, analisadas e explanadas nos capítulos que se seguem.

CAPÍTULO III

VÁRIOS MUNDOS EM UM SÓ LUGAR: AS ÁREAS DE LAZER E SEUS FREQUENTADORES.

Neste momento, voltamo-nos para a análise das distintas formas de apropriação dos espaços que constituem a área de lazer de Tambaú a partir das relações sociais construídas pelos seus diferentes tipos de freqüentadores. Realizaremos, neste capítulo, uma abordagem acerca da eleição de lugares de pertencimento representativos de estilos de viver diferenciados. Cada um dos principais espaços de sociabilidade, percebidos no mapeamento sobre o bairro e escolhidos por suas diversas camadas de freqüentadores, serão adentrados, possibilitando uma releitura social sobre as diferentes características, significações e usos sociais dos lugares de encontro, domínio, autoconhecimento e pertença configurados em Tambaú. Para Honorato (1999: 50)

“Símbolos urbanos, revelados através de uma recorrência dos discursos, têm um poder formativo no processo de construção de mapas invisíveis da cidade. Uma análise parece então ser necessária. Percorrer com vagar cada símbolo é uma forma de compreender o percurso elaborativo do imaginário sobre a cidade eleita”.

Observar a organização espacial citadina e as diversas manifestações sociais constituídas por estes espaços requer uma leitura analítica orientada a abarcar os variados modos de interação inerentes ao cenário. Os processos de construção de sociabilidades que se inserem neste ambiente social se apresentam como esferas variadas de ações culturais e lutas sociais por apropriação de espaços físicos e simbólicos (HARVEY, 1993).

Para Santos (1985), um sistema de espaços só existe em conexão com um sistema de valores. A identidade social que permeia determinados cenários em situações de apropriação específicas situa-os, no imaginário da cidade, a partir dos valores que lhe

são inculcados na utilização de seus atores. A construção deste imaginário influencia as escolhas sociais dos indivíduos urbanos. As relações que se estabelecem nos espaços, por outro lado, podem reproduzir ou reformular os valores que os circundam, pois a troca social realizada entre os diferentes grupos de interação proporciona movimentos de reflexividade, levando à legitimação ou reelaboração de práticas sociais e formações culturais. Isto acontece porque os indivíduos são agentes ativos que não apenas reproduzem as normas simbólicas relativas a determinados estratos sociais, como as assimilam, assumindo-as ou não na construção de grupos de referência (SCOCUGLIA, 1993).

A concorrência engendrada pelos vários mundos sociais inseridos nos campos de sociabilidade estabelece regras simbólicas de utilização social de espaços relacionais. Essas regras passam a ser naturalizadas no cotidiano social dos espaços, organizando as relações de semelhança e dessemelhança que determinam o pertencimento dos grupos em círculos sociais específicos (PARK, 1987; YAMADA, 1999). A percepção acerca da multiplicidade de trajetórias sociais instituídas em Tambaú e as formas de sociabilidade que caracterizam os diferentes espaços sociais a elas correspondentes é o que pretendemos desenvolver agora.

1- Um espaço de encontros

A partir das considerações feitas no primeiro capítulo desta dissertação, podemos situar o papel de Tambaú no cotidiano da cidade como um espaço de encontros. Suas variadas opções de lazer, combinado à facilidade de acesso por pessoas

de todos os bairros de João Pessoa, colocam o bairro como palco de sociabilidade de inúmeras tribos urbanas culturalmente diferenciadas. Conseqüentemente, é configurado a partir de diferentes relações e interesses.

Tambaú é o destino para o descanso, para o passeio, para a diversão e também para o trabalho. Cada vez mais, estabelecimentos comerciais de pequeno, médio ou grande porte, são instalados em Tambaú visando atender ao público consumidor de diferentes esferas sociais. O consumo nestes espaços se dá tanto no sentido material, como no sentido simbólico. Na seleção de espaços sociais de interesses e identificação, os indivíduos circulam por diferentes *regiões morais* (PARK, 1987), exercitando, de forma consciente ou não, suas regras de reconhecimento para a construção de uma familiaridade que orienta suas escolhas. Esta relação pode ser percebida na fala da estudante Bárbara:

“Eu já freqüento há muito tempo (...) Então quando a gente já tem um costume, já passa e já vai direto pro lugar que a gente gosta. Então eu nem penso, nem olho pros lados, nem me lembro de reparar nos outros cantos, porque já tem um lugar que eu gosto de freqüentar, que eu sei que meus amigos só vão estar ali (...) nem me interessa saber quem é que tá nos outros cantos. É tão mecânico isso, que eu não sei nem desde quando. Claro que a gente às vezes tem fases e quando eu era adolescente, podia até ser que eu tivesse outro gosto e nem reparasse no lugar que eu freqüento hoje (...) Uma vez veio uma filha da amiga da minha mãe, ela é do interior, e eu fui levar pra conhecer a noite, os lugares de Jampa. Eu já tava acostumada, aí fui andando direto lá pro bar, no Bebe Blues que é onde eu gosto de ir, e ela queria parar em todos os lugares pra ver o que ia rolar, que banda e tals. Aí quando a gente chegou lá no Bebe Blues, que sentamos, sabe quando a gente percebe que a pessoa não tá gostando? Aí ela falou: ‘Vou ali e já volto’. E só voltou pra dizer que ia entrar no KS e que quando eu quisesse ir embora era só ligar pro celular dela que ela saía. É aquela história, no Bebe Blues ela estaria comigo, que ela conhecia, podia ficar mais à vontade por

isso. Mas não, ela quis ir lá pro KS, que eu odeio, mas acho que ela ficou mais feliz indo pra lá, mesmo sozinha, sem conhecer ninguém. Depois ela veio me pedir desculpas, mas eu até entendo sabe? Porque se fosse o contrário, eu sem conhecer, e ela me levando pro KS, eu ia dar um jeito de descobrir o Bebe Blues”.

A fala da estudante leva a refletir sobre o papel da identidade cultural na definição dos trajetos no cotidiano de um espaço social de opções diversificadas. As duas pessoas, Bárbara e a amiga, tiveram trajetórias sociais diferenciadas, de modo que seus gostos e estilos assumem direções distintas. A estudante possui um mapa mental, construído a partir da convivência com o local, sobre as características dos lugares com os quais se identifica ou não, seja em relação à música, aos frequentadores, ou mesmo às práticas ali instituídas. Sua amiga, oriunda de outra cidade, se posiciona como alheia aos espaços sociais ali construídos, descobrindo lugares de maior adaptação. Reconhecer-se nos elementos simbólicos que permeiam um local, neste sentido, teve peso maior na escolha do que a relação de proximidade com a anfitriã, com a qual não possuía afinidades culturais.

O lazer que configura o cenário social de Tambaú não se dirige a uma categoria de frequentadores específica, do ponto de vista geográfico, social, cultural ou econômico. Diferentes grupos de interação, com condições materiais ou referências culturais variadas, provenientes dos diversos bairros de João Pessoa, assim como de outras cidades, estados ou países, encontram no local opções atraentes às suas inúmeras preferências. Assim, em Tambaú é possível encontrar grupos sociais de diferentes segmentos, exercendo o seu lazer. O relato a seguir reflete isso:

Eu acho que toda cidade tem isso, tem um bairro referência pra onde as pessoas vão. Um bairro pra onde as pessoas se dirigem sabendo que, chegando lá, vão encontrar lazer, entretenimento, alguma coisa (...) que

agrade a todos. Até mesmo que o lazer ali é pra família, não é só pros jovens de fim de semana que vão pra balada. Tem o lazer da calçadinha, da tapioca, da feirinha, da praia, mas também do bar, da boate (...) Porque tem lugar que é ponto de lazer, mas é mais para os jovens (...) Tambaú atende famílias, atende jovens, atende velhos, então eu acho que atende todas as idades, ricos ou pobres, dos gostos mais comuns aos mais incomuns. E isso é muito legal” (Katarina, moradora de Tambaú. Citado por Sousa, 2004: 128)

O discurso acima enfatiza o leque de possibilidades que Tambaú oferece no sentido de abarcar práticas de lazer inerentes a públicos com faixa etária ou poder aquisitivo distintos. A diferenciação social que divide os atores em campos de sociabilidade, ou mesmo em espaços de pertencimento, porém, apesar de norteadas pelos *habitus* configurados a partir destas variáveis, acompanha, principalmente, valores relativos a estilos de viver diversos, realçando gostos, preferências ou hábitos de lazer específicos (BOURDIEU, 1983). Isto leva, muitas vezes, a variações nas escolhas entre áreas ou horários dentro do bairro, legitimando fronteiras de essências variadas e significados flutuantes na dinâmica do lazer em Tambaú. Estas relações serão melhor aprofundadas na análise dos diferentes espaços sociais pesquisados.

2- Os usos da praia

A praia representa, no Brasil contemporâneo, um dos mais procurados lócus de sociabilidade. É considerada a maior opção de lazer gratuito, atraindo tanto moradores de suas redondezas como também de todo o país e do mundo. O ambiente litorâneo no Brasil agrada freqüentadores de todas as classes. Cada vez mais, as condições paisagísticas das praias brasileiras, ao lado do carnaval e do futebol, se revelam grandes

atrativos turísticos do país em relação aos demais países. O nordeste brasileiro assiste, gradativamente, à dissociação de sua imagem como lugar de pobreza e atraso, passando a ser representado pelo seu litoral, como destino privilegiado para as férias e lazer de moradores das mais diferentes regiões do Brasil e do mundo (CRUZ, 2000).

A praia de Tambaú, como explicitado no primeiro capítulo, se apresenta como chamariz cotidiano para os moradores de João Pessoa e uma das maiores referências do estado para o país.

Os programas diurnos da orla marítima do bairro funcionam como principal atividade de lazer de grande parte dos moradores dos mais variados bairros da cidade durante todo o ano. A área também se situa como o maior destino de turistas na capital nas temporadas de férias. A região, porém, expressa diferentes características em suas distintas situações de utilização, gerando identificações positivas ou negativas, pelas formações culturais daqueles que as constroem.

Diferenciações referentes às características dos atores sociais, das atividades de lazer ou em relação à quantidade de pessoas na sociabilidade exercida na praia de Tambaú no decorrer da semana ou nos finais de semana, são nítidas aos olhos de qualquer indivíduo que transitar pela área em ambos os contextos.

A praia de Tambaú nos finais de semana é palco de um grande fluxo de indivíduos oriundos dos mais diversos bairros de João Pessoa, principalmente de bairros periféricos. Muitos deles escolhem a praia de Tambaú como um meio para o lazer exatamente pela intensa movimentação da área nestas ocasiões, combinada à paisagem e ao fácil acesso. Ramon justifica sua preferência:

“Só Tambaú. Dia de domingo, porque é só quando tenho folga do serviço. Mas é bom demais, moça. Nós passa a semana vendo a mesma pessoa, sempre, toda vez (...) Aí a

gente vai pra Tambaú e vê, conversa com povo de Guarabira, de Santa Rita, de Solânea, que até esses povo de outra cidade também vai (...) Sei não, mas acho que porque é mais conhecida, é mais limpa também (...) Porque ninguém vai sair de longe pra ir lá pra praia da Penha, que chega lá e só vai ter o pessoal de Mangabeira, Valentina, do Timbó, só esse povo que vai à pé pra lá mesmo. Aí é só aquele povo conhecido, aquela coisa sem graça. Quem tem que pegar ônibus vai logo pra Tambaú, Cabo Branco que só pega um, mas também com o terminal de integração novo, mesmo que pegasse dois ônibus dava pra ir, porque só paga um né? Aí é fácil (...) É bom, tem espaço, tem som, tem o mar bonito, o hotel bonito ali. Se eu pudesse, se ainda tivesse solteiro, até arrumar namorada eu fazia ali. [risos] Ia paquerar as turistas, porque tem muita turista ali, turista bonita toda (...) Eu não sei se a senhora sabe, mas Tambaú é de turista, tudo é turístico, histórico. Mas aí a gente que é daqui se enxere né? Afinal, é aqui, na nossa cidade”.

O relato do freqüentador reflete encantamento com a agitação e com a infraestrutura da praia, como a limpeza, a extensão, a facilidade de transporte público, ou mesmo a admiração pelo Hotel Tambaú e sua moderna arquitetura. Por outro lado, evidencia discriminação e distinção para com atores urbanos inseridos em uma mesma situação socioeconômica ou geográfica, também pessoas de baixa renda e residentes em áreas periféricas. Salienta, neste sentido, que ninguém sai de longe para ir a uma praia freqüentada apenas por moradores de Valentina, Mangabeira, bairros populares da capital. Ao mesmo tempo levanta que Tambaú é uma praia para turistas e, pelo discurso, esta é a principal característica para o fascínio pela praia, embora ele se exclua simbolicamente do território. Ele se permite freqüentar pelo fato da área pertencer à cidade onde mora, porém, ressalta que a praia de Tambaú não é destinada para ele.



A imagem acima ilustra as relações mantidas entre a população da cidade e a praia nos fins de semana. Há o aproveitamento de todos os espaços da praia, como o mar, a areia, as barracas e até as sombras das árvores. Há, também, a presença de muitos vendedores ambulantes dos mais variados produtos. A predominância entre os atores que constituem o ambiente é, no entanto, composta de jovens, grupos de amigos, trabalhadores assalariados que exercem seu lazer na praia de Tambaú através de atividades como banho do sol e de mar, consumo de bebidas alcoólicas, paquera e danças variadas, embaladas por instrumentos musicais levados pelos próprios frequentadores, ou mesmo pelo som mecânico das barracas do local.

As características que envolvem a mesma praia no decorrer da semana não se assemelham com os elementos descritos acima. Durante os dias úteis da semana, ou seja, de segunda à sexta, enquanto a maioria dos habitantes da cidade se dirige ao trabalho ou

ao estudo, a orla de Tambaú é representada pela tranquilidade e maior esvaziamento dos espaços. Em quantidade menor do que nos fins de semana, seus frequentadores consistem em moradores do próprio bairro ou de bairros vizinhos que se dirigem nestas circunstâncias para a praia de Tambaú por se sentirem mais à vontade para a prática de esportes ou para os passeios familiares com crianças ou idosos. Estas aparecem como as principais atividades de lazer desenvolvidas na praia no decorrer da semana.

A proximidade espacial, no entanto, parece ser o maior fator de escolha da área durante esses dias, uma vez que muitos dispõem de pouco tempo para dedicar ao lazer nestas ocasiões. Nos fins de semana, gozando de mais tempo, a maioria dos frequentadores inseridos neste grupo, por possuírem meios de transporte próprios, destina-se a praias mais distantes para a prática de lazer diurno. Evitam, assim, o contato com a grande quantidade de pessoas e com as formas de lazer que se configuram no seu bairro de moradia neste intervalo de tempo.

Apesar dos discursos dos frequentadores de ambas as ocasiões não revelarem sentimentos de pertença em relação aos espaços litorâneos do bairro em suas formas de sociabilidade, pautando suas escolhas em outros fatores³¹, a pesquisa percebeu a presença de valores construtores de fronteiras simbólicas na condução das narrativas. Estes valores se apresentam como elementos relevantes para a organização da trajetória dos moradores da cidade no cotidiano da praia de Tambaú. Estas relações são os fatores de análise do próximo capítulo.

³¹ A partir das entrevistas semi-estruturadas, dos questionários e das conversas informais, notou-se que a escolha dos frequentadores pela praia do bairro, tanto dos fins de semana, como do decorrer da semana, se fundamenta em outros fatores, diferente da construção de uma sociabilidade pautada no reconhecimento de semelhanças identitárias. Elementos como movimentação, tranquilidade ou fácil acessibilidade apareceram com muito mais ênfase nos discursos. Nenhum frequentador se identificou, porém, como parte integrante daquele espaço social.



3- A “Feirinha de Tambaú”: onde todos passam

A “Feirinha de Tambaú”³² compreende uma praça onde foram fixados vários quiosques com venda de bebida e dezenas de mesas e cadeiras ao ar livre, porém, sem qualquer infra-estrutura. O local é conhecido por este nome por estar situado ao lado de uma feira de artesanato regional. Por se localizar em frente ao Hotel Tambaú, maior ponto de referência turística, a “Feirinha de Tambaú” representa o maior ponto de referência para o lazer no bairro. A “Feirinha” se destaca por ser o espaço central da área de lazer mais intensa e movimentada na vida noturna de Tambaú. Os demais espaços destinados ao lazer noturno no bairro estão estabelecidos nas suas redondezas.

³² A “Feirinha de Tambaú” teve a sua formação na década de 80 a partir de um movimento noturno originado em torno de uma lanchonete chamada “A Nutritiva” e que não existe mais, transformando-se em ponto de encontro *underground* da capital.

Isto atribui à “Feirinha” visibilidade e caráter diversificado, produzindo diferentes interações.

Magnani (2002:23) utiliza a categoria “*mancha*”, adaptada do termo *mancha urbana* usado pela geografia, para definir o tipo de sociabilidade comum ao da “Feirinha”. Segundo ele, a “*mancha*” representa um espaço amplo e diversificado, resultado de uma multiplicidade de relações, que funciona como ponto de referência para uma área comercial ou de lazer de determinado local. Ainda de acordo com o autor, a “*mancha*” funciona como possibilidade de contato entre diferentes realidades, culturas e estilos, pois se situa como principal ponto de ligação entre os atores sociais e os espaços de pertencimento e sociabilidade selecionados por eles.

A “Feirinha”, dentro desta reflexão, aparece como o maior ponto de encontro de Tambaú, onde todos passam, onde os grupos se cruzam, onde diferentes identidades sociais entram em contato. Abro um parêntese para ilustrar a heterogeneidade que envolve a “Feirinha”, a partir do relato de Ernesto, proprietário de um dos quiosques no local:

“A Feirinha é tradicional (...) Os universitários vão muito lá, os professores. Políticos, o Ricardo Coutinho [atual prefeito de João Pessoa] é meu cliente. Ele sempre vai lá. Vai artista também. Elba Ramalho já foi, Vera Fischer. Os jogadores de futebol também. Eles vão muito lá. Quando eles vêm que tá mais tranqüilo eles saem do hotel, ali em frente e vão (...) Quando eles vêm que não tá aquele tumulto todo eles vão. Já foram no meu bar (...) Assim, essas pessoas de nível intelectual vão pra lá. Dia de semana eles vão muito. Muito estudante lá. Muita gente da faculdade. Da UFPB, da UNIPÊ, do IESP. (...) Fim de semana é que dá mais gente. Dá muito estudante gente boa, o pessoal assim, do rock’n roll. A galera da onda. Mas também dá de tudo, inclusive essa gente carregada (...) Coisa assim de beber, brigar. Simulam briga pra não pagar a conta. Ficam se estranhando, jogando cadeira pro alto. Uma coisa bem dramática. Já

aconteceu muito isso lá no meu bar. Isso é só no fim de semana. Mas aí tem a questão de drogas, confusão. Só nessas horas que eu fico assim, meio chateado. Por causa desses bagunceiros, essas gangues que vem de fora. Vem de fora pra fazer bagunça no bar. Aí assusta às vezes algumas pessoas né? Durante a semana é barzinho tranqüilo e tudo. Só mais gente de nível mesmo. Até família mesmo vai. Professor vai”³³.

A narrativa acima reflete a diversidade de atores sociais que participam do cotidiano da Feirinha. Por outro lado mostra parte das tensões geradas por fatores como proximidade física e distanciamento social entre sua multiplicidade de freqüentadores. O relato, também, ressalta fronteiras na utilização que seus freqüentadores fazem da área, evidenciando a existência de tipos de público diferentes em distintas ocasiões³⁴.

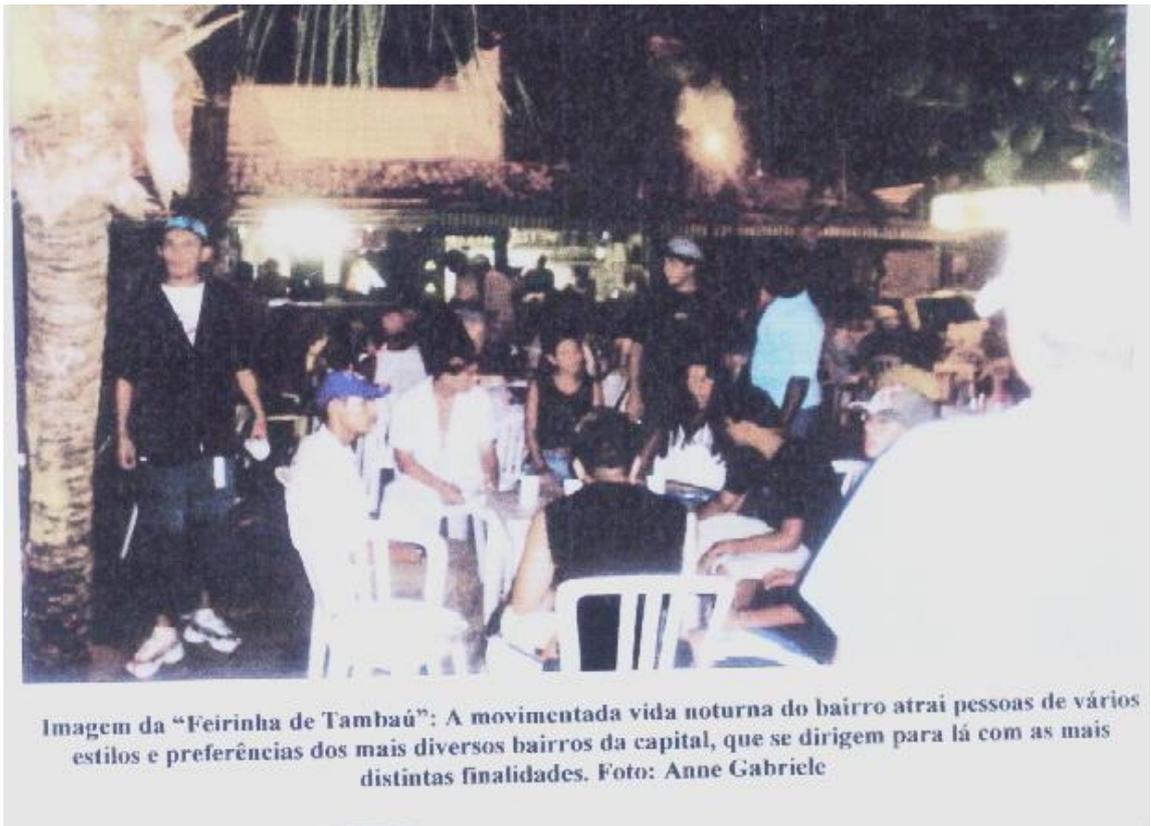


Imagem da “Feirinha de Tambaú”: A movimentada vida noturna do bairro atrai pessoas de vários estilos e preferências dos mais diversos bairros da capital, que se dirigem para lá com as mais distintas finalidades. Foto: Anne Gabriele

³³ Trecho extraído de entrevista realizada com o comerciante durante a realização da pesquisa sobre medo entre os habitantes do bairro.

³⁴ Como no exemplo da praia, as fronteiras simbólicas construídas pelos freqüentadores da *Feirinha* e as demais fronteiras estabelecidas nos espaços de sociabilidade de Tambaú serão melhor abordadas no 4º capítulo.

Apesar da “Feirinha de Tambaú” colocar pessoas de padrões sociais, culturais e econômicos diferentes em um ambiente comum, ela se apresenta como espaço de pertencimento restrito, abrangendo grupos específicos como inerentes àquele cenário social. A “Feirinha” funciona como corredor de passagem para muitos dos grupos que participam do cotidiano de Tambaú. As diferentes identidades que se revelam no seu interior, porém, possuem destinos de lazer com referências distintas das encontradas ali.

Passar na “Feirinha”, em muitos casos, se mostra como um hábito construído socialmente e transformado em traço cultural da trajetória noturna dos moradores da cidade, e não por atração pelas características que envolvem o espaço. Neste sentido, os elementos sociais constitutivos da sociabilidade da “Feirinha” estabelecem laços de compartilhamento peculiares entre os que participam da sua organização simbólica, construindo um círculo relacional mais estreito. A narrativa a seguir ajuda a esclarecer esta questão:

“É aquela galera na boa, de cabeça muito aberta. Vão pra lá observar os tipos, quem vai, quem fica. A Feirinha, em si, não oferece muita diversão, mas observar as pessoas ali é divertidíssimo. O lance é que é o único lugar de João Pessoa que toca um rock original, de qualidade. O resto se liga muito no que tá nas paradas, modinha. Então quem gosta de música, de rock’n roll de verdade, vai pra lá. Música de qualidade, que não toca em todo lugar. Na Feirinha é a oportunidade que eu tenho de encontrar a galera que tem as mesmas idéias que eu, quem entende daquilo que eu gosto de discutir (...) Tem muito a questão de conhecer o que que rola e ver que neguinho tá ali de onda, saca? Playboy chega, olha, senta, acha que tá massa, mas não fala com as pessoas, nem repara em quem tá te servindo, não conhece a proposta do lugar e muito menos presta atenção no som. Toma 2 cervas, paga a conta e levanta. Vai procurar sua turma. Vai curtir o que tá na moda (...) A Feirinha é livre, aberta pra mostrar que é pra gente livre, mas se você não é autêntico, não tem personalidade, uma idéia, não consegue ficar ali. Chega e tchau, não tá preparado pra lidar com as paradas. Vê

uma besteirinha e já tá achando ruim, saca como é? Meu irmão quer beber, beba. Quer fumar, fume. Quer dançar, dance. Tá achando ruim, vai embora” (Danilo).

No depoimento, o entrevistado procura delinear as características do típico freqüentador da “Feirinha”, enumerando as particularidades que julga inerente a si próprio, pois se enxerga como parte integrante do cotidiano do local. Destaca que apesar dos vários tipos de pessoas que participam da “Feirinha”, para fazer parte do local tem que “*ter personalidade*”. No sentido dado por ele, ter personalidade seria entender de música alternativa, aquela que não está na moda, e não se incomodar com as atitudes alheias. O mesmo informante, no entanto, gosta de ir para lá “*observar tipos*” e cita o exemplo do freqüentador que não se enquadra no que ele traça como integrado ao espaço. Uma outra freqüentadora declara:

“Eu já ouvi gente dizer que fica na Feirinha quem não tem dinheiro pra entrar em outro canto. Merda. Eu fico na Feirinha porque eu não encontro o que me agrada em outro lugar. Pô, meu reggaezinho, meu rockzinho, meu hip hop. Vou pagar pra ver axé, forró? [risos] Quando tem algum show, algum festival, alguma coisa que vale a pena, claro que eu vou. Mas, enquanto não tem, eu vou pra Feirinha que eu escuto o que eu quero, vejo quem eu quero, o que eu quero e eu to me lixando para o que eu não quero (...) Eu não sei quem é o freqüentador da Feirinha, assim, descrevendo. Eu sei que eu sou, que meus amigos são. E tem um monte de gente diferente da gente que também é. Mas acho que pra tá ali tem que gostar de música, de espaço. Assim, espaço que eu digo, espaço de verdade, não apenas de geografia. Então não acho que tenha muito a ver essa questão de dinheiro, de pagar ou não, e sim do som. Se só tocasse o que eu gosto em um lugar pago, então eu ia ter que pagar pra entrar. Mas toca na Feirinha, que é de grátis” (Lenita).

O relato da freqüentadora reforça a idéia levantada pelo informante anterior. O tipo de música aparece como principal atrativo para indivíduos com preferências musicais singulares escolherem a Feirinha como seu principal lócus de sociabilidade e não apenas como lugar de passagem. Seus freqüentadores, neste contexto, se caracterizam como pessoas ligadas a um cenário musical específico, com certa aversão a inclinações musicais mais populares. Assim, para “*fazer parte da Feirinha*”, é preciso que se tenha preferências peculiares³⁵.

4- As faces do “Baixo Tambaú”

O “Baixo Tambaú”, área do bairro composta de uma diversidade de bares e boates com projetos diferenciados e públicos específicos, foi originado na década de 70. O momento coincidia com o deslocamento da população de maior poder aquisitivo do centro da cidade para fixar moradia nas áreas litorâneas. O lazer noturno da cidade, conseqüentemente, acompanha esta mudança, transferindo-se para a orla e assumindo as novas características que passavam a permear a configuração urbana de João Pessoa. Com o centro da cidade percebido sob um prisma de marginalização, grupos de intelectuais, artistas e boêmios em geral passaram a criar sedes de entretenimento nos bairros litorâneos, em Tambaú principalmente, onde a urbanização era maior. Estas consistiam em bares com dimensões culturais e propostas libertárias, freqüentados,

³⁵ A análise acerca do jogo de reflexos que implica a relação entre estilos musicais, espaços sociais e grupos de interação será desenvolvida no próximo capítulo.

sobretudo, por universitários, homossexuais ou usuários de drogas, gerando uma quebra dos padrões comportamentais da capital no período³⁶ (SOUZA, 2005).

Três décadas depois, o “Baixo Tambaú”, localizado nas redondezas de onde hoje está a “Feirinha de Tambaú”, continua sendo a principal zona de lazer noturno da capital. Seus bares e boates, porém, estão mais confortáveis e estruturados do que antes. O público que se dirige para a área também se ampliou, pois as casas noturnas estabelecidas ali se diversificaram, investindo em ambientes permeados por características distintas, para agradar frequentadores de diferentes estilos e preferências.

Magnani (2002:21), definiria os estilos diferenciados que constituem cada um dos espaços inseridos no “Baixo Tambaú” através da categoria “*pedaço*”. Ele classifica “*pedaço*” como sendo o espaço onde determinado indivíduo possui vínculos relacionais com os demais, através do compartilhamento de referências sociais ou culturais comuns, símbolos que possibilitam classificar quem pertence ou não àquele espaço social. Assim, nos espaços de lazer que compõem o “Baixo Tambaú”, os frequentadores costumam se dirigir para os “*pedaços*” de maior identificação com os elementos que conformam o lugar e seus demais frequentadores³⁷. O “Baixo Tambaú” engloba, assim, os “*pedaços*” dos GLS, artistas e intelectuais, *forrozeiros*, *playboys* e *patricinhas*, entre outros.

A área também é composta de inúmeros restaurantes de cozinha nacional e internacional e lanchonetes de redes variadas, porém, nenhum deles se revelou como espaço de referência para grupos de frequentadores peculiares.

³⁶ Alguns bares criados neste período tinham, inclusive, nomes polêmicos, como Xoxota ou Meu Cacete, citando alguns exemplos.

³⁷ Esta relação remete ao exemplo da situação vivenciada por Bárbara e a amiga, citado na página 74.



Imagem da Rua Coração de Jesus, principal eixo do “Baixo Tambaú” hoje. A movimentação de pessoas é grande, por ser uma rua formada por diferentes “pedaços”. Foto: Anne Gabriele

Apesar da identificação de diversos “pedaços” nos espaços sociais constitutivos do “Baixo Tambaú”, a pesquisa sobre a construção de fronteiras entre os frequentadores desta área percebeu que determinados valores compartilhados por grupos específicos³⁸, ressaltam 2 categorias principais de atores que movimentam a dinâmica social do lugar³⁹. Uma dessas categorias refere-se ao conjunto de frequentadores formado por pessoas ligadas ao cenário artístico cultural da capital, por gays, lésbicas e simpatizantes e também por intelectuais em geral. A outra categoria é constituída pelos chamados *playboys*, *patricinhas*, *forrozeiros*, *axezeiros*, pessoas ligadas à moda e tendências preponderantes em geral.

³⁸ Esses valores, como os demais elementos construtores de fronteiras simbólicas, serão trabalhados no capítulo IV.

³⁹ Não foram eliminadas, porém, as especificidades características de cada um dos grupos no interior das categorias.

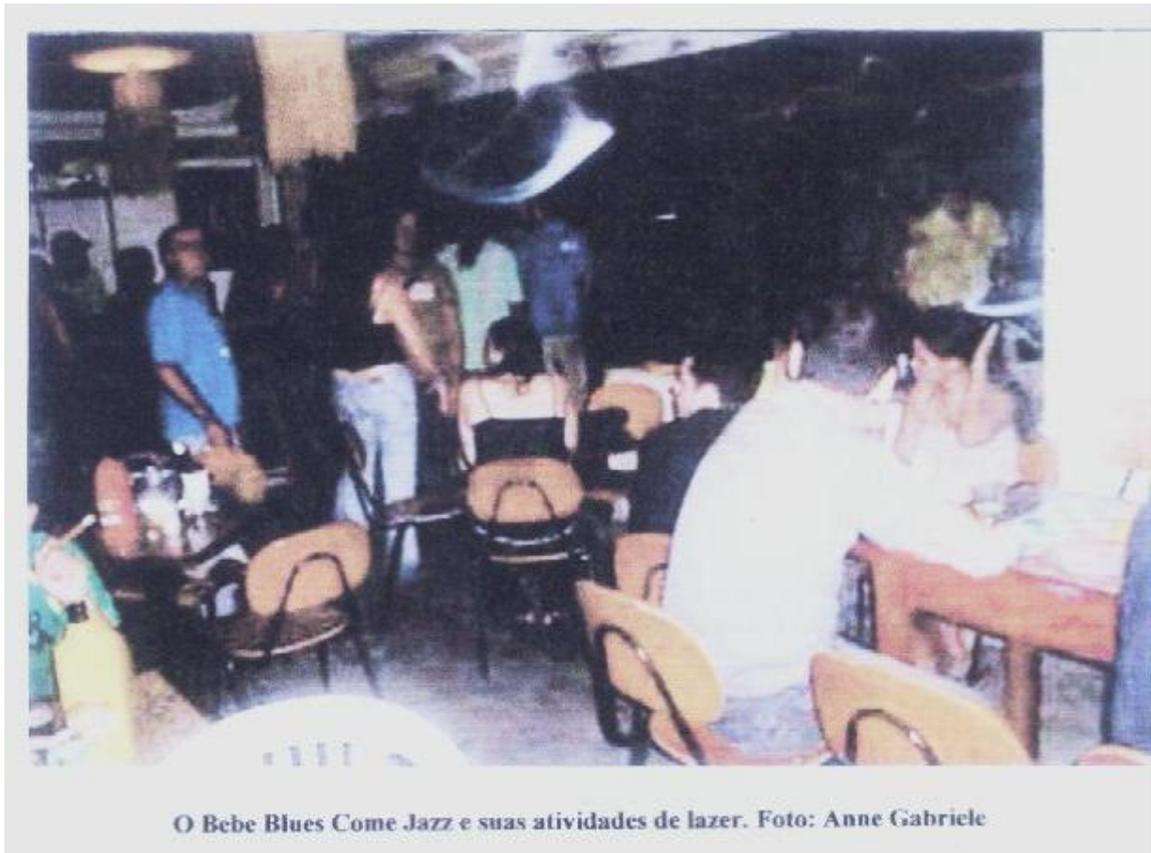
Para adentrar a primeira categoria, reproduzo o relato de Alexandre, filósofo, freqüentador dos bares alternativos do “Baixo Tambaú”:

“Então eu vou muito ali pro Bebe Blues, por ser um lugar que tem xadrez, sinuca, não é muito barulhento e tem um tipo de público que me interessa muito no sentido das minhas leituras sociais. São pessoas que têm uma mentalidade mais independente, detém algum conhecimento, é um público mais intelectualizado. Dá pra conversar. Gosto muito do estilo musical, blues, jazz, é um tipo de cultura que eu gosto. Um som da terra, que a galera que freqüenta mesmo canta, toca, grava e bota lá pra gente curtir. Eu valorizo demais isso. Lá tem espaço para isso (...) Tem ali o Atellier, Empório também que quando não está bombando de muita gente, eu entro. Ali, na minha opinião, tem a cerveja mais gelada da noite. E também encontro pessoas interessantes ali. A maioria delas com uma orientação sexual diferenciada. Eu não sou gay, mas concordo que o público dali tem uma orientação sexual autônoma. Nem todas, mas muitas (...) Lá é um lugar em que eu me sinto bem, por causa das pessoas que me oferecem uma boa leitura social, pessoal inteligente, as bebidas e as comidas alternativas também são ótimas” (Alexandre).

Maffesoli (2000) levanta que, ao mesmo tempo em que um indivíduo se autodefine a partir das características que compõem o círculo social em que se vê inserido, sua livre circulação entre diferentes tendências e elementos culturais leva à identificação com sinais demarcadores de outras tribos, permitindo-o selecionar valores que integram cada contexto e, de acordo com a abertura e flexibilidade da tribo, migrar entre diferentes grupos de interação.

O entrevistado se situa como parte do público do bar Bebe Blues Come Jazz, “pedaço” freqüentado por artistas e intelectuais da capital e classifica esse grupo como formado por pessoas que “detém algum conhecimento”. Ao mesmo tempo se refere ao café Empório, “pedaço” freqüentado principalmente por um público GLS, com estima, fazendo referência às qualidades do local e dos seus freqüentadores. Percebe-se, a partir

destas afirmações, que apesar das especificidades que caracterizam cada grupo de frequentadores, alguns deles se sociabilizam através de afinidades, integrando seus “pedaços” em prol de práticas e gostos comuns. Há, neste sentido, uma quebra de fronteiras, situando-os no cotidiano da área de lazer como pertencentes a um movimento semelhante de atores sociais.



As relações que envolvem a segunda categoria de frequentadores do “Baixo Tambaú” podem ser percebidas no relato a seguir:

“Eu gosto, principalmente, de boate (...) mais fechadinha, mais reservada, que você entra e já conhece todo mundo, mesmo de vista (...) Porque não tem só uma coisa pra fazer, sentar, beber, ficar falando dos outros. Aí a gente vê mais opção de bebida, pra quem bebe. E tem diversão pra quem não bebe também né? Quem não bebe não pode ir pra bar, aquela coisa sentada, vai ficar fazendo o que?”

Então na boate, mesmo pequena, quando eu não saio pra beber eu danço. E quando eu saio pra beber eu também danço. Se não quero dançar eu sento, mas eu tenho essa opção sabe? (...) Eu prefiro ali, o Zodíaco, amo aquele lugar, acho lindo, branquinho! Ou até o Incógnito. Eu adorava a Fashion, mas fechou. Tava fora da rota, mas eu gostava. Vai abrir outra em Manaíra, aí vou ver se compensa também (...) Você vai em outro lugar e só tem gay, ou o povo de chinelo, até falta de respeito. Eu não tenho preconceito não. Mas vê se você entende. Você se produz e vem o cara, de chinelo, sujo, barba por fazer, te paquerar? Então eu gosto dali das boates, que é quem você vê na praia de dia, quem vê no Golfinhos da praia e do jacaré domingo, quem vê no Zodíaco sexta ou sábado, vai pra Patos no São João e tá lá também, Pipa também. Aí é mais à vontade né? O povo da cidade mesmo, com algumas exceções, claro. Mas poucas. Tá todo mundo em casa [risos] (...) O KS ali eu não entro muito porque eu não sou lá muito fã de forró pra ficar escutando a noite toda. Eu até gosto mas não é aquela cooooooisa. Mas tenho amigos que gostam que só e vão direto. Eu já fui umas 2 ou 3 vezes. Até vou de novo se a galera tiver, mas não é o lugar preferido. Eu vejo gente ir pra lá num dia, aí vai pro Zodíaco no outro dia. Eu prefiro ir pra boate os 2 dias. Me divirto bem mais” (Fernanda).

A narrativa pertence a uma assídua freqüentadora das boates instaladas no “Baixo Tambaú”. Essas boates se caracterizam por possuírem, em grande parte, um público de maior poder aquisitivo e ligado à moda, por isso, classificadas como “playboys” ou “patricinhas”. Muitos, porém, não se consideram desta forma. A informante faz menção às vantagens de escolher uma boate para o lazer: tem opção de atividade para quem bebe e para quem não bebe, para quem dança ou não dança. Remete, neste sentido, a um ambiente de práticas mais diversificadas.

No entanto, destaca que a boate consiste em um ambiente “mais reservado”, onde todos se conhecem mesmo que só “de vista”, por freqüentarem eventos sociais comuns. Declara, assim, que o mesmo público possui origens e preferências semelhantes

em variadas esferas, formando ilhas de identificação em ocasiões e espaços exteriores ao “pedaço” do bairro, como no São João de Patos, cidade do sertão da Paraíba, ou no “Golfinho”, barraca de praia e bar do Jacaré, nos domingos. Os “pedaços” são transportados para diferentes espaços de acordo com as ocasiões em que os grupos se inserem. Neste sentido, os freqüentadores do KS, casa noturna onde se apresentam bandas de forró ao vivo, em determinadas situações, também se tornam freqüentadores de boates como o Zodíaco. Apesar do ritmo não coincidir com o estilo musical tocado nas boates, como pop rock, techno ou funk, em ocasiões diversas o KS também se transforma em “pedaço” dos típicos freqüentadores das boates das redondezas.



As relações explicitadas pelos diferentes relatos levam à reflexão acerca do caráter contextual da identificação, que se estabelece a partir da relação entre os sistemas de significados e localizações sociais específicas. De acordo com Berger (1973), a

intersecção entre esses dois elementos constrói quadros de referências que condicionam as relações sociais. Distintos olhares podem, assim, se desenvolver a partir de um mesmo código, compartilhando uma mesma esfera de significação social. Por outro lado, indivíduos com origens sociais semelhantes podem movimentar orientações culturais diferenciadas, elaborando contextualizações simbólicas desiguais.

5- O Largo da Gameleira: a sombra do bairro

O Largo da Gameleira compreende uma praça à beira mar, localizada ao lado do Hotel Tambaú e em frente ao Centro Turístico. Na região se encontram quiosques como bares ou restaurantes de pequena e média estrutura. No local também está situado o Mercado de Peixe, resquício da colônia de pescadores que deu origem ao bairro de Tambaú.

A área que o Largo da Gameleira abrange é considerada como o espaço mais estigmatizado do bairro, por ser onde diariamente se concentra prostituição, tráfico de drogas e grande quantidade de trombadinhas, principalmente à noite, quando é muito freqüentada por turistas estrangeiros. Além disso, o mau cheiro derivado do Mercado de Peixe e a falta de saneamento básico do local incomodam muitos dos moradores da cidade que se dirigem para o bairro em busca de seus atributos paisagísticos e estruturais.

O espaço, no entanto, também é considerado lócus de sociabilidade, principalmente nos fins de tarde de domingo, quando ocorre o conhecido “forrozão”. O “forrozão” do Largo da Gameleira consiste em um som improvisado, diante da falta de estrutura do lugar: um tecladista e um vocalista cantando os sucessos de forró eletrônico

do momento. Os casais dançam nos espaços entre as várias mesas pertencentes aos quiosques do local. O ápice da festa é por volta das 18:00h, com dezenas de casais dançando e todas as mesas dos quiosques lotadas.

Os freqüentadores do “forrozão” compreendem pessoas de baixa renda que se deslocam dos diferentes bairros periféricos da cidade para Tambaú aos domingos. Muitos deles vêm o “forrozão” como uma extensão do seu lazer na praia. Moradores de bairros periféricos distantes aproveitam o deslocamento para a praia nas manhãs de domingo e ampliam sua programação de lazer para o “forrozão”, retornando aos seus bairros ao anoitecer. Outra grande parcela do público predominante no “forrozão”, porém, reside nas mediações, no bairro São José, antiga favela Beira-rio⁴⁰, e se dirigem para a área especificamente para o lazer oferecido pelo Largo da Gameleira nesta ocasião. Para Elaine,

“Ali é animado demais (...) Eu gosto porque tem muita gente simples, humilde mesmo, não é gente de frescura. O pessoal sabe se divertir de verdade e forró é bom demais (...) Às vezes a gente só tem medo de exagerar, beber, fazer besteira, porque ainda é de dia e tem um monte de gente olhando, passando. Lá o bairro [São José] é grande, não é pequeno não, mas o povo comenta sabe? (...) Não é besteira assim, de besteira grande, de aprontar. To falando de paquerar, de falar um monte de coisa, de repente até arrumar briga, dançar com quem não deve. Mas lá não costuma o povo brigar não, quase não vê briga. Todo mundo paquera, dança, é brincadeira, mas só. Só não dá pra ir sempre por causa de que tem

⁴⁰ A presença dos moradores do bairro São José nos espaços sociais de Tambaú é motivo de polêmica por grande parte dos seus freqüentadores. Por ser a única área de favela localizada nas mediações dos bairros nobres centrais, como Tambaú e Manaíra, o bairro é visto como culpado pelos principais problemas que atingem o local. Apesar de estar situado fora dos limites geográficos de Tambaú, no imaginário da cidade, o morador do bairro São José é tido como parte constitutiva do cotidiano do bairro nobre, porém sob um prisma de acusação. Nas falas dos freqüentadores, principalmente entre os que integram camadas médias na cidade, explanadas no próximo capítulo, onde analisaremos os valores construtores de fronteiras no bairro, é comum que se relacione o bairro São José à violência, à prostituição, à desordem e a todos os outros elementos nocivos que ameaçam a tranquilidade dos demais freqüentadores de Tambaú. Esta idéia, criada muitas vezes sem indícios exatos, leva à orientação dos trajetos dos freqüentadores no bairro, de modo a evitar locais comprometidos pela suposta presença desta população. As conseqüências destas tensões para o estabelecimento de fronteiras sociais em Tambaú serão desenvolvidas mais adiante.

trabalho, mas quando tem folga a gente vai, tá sempre indo (...) Tem gente de todos os bairros lá, de tudo quanto é lugar tudinho, assim, Valentina, Grotão, Oitizeiro, todo canto, até de Manaíra aqui, porque o bairro São José é tudo Manaíra né? A mesma coisa, perto, pertinho”.

O trecho da entrevista da freqüentadora revela parte das relações sociais instituídas ali. Ela levanta que os freqüentadores do “forrozão” “*sabem se divertir*” e que são pessoas “*simples, humildes, sem frescura*”. A informante fala que o local é freqüentado por moradores de vários bairros da cidade, “*de todo canto*”, porém, que teme “*fazer besteira*”, por medo de ficar mal falada no bairro onde mora. Isto revela a existência de vínculos referenciais entre parte dos freqüentadores, construídos, muitas vezes através de laços de parentesco, vizinhança ou através da convivência cotidiana em um espaço social compartilhado.

Elias (1993) explica este receio em cometer extravagâncias, através do conceito de vergonha. Ele coloca que pertencer a uma sociedade impõe o cumprimento de regras comportamentais por todos os seus indivíduos. Os indivíduos que contrariam a algum desses limites sentem-se, em muitos momentos, pressionados, repreendidos e constrangidos.

Parte dos freqüentadores do “forrozão” do Largo da Gameleira, desta forma, se vê como protagonista da sociabilidade exercida ali, dirigindo-se para lá em seus momentos de folga e buscando o autocontrole de ações dentro dos limites que o convívio estendido com os demais freqüentadores permite.



O “forrozão” do Largo da Gameleira é um fenômeno recente, que tomou fôlego no ano de 2004. Até este período, o lazer dos domingos no Largo da Gameleira consistia no tradicional samba da “Barraca do Pau Mole”, barraca de estrutura precária que reuniu, desde a década de 80, sambistas pertencentes às camadas médias de diversos bairros da capital, em sua maioria, pessoas de terceira idade. Os problemas relativos a questões sociais como prostituição, ou mesmo mudanças culturais nos hábitos dos frequentadores, vieram transformando, paulatinamente, as atividades de lazer no local. A ascensão do “forrozão” ao lado de onde aconteciam as rodas de samba gerando o aumento do barulho e da confusão sonora na área, combinada aos demais fatores descritos, ocasionou na decadência da “Barraca do Pau Mole” enquanto lócus de sociabilidade no bairro. Nos dias de hoje, o local é escassamente visitado por poucos boêmios da cidade.

6- Observações complementares

Além da sociabilidade que caracteriza cada um dos espaços de lazer mencionados anteriormente, devido ao fácil acesso de Tambaú pela população residente nos diversos bairros da cidade e à sua grande visibilidade turística e comercial, o local é palco dos principais eventos públicos ocorridos na capital.

Os eventos realizados no bairro consistem em carnaval fora de época, comícios, shows comemorativos de datas festivas, festas religiosas, campeonatos esportivos, manifestações organizadas por movimentos sociais, produções culturais gerais realizadas pela iniciativa pública ou privada⁴¹.

Nestas ocasiões, Tambaú se apresenta como o centro das atenções de toda a cidade, atraindo mais pessoas do que costuma acontecer em seu cotidiano normal de lazer. A diversidade social, econômica e cultural, nestas circunstâncias, se mistura, originando diferentes opiniões:

“Eu acho legal, porque nunca acontece nada de diferente na cidade, então, quando acontece, a gente vai, que não vai perder (...) Eu acho ótimo ser em Tambaú, porque é perto, mais fácil de ir e tem espaço, que em outro canto não teria. Nem no centro mesmo tem um lugar grandão assim pra ter festa (...) Eu gosto, mas o ruim é de encontrar, né? É bom muita gente, fica animado, mas a coisa mais difícil do mundo encontrar alguém conhecido. E quando tu se perde dos amigos que tu tinha saído, não encontra mais” (Elaine).

“Eu acho que o governo e a prefeitura fazem isso pra camuflar a deficiência dos outros bairros da cidade. Então eles levam a periferia pra Tambaú como forma de mostrar ‘olha aí, o dinheiro de vocês, divirtam-se’ (...) Eu vou às vezes sim, quando a atração me agrada, então, fazer o que? Tem que enfrentar a multidão, porque às

⁴¹ Além disso, Tambaú é designado também como cenário para a realização de eventos de projeção nacional, transmitidos por grandes emissoras, como os exemplos da missa do Padre Marcelo Rossi, show de Sandy e Júnior e festivais como o Pão Music.

vezes você não tem outra oportunidade (...) Eu preferia que não fosse tão divulgado. Eu gosto mais quando o evento fica mais em off, porque aí não vai tanta gente e você pode aproveitar mais relaxado”. (Roberto)

Apesar das falas acima refletirem opiniões diferenciadas acerca da promoção de eventos de grande porte no espaço público de Tambaú, ambos os entrevistados, com suas trajetórias culturais distintas, se posicionaram como consumidores do lazer oferecido por essas ocasiões. No entanto, nenhum deles situou esses eventos como lugares de sociabilidade entre semelhantes, restringindo-se a valorizar o aspecto renovado que a ocasião oferece para a sua rotina habitual de lazer.

Não obstante ao caráter diversificado desses eventos, colocando indivíduos provenientes de situações socioculturais distintas em uma oportunidade comum de lazer, gostaria de salientar a predominância de tipos específicos de frequentadores em ocasiões com conteúdos culturais variados.

Em eventos sociais nos quais as atrações principais consistem em artistas ou personalidades de grande visibilidade e destaque na mídia nacional, sobretudo quando representam nomes de relevo na cultura de massa produzida pelos meios televisivos, percebeu-se que a maioria dos espectadores é composta por moradores de bairros periféricos da capital e jovens de baixa renda. Nos eventos com propostas culturais de valorização de nomes e manifestações mais regionais ou de menor destaque no meio artístico nacional, identificou-se a predominância de famílias com membros de diferentes gerações, pessoas com um poder aquisitivo referente à classe média e moradores de bairros localizados na área nobre de João Pessoa. Ressalto, mais uma vez, que estas características remetem ao público que se sobressai nas ocasiões mencionadas, não generalizando e reduzindo o semblante diversificado que estes eventos apresentam.

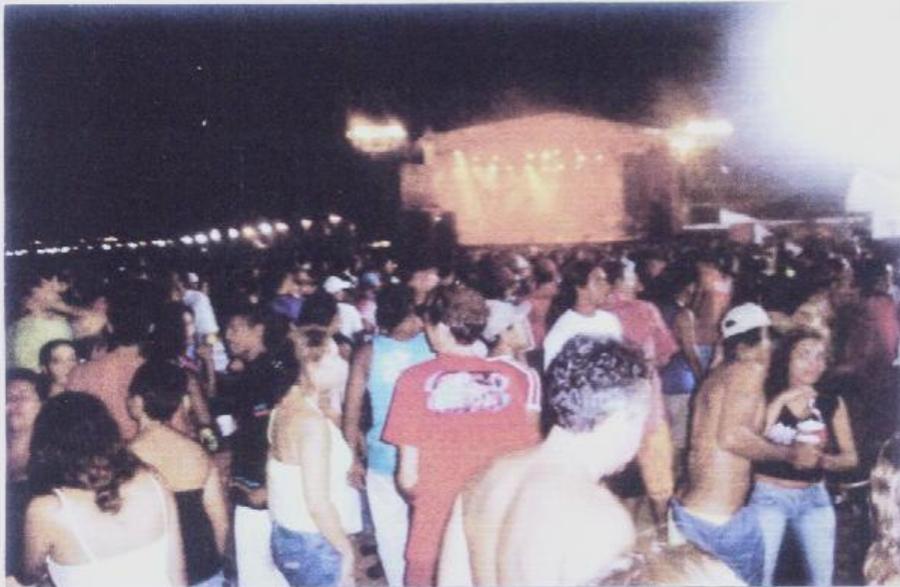


Imagem de show realizado pelo Projeto Estação Nordeste, em Tambaú, no qual se apresentaram bandas como Los Hermanos, Tribo de Jah e Cavaleiros do Forró. Foto: Anne Gabriele.



Imagem do Projeto Curto Circuito em Tambaú, no qual apresentam-se grupos de teatro, danças regionais e cantores locais. Foto: Anne Gabriele

As especificidades de ambos os contextos - embora tratem de eventos públicos, diversificados e igualmente divulgados – refletem os elementos de sentido que dão contornos às classes e aos grupos sociais. O tipo de lazer explanado acima se distingue, em termos de significações e referências simbólicas, das formas de sociabilidade estabelecidas nos espaços de pertencimento desenvolvidas anteriormente. As conformações sociais tomadas pelos eventos, a partir da essência cultural que compõe ambas as ocasiões, os aproximam, porém, do tipo de relação constitutivo das singularidades que envolvem os demais espaços apropriados por redes de interações mais restritas.

Velho (1987), explica essas distinções relacionais demarcadoras de formações societárias diferenciadas a partir da noção de projeto. Para o autor, a constituição de projetos implica avaliações entre realidade objetiva e condições subjetivas. Os projetos são elaborados dentro de um campo de possibilidades, a partir de orientações culturais inerentes ao sujeito e aos círculos sociais nos quais ele se insere.

As direções individuais em um campo de múltiplas escolhas estão, como afirma Bourdieu (1987), vinculadas às diferenças existentes no plano de relações simbólicas, onde posições sociais, estilos de vida, formas de consumo e reproduções culturais geram sistemas de classificações que ativam as relações de compatibilidade. Essas relações dão suporte à formação de grupos sociais por indivíduos que partilham de um mesmo *habitus* e representações aproximadas.

As dimensões tomadas por estas classificações, realçando sistemas de valores e demarcando fronteiras simbólicas e trajetos socialmente tensionados, são o objeto de análise do capítulo seguinte.

CAPÍTULO IV

MEU, SEU, NOSSO: CONSTRUÇÃO DE FRONTEIRAS E REPRESENTAÇÕES ESPACIAIS.

Na medida em que tomamos a sociabilidade inerente aos espaços de Tambaú como campo de pesquisa, percebemos deslocamentos não apenas físicos como também morais nas formas como os grupos se posicionam e definem suas trajetórias sociais no interior do bairro. As distintas dimensões tomadas pelos seus “pedaços” definem fronteiras com referências simbólicas diversas, marcando identidades sociais pautadas em valores compartilhados ou negociados na construção de uma sociabilidade qualquer.

Este capítulo retoma a discussão sobre fronteiras simbólicas a partir dos itinerários dos grupos sociais que participam do cotidiano de lazer do bairro de Tambaú, identificando seus mapas imaginários e suas principais fronteiras de inclusão e de exclusão.

Na compreensão dos significados dos agrupamentos que se formam na partir das práticas de lazer, pudemos assimilar fatores como, tipo de atividade de lazer, identificação estética, estilo musical e orientação sexual, entre outros marcadores valorizados para a diferenciação social entre os atores que encenam a dinâmica do campo. As fronteiras de diferentes níveis, no entanto, situam-se como produtos da interação entre a imagem que os grupos fazem de si e a imagem que uns fazem dos outros. As fronteiras são, neste sentido, delineadas a partir de elementos internos ao meio, aquilo que garante a sua especificidade em relação aos demais, e a forma como ele se manifesta e proporciona diferentes classificações e fragmentações (COUTINHO, 2001).

Para Maffesoli (2000), as diferentes tribos urbanas são agrupamentos semi-estruturados, constituídos de indivíduos que se aproximam através da identificação de elementos culturais que expressam valores, estilos de vida, moda, música e lazer comuns, típicos de um espaço-tempo. Vejamos como essas definições e as fronteiras

estabelecidas entre as tribos se adaptam às experiências sociais dos mundos que constituem o cenário de Tambaú.

1- Os tipos de atividades como indicadores de fronteiras

As práticas de lazer características de diferentes estratos de freqüentadores, em muitos casos, foram apontadas como elemento fundamental para o estabelecimento da diferenciação social no bairro de Tambaú. As formas como os indivíduos interagem nos espaços físicos e os modos como o tempo dedicado ao lazer é aproveitado podem colocar determinado segmento social em oposição a outro, pois refletem estilos de vida diferenciados.

A conduta dos indivíduos nos espaços públicos de lazer pode evidenciar o contexto social e cultural em que eles estão inseridos em seu cotidiano além-lazer. Isto se torna mais claro em lugares abertos, onde não existem regras de utilização dos espaços. Nestes casos, os atores oferecem ao território valores de seu contexto social. Tomamos, neste sentido, o exemplo da praia e das diferentes características que a permeia em situações de apropriação distintas.

“Não é todo dia que a gente tem folga, que pode brincar (...) Eu pelo menos, no dia que consigo sair tem que aproveitar. É o dia de dançar, de tomar sol, de ver amigo, de fazer amigo (...), beber, andar, então eu quero fazer tudo ao mesmo tempo, de uma vez só (...) Mas o engraçado é que a gente faz o que não tá no dia a dia da gente pra fugir da mesmice, mas acaba todo mundo fazendo a mesma coisa e indo pro mesmo canto toda vez [risos] (...) Aí é assim mesmo, o dia a dia do dia de folga” (Elaine).

Em seu estudo sobre as classes populares, Hoggart (1973) menciona que estas, em seus passeios de um dia, tendem a eleger um determinado bairro da cidade e um lugar específico na praia, como o único espaço no qual se sentem à vontade, por se familiarizarem com o tipo de “prazer” expresso nas condutas ali exercidas. O passeio, enquanto transição do “*mundo do trabalho*” para o “*mundo da folga*”, declarado na fala da entrevistada se apresenta como acontecimento valorizado frente à face da vida cotidiana, como oportunidade de exercer atividades contrárias ao seu dia a dia de trabalho. A variedade de atividades exercidas, porém, se revelam comuns às suas redes culturais, por isso há repetição, constituindo um “*dia a dia do dia de folga*” onde “*todo mundo faz a mesma coisa*” sempre.

Outra categoria de freqüentadores de Tambaú, representada por um morador do bairro, no entanto, levanta:

“Quando você bota o elemento humano, todas as mazelas e as atitudes do conglomerado urbano começam a surgir. Principalmente alimentados por esse caldeirão de diferenças sociais (...) O que mais me incomoda é o barulho. Nos exemplos dessa natureza [praia nos fins de semana ou eventos públicos], fora a grande quantidade de brigas, o barulho atinge na minha casa a ponto de eu não conseguir escutar o telefone tocar (...). É raro a semana que a orla marítima não é transformada numa torre de babel. Poluída profundamente pelo som, de carro, de banda, de gente gritando, de apito, buzina. Isso oito, nove, dez, doze horas no dia, é realmente um martírio (...) Você acha que existe a menor condição de participar dessas festas que eles fazem? Por isso eu prefiro sair para não comprometer a minha saúde e de minha família (...) Um dia eu acordei num domingo cedo da manhã com uma barulheira infernal. Levantei-me, fui até o portão e a polícia também estava participando da bagunça. A quem vou reclamar?”⁴².

⁴² Trecho de entrevista realizada com José Carlos, morador de Tambaú, durante a pesquisa anterior.

E outro entrevistado reforça:

“Final de semana é mais complicado. Pra gente ir com criança, dá não (...) Vai gente daqueles bairros todos de João Pessoa. Aí fica tudo misturado. Vai como quem diz assim, com o perdão da palavra, aquela farofa toda pra praia. Aí fica muito inconveniente, né? Fica ruim da gente estar lá na praia com aquele monte de farofa do lado. Todo mundo se olhando (...) Tem muita violência, gente da periferia e tem assaltos, tem briga, muita bebida, tem barulho demais, que chega a ser incômodo (...) Se for é pra ficar dura num canto, sem poder relaxar, olhando a bolsa, o menino, tomando cuidado pra não pisarem em você, um inferno”⁴³.

As atividades características de grupos oriundos de regiões periféricas são, deste modo, percebidas a partir de um prisma estigmatizado, onde seus excessos são classificados como perigosos aos demais estratos que observam as relações ali estabelecidas, porém não se sentem à vontade para compartilhar as características que permeiam estas ocasiões. De acordo com Eckert (2003) o estranhamento em relação às práticas que não são comuns a um círculo social levam seus membros a designá-las como perigosas. Essas impressões são cultivadas no seu cotidiano para a garantia de uma qualidade de vida, classificando ameaças potenciais e reorganizando sua sociabilidade para além das zonas consideradas como risco.

As extravagâncias que caracterizam a praia de Tambaú nos fins de semana, expressas em modos de lazer variados e barulho excessivo, são tidas como demarcadoras de fronteiras. Para Hoggart (1973), se em programas típicos de classe média o silêncio é tido como sinal de respeito e educação, o dia de folga em relação ao mundo do trabalho, enfatizado por integrantes de classes populares, é ocasião para o barulho, pois este elemento é visto como modo de participação no ambiente social e

⁴³ Entrevista com Aline, moradora do bairro de Manaíra, também para a pesquisa anterior.

inserção na coletividade que permeia aquele campo de sociabilidade. Segundo Ramon, um freqüentador do local:

“Não, a gente não se conhece e, muitas vezes, nem conhece depois também. Mas dá pra ver quando a pessoa é da gente assim, é da bagunça (...) Porque às vezes tu tá num canto e vê logo que é de gente besta (...) Besta assim, porque se acha melhor que os outros, aí não se mistura, não gosta que a gente tire brincadeira, faz logo cara de nojo. O camarada tá só feliz, só curtindo e tem gente achando ruim. Não tem ninguém fazendo mal pra ninguém (...) Esse povo besta não deve ser feliz, tem tudo e não é feliz, que não dão valor. A gente não tem quase nada, mas na hora de se divertir ninguém diz que tá faltando alguma coisa em casa, porque a gente, gente como eu assim, sabe aproveitar (...) Não é por ser gente do dinheiro, que tem gente do dinheiro que não é besta. Tem uns que é, outros que não. Mas eu to dizendo assim, desse povo que não gosta de nada, cheio de frescura. Tá vendo tudo animado e nem chega pra não se misturar. Se eu fosse de briga eu provocava de propósito, pra largar de nhem nhem nhem [sic]. Mas não gosto dessas coisas não”.

Percebe-se, no relato do freqüentador, uma reação de incômodo para com a postura de refutação assumida pela classe média em relação aos excessos que simbolizam o lazer de populações periféricas. Excessos que se apresentam também como forma de se desvencilhar da escassez que representa seu cotidiano de trabalho. Assim, se as extravagâncias são classificadas por atores da classe média como atitudes de ameaça, sua impessoalidade e isolamento são observados pelos freqüentadores periféricos da praia de Tambaú como frescura, atitude de “gente besta”.

As fronteiras evidenciadas por práticas de lazer diferenciadas também se estendem a outras circunstâncias, como no exemplo da “Feirinha de Tambaú” que, apesar de aberta e sujeita a diversas utilizações, sua constituição e trajetória social instituíram um imaginário a seu respeito, levando-a a ser procurada para fins específicos e percebida através de elementos peculiares:

“Eu chego lá, sento um pouquinho, mas cansa (...) É só aquilo pra fazer. Então dá pra sentar e ficar esperando a galera. Quando a turma se reúne a gente ganha a noite em outro lugar (...). Você ficar na Feirinha é virar fumante passivo de maconha, ficar doidão sem querer. Quem sai pra ir pra lá, fica lá, na maioria é maconheiro mesmo (...) Só naquela de drogas e rock’n roll, paz e amor, sem contar na violência que tá fazendo com ele mesmo, com o corpo dele” (Francisco).

“É o povo das drogas, que vai pra usar drogas, aquele povo com cara de mau (...) Mas vai todo mundo também, gente normal mesmo, eu já fui, mas vai mais esse povo (...) Eu já precisei ir no banheiro ali na Feirinha, mas eu tenho até medo, porque fica uma galera fumando maconha lá na porta do banheiro, que já é escondido e sem segurança, imagina se resolvem fazer algum mal pra alguém (...) Que quando a pessoa tá doidona nunca se sabe (...) Teve uma fase que eu gostava de sair mais cedo e ficar ali na Feirinha bebendo, esquentando antes de entrar pra dançar. Aí ficava lá até uma meia noite assim, aí quando chegava alguém conhecido já vinham falando assim: ‘Tá virando doideira, é?’ [risos]. (Fernanda)

Percebe-se, a partir das narrativas acima, que o enfoque negativo dado ao fato de grande parte dos freqüentadores da “Feirinha de Tambaú” ser formada por usuários de drogas não se prende ao fato de constituir prática social de risco à saúde, como citado no primeiro relato. No segundo caso, pode-se apreender a dimensão moral do discurso, com um certo desconforto da informante ao ser associada pelo colega ao público predominante da Feirinha, mesmo em um momento em que ela se fazia presente naquele cenário social. Neste caso, apesar da proximidade espacial, a manutenção de sua distância social em relação às práticas ali exercidas é fundamental para a sua inserção na turma com a qual se identifica. Para isso, é preciso evitar posturas e valores que não são aceitáveis ao seu círculo de sociabilidade, sob pena de se tornar alheia ao que o grupo valoriza e, por isso, tida como diferente (MAFFESOLI, 2000).

Nos espaços mais fechados, muitas vezes bares ou boates organizados a partir de interesses e propostas específicas, apesar de não terem esse como o tipo de fronteira mais predominante, as diferenciações construídas pelos tipos de atividades aparecem com maior clareza. Assim, para Rodrigo:

“Ir pra boate porque é o que tem pra se fazer (...) Eu não entendo o quê que passa na cabeça desse povo que acha graça em sair pra ficar sentando enchendo a cara de cana e falando mal de quem passa na frente. Pra fazer isso fica em casa, senta na calçada e faz (...) Ir lá pra Tambaú pra jogar dama, xadrez, gamão. Pra fazer isso, vai pra casa de um amigo, vai pro boteco da esquina (...) Sabe quando você sabe que a pessoa tá agindo de uma forma pra se mostrar, pra parecer inteligente, parecer intelectual? Então sai de casa e vai pro outro lado da cidade sem nenhum real no bolso pra consumir nada e fica se aparecendo jogando xadrez pra ver se o povo repara. Que se não fosse pra ninguém reparar não ia pra um bar no meio da balada pra fazer isso (...) Eu não tenho vergonha de dizer não, mas pelo menos não faço programa de índio”.

O tipo de atividade de lazer, segundo o entrevistado, aparece como referência do que o indivíduo quer aparentar ser. De acordo com ele, o ator social do outro grupo assume determinada prática como símbolo para que seja indicado como parte de uma certa categoria. No caso apresentado, para “*parecer intelectual*”. Ser intelectual, neste sentido, parte da absorção de um entre vários outros hábitos representativos de uma parcela de indivíduos considerados intelectuais.

Para Elias (1993), o *habitus* se situa como regra inerente a formações culturais estabelecidas entre atores de determinado segmento social, fundamental para a inserção dos indivíduos em um meio específico. O *habitus*, segundo o autor, é proporcionalmente conectado ao desenvolvimento da imagem que os indivíduos fazem de si mesmos em função dos realinhamentos estruturais que configuram suas identidades sociais. Deste

modo, as pessoas alteram a imagem que fazem de si em razão da absorção de determinados costumes, proporcionando a legitimação de um *habitus* representativo do contexto em que elas se inserem, distinguindo-o dos demais segmentos sociais.

Os *habitus*, nos exemplos citados, aparecem como normas de conduta fundamentais para o estabelecimento da identificação e da diferenciação dos indivíduos que exercem sua sociabilidade a partir de práticas diferenciadas no cotidiano de Tambaú. Porém, as fronteiras simbólicas não se sustentam apenas através de tipos de atividades divergentes. Outros elementos simbólicos são valorizados para a construção de limites sociais, como veremos a seguir.

2- O estilo musical na fragmentação dos grupos

As práticas de lazer e as escolhas de lugares de identificação e de pertencimento possuem uma estreita ligação com o estilo musical que permeia o gosto subjetivo dos atores sociais. Segundo Lima (2002), movimentos culturais globalizados e os sistemas midiáticos contribuem para a homogeneização musical e para a aceleração dos signos característicos de cada estilo, através da televisão, internet e outras mídias. Por outro lado, movimentos culturais locais vêm encontrando espaço cada vez maior de valorização do produto musical singular a cada região. Estes movimentos musicais, globais e locais, aparecem como um dos grandes responsáveis pela fragmentação dos atores urbanos em diferentes tribos para a constituição de identidades sociais pautadas no compartilhamento de gostos, idéias e projetos afins. Por outro lado, estimulam a criação de imagens generalizadas acerca das características e relações que envolvem certos grupos. Neste sentido, ser classificado como metaleiro, pagodeiro ou funkeiro,

para citar alguns exemplos, envolve um conjunto de práticas, valores e símbolos que são compartilhados pelo senso comum, ainda que não correspondam à realidade dos grupos em suas particularidades distintivas. Deste modo, criam modelos simbólicos pautados no gosto musical dos grupos externos e diferentes à posição ocupada pelo espectador, como nos casos a seguir:

“Ali na Feirinha é mais roqueiro (...) Os cabeludos que vivem em bando, de roupa preta, fumando maconha” (Rodrigo).

“Deus me livre ir pra junto de onde só tem forrozeiro (...) Eu não gosto de forró, mas o que eu tenho contra não é nem o forró em si, porque é cultura. Eu não gosto é dos forrozeiros (...) É diferente demais. Não tem papo em comum, não tem cultura. Só falam besteira, quando falam né? (...) Usam o forró como desculpa pra chegar em mulher. Dançar pra não precisar conversar (...) É assim que funciona o esquema desses cantos” (Bárbara).

“Nas boates são mais essas menininhas, fãs de não sei quem Sangalo, essas coisas que tá na mídia. Se a mídia diz que agora tem que escutar funk, aí elas também viram funkeiras e até ignoram o fato do funk ter sua origem na favela (...) Se manda comer bosta aí também vão comer bosta porque bosta tá na moda (...) Os boyzinhos, desses que saem com o som do carro no último volume, de um gosto um tanto quanto discutível, de pagodão pra lá, mas mais pra chamar a atenção de qual é o mais potente” (Alexandre).

De acordo com as falas citadas, gostar de determinado tipo de música implica pertencer a um estilo de vida e adotar modos de conduta classificados como típicos de pessoas que participam de uma determinada preferência musical. A construção desses modelos é pautada no distanciamento do observador em relação à atitude, influenciada pelo gosto musical, ali identificada. Neste sentido, os indivíduos que participam do gosto por outro estilo musical, tendem a enxergar as atitudes inerentes a pessoas que assumem preferências contrárias por meio daquilo que eles próprios não são. Certos

grupos, desta forma, deixam de ser definidos por aquilo que orienta seu gosto musical e passam a ser representados por distintivos que os afastam de grupos opostos, de modo a justificar a repugnância pelo estilo do outro, o avesso da relação. Se eu não gosto de determinado estilo, quem o adota se transforma no “ruim”, o “errado”, o não-eu, a quem eu ofereço desprezo.

“E o estilo de música (...) eles [os frequentadores da Feirinha] têm uma preferência que eu não tenho, e eu não vou ficar subordinado às preferências deles. Em uma boate eles vão tocar várias coisas, pra agradar todo mundo, então você não enjoa, porque não passa a noite inteira escutando um tipo só, uma música só. É lá é aqueles rock, aqueles rock internacional, bem pesados, aqueles rap’s do exterior, que nem um funk é, ninguém sabe o que é, ninguém entende nada. Eu acho né? (...) Eu não ando com eles, não tenho nenhum amigo assim (...) O pessoal que vai mais pra boate, pra lugar mais arrumado, tem uma cabeça mais aberta, não é tão tapado pra outras coisas. Então eu vejo aquele povo como bitolado, porque gosta de uma coisa só. E a gente não, tá aberto a tudo” (Rodrigo).

“Eu tô te falando, através da música que a pessoa ouve você conhece um pouco da personalidade dela. Então, pra mim, é fundamental. Se eu vejo que a pessoa tem gosto musical muito diferente do meu, eu já sei que não vou desenvolver algo mais duradouro com ela, porque já mostra que somos diferentes de verdade (...) Então a pessoa tem posturas diferentes, papos diferentes, encaram a vida de forma diferente (...) Olha só se você entende o que eu quero dizer, geralmente quem curte MPB são pessoas mais românticas, quem prefere uma música clássica, ou um jazz, a gente já imagina que também é ligada à arte, pessoas calmas, agora quem se empolga pra ir pra um show em que as músicas só falam de cachorra, de rebolar a bunda, pra mim, sinceramente, não dá (...) Não tem como conviver ” (Roberto).

As narrativas acima remetem à discussão de capital cultural levantada por Bourdieu (1987). O gosto musical dos indivíduos é classificado através de julgamentos discriminatórios referentes à cultura que permeia suas escolhas. Consumir determinado

estilo musical, de acordo com a posição ocupada pelo mediador, implica uma definição do status que o indivíduo ocupa na hierarquia simbólica que classifica a valorização de determinadas escolhas em detrimento de outras. Assim, os gostos musicais na forma como são valorizados em determinados contextos, se situam como indicadores do capital cultural dos seus grupos e, a partir da maneira como são usufruídos, definem posições de status, conformando relações.

3- A magia da estética como valor

O papel do estilo musical, desenvolvido acima, como demarcador de fronteiras simbólicas depende também da adoção de outros elementos para que caracterize determinadas tribos ou grupos de interação. Em agrupamentos sociais urbanos, principalmente os formados por jovens, o consumo de bens materiais na constituição de uma imagem estética representativa do grupo é fundamental para a demarcação de suas fronteiras em relação aos demais.

Para Castro (1998) a identidade grupal nestes casos é, muitas vezes, buscada em marcadores imaginários como roupa, cabelo e acessórios que compõem a estética de um grupo. Combinados à conduta e ao compartilhamento de códigos, os elementos estéticos funcionam como fatores que visam garantir a coesão interna e, ao mesmo tempo, a distinção acerca do que é exterior aos elementos que configuram o grupo. O relato abaixo traz mais clareza às afirmações aqui feitas:

“A gente tem um estilo mais, assim, alternativo mesmo (...) A gente que eu digo, eu e meus amigos, as pessoas com quem eu costumo sair (...) Se a pessoa tem (...) um pensamento mais avançado sobre algumas bobagens que as pessoas se prendem, aí isso também é refletido no tipo de coisa que você gosta, que você quer usar (...) Eu não

acho que tenha alguma coisa só que defina a ligação entre a galera, tem gente que já pensa, quando eu digo que saio com fulano, pra onde vou, aí falam 'nem parece, tu não faz trança' (...) Aí vira muito uma questão de moda, aí eu não gosto porque deixa de ser livre. Eu uso saião folgado, porque eu me sinto confortável, não gosto de roupa coladinha porque não vou me sentir livre, à vontade do jeito que eu gosto. E meus amigos vão por aí (...) Porque tá na moda agora sair assim por causa da novela, que as atrizes tão usando. Mas quando sair da moda vai tá todo mundo se exibindo de outro jeito (...) Aí você vai saber que é a gente, porque vamos estar do mesmo jeito. Porque é o nosso estilo e não a moda” (Lenita).

Percebe-se, no relato, a associação simbólica de objetos de consumo na particularização de determinado estilo de vida, diferente de outros. Por outro lado, a caracterização visual que a entrevistada faz do grupo com quem exerce sua sociabilidade, revelando as especificidades que os distinguem de quem adota o estilo por “ocasião”, levanta o papel dos meios de comunicação na produção de estilos e na homogeneização estética de algumas tribos, definindo tendências periódicas que diluem, em um primeiro momento, as fronteiras visuais nítidas que singularizam certos grupos. Nestes casos, as características visuais se apóiam em outros componentes para a garantia da particularidade de uma coletividade frente às demais. Vejamos o caso do trecho a seguir:

“[A Feirinha de Tambaú] você olhando assim, é bem variado, mas geral [todo mundo] que tá ali, que convive todo dia, sabe dizer quem é que tá ali (...) pra tirar onda ou quem é que é engajado em algum movimento (...) À primeira vista você vê o sujeito com uma camisa legal de uma banda considerada, tu chega junto já querendo trocar uma idéia, já que às vezes tá ali, tu saca que é da mesma praia (...), mas tu se toca que o cara não entende nada, não sabe nem o que significa aquilo que tá estampado no peito. (...) Alienação é a palavra que a gente chama, se liga no visual porque achou bonitinho, mas nem sabe o que aquilo quer dizer (...) Então olhando

assim, tu sabe identificar o mauricinho pela roupa ensacada, mas o playboy é mais difícil porque ele vai vestir fantasia de todo tipo, pode até confundir quando só olha sem trocar idéia (...) Aí, tu sabe que tá antenado nas mesmas idéias, de estilo de personalidade, cabeça mesmo, quando tu presta atenção em outras paradas, quando tá sempre nos lugares, conhece das paradas, aí vê a participação de quem é mais chegado” (Danilo).

Refletindo sobre o tipo de relação que os dois relatos levantaram, Featherstone (1995) coloca que o consumo de marcas visuais representativas de grupos específicos, nem sempre reflete os valores que os retratam, pois a cultura do consumo, através da mídia ou da moda, leva outros grupos a se apropriarem de itens que originalmente simbolizavam determinada categoria, convertendo-os em itens de consumo, como é o caso de tatuagens, piercings, camisas, sapatos, entre outros. Muitos grupos passam, então, a se pautar em outros símbolos, como gírias, comportamento social ou expressão corporal, como modo de preservar uma identidade peculiar àquele meio social. Para Elias (1993), ao longo do processo de civilização as elites sempre buscaram se diferenciar, através de etiqueta, vestuário e das formas de utilização dos bens definidores do seu status. Ele ressalta, porém, que a forma de utilização de determinados bens, em certos casos, se torna mais fundamental na construção de hierarquias do que a sua posse simplesmente. Os bens culturais, nessa perspectiva, são tão requisitados quanto os bens materiais (POTENGY, PAIVA E CASTRO, 1999).

As fronteiras estabelecidas pelo consumo de marcadores estéticos, mesmo não sendo tomadas isoladamente, funcionam como reveladoras de formas de ser e estar diferenciadas, onde o usufruto dessas referências confere aos membros de determinadas formações societárias a sensação de comunidade. A imagem de uma comunidade constituída por semelhantes portadores de símbolos comuns resulta na legitimidade da

diferenciação sobre grupos tidos como dessemelhantes por possuírem gostos ou estilos de vida distintos, que passam também a ser vistos como tal pela adoção de uma imagem estética discrepante. Neste caminho, um freqüentador do Zodíaco quando observa o freqüentador da *Feirinha* coloca:

“É uma questão de aparência mesmo. Eles são meio fora do comum. Comum pra mim seria o meu estilo, o meu seria o normal. Mas você chega ali, olha pra um bicho e a cara dele é toda furada, parece uma peneira. A roupa toda amassada, rasgada, parece um mendigo, um monstro. Se tu vê, tu fica chocada, tu já deve até ter visto essas figuras lá (...) Jeito de maconheiro, aí não dá, é horrível. Isso pra mim é fora do comum (...)Então dá até aquele receio de ficar em um lugar rodeado de gente estranha, você não se sente 100% à vontade (...). Se é pra eu escolher quem eu quero conviver e quem eu não quero, pelo menos aparentemente e intuitivamente, eu prefiro esse pessoal que eu falo. Que você olha assim e não leva um choque. A primeira vista é assim que eu penso” (Rodrigo).

A aparência do local escolhido para o lazer também é outro fator importante na definição de fronteiras, nas escolhas e na classificação entre os grupos. O “pedaço” eleito é, na maioria dos casos, um espelho dos símbolos que permeiam a imagem do grupo. As pautas comportamentais, o estilo musical preferido e os traços visuais dos freqüentadores de um espaço de sociabilidade não definem por si só o pertencimento de novos indivíduos ao lugar.

Para Lins de Barros (1999), o significado do espaço está, muitas vezes, associado a tudo aquilo que o faz visível. A configuração estética dos espaços exerce, neste sentido, igual peso na demarcação dos trajetos para a promoção das relações sociais. Em espaços abertos, muitas tribos decoram seus espaços de lazer de acordo com as características da identidade que os fundam, através de graffiti, pinturas, cores específicas, entre outros detalhes. Em lugares fechados, itens como luzes, tipos de

assento, organização do ambiente, produto oferecido para consumo, espaços apropriados para práticas específicas, cores ou odores, fazem parte da proposta de público trazida pelo proprietário do estabelecimento e orientam as escolhas dos indivíduos por espaços de identificação e suas correspondentes sensações de agrado ou de desconforto com a constituição do ambiente social. Os frequentadores de Tambaú observam:

“Eu não tenho nada contra a Feirinha. Acho até a galera interessante. Mas é desconfortável, sem segurança alguma (...) Então eu chego algumas vezes, mas não é muito à vontade. Vou assim, quando os outros lugares tão fechados, não vejo problema em frequentar. Mas se eu tenho a opção de ir pra outro lugar, mais ajeitado, dentro do que eu considero descontraído, eu prefiro. (...) O Empório é bar e aconchegante e charmoso. Até o Bebe Blues que é mais simples tem seu charme, a galera é legal e o ambiente gostoso, mais fresco (...) Então eu tenho tudo o que eu gosto na Feirinha de uma forma mais confortável e segura nesses lugares que eu te falei” (Camila).

“Ali [no Largo da Gameleira] é ruim mesmo. Tem muito mal cheiro. É muito feio ali. (...) E do lado de um hotel tão bonito, que só dá gente que tem dinheiro, gente chique (...). Aquilo ali não é muito bom pra Tambaú. Á noite, quando a gente passa por lá, só o que tem é garotas de programa, drogas, muita coisa que não valoriza o bairro. Pelo contrário, só suja o bairro. Aquele lugar é feio, sujo, muito impróprio, fica exposto ali (...). Cheio de gente da ralé mesmo, tipo do bairro São José (...) Acho que se não tivesse isso, tinha muito mais turistas até. Eu evito de olhar praquele lado”. (Aline)⁴⁴.

“[O Largo da Gameleira] é bonito (...) do lado do Hotel, na frente da praia. A gente pensa que se é em Tambaú não é simples, não tem gente humilde assim (...) Mas tem também, tu vê lá como é de chão, sem parede, vê as pessoas passando, quem tá chegando, saindo dos outros cantos (...) É um lugar pra todo mundo ir, porque pode, pra quem gosta de ver gente de todo tipo, dançar, divertir mesmo (...) É do jeito que eu gosto, não tem muita limpeza e isso é até ruim, mas é melhor do que esses lugar, esses restaurante assim de frescura, que vai gente que se pudesse nem pisava no chão (...) Dando o preço da

⁴⁴ Trecho de entrevista realizada durante a pesquisa sobre medo.

chiqueza do lugar e não o preço que é mesmo a cerveja. Parece até que eles que manda no que vestir, que roupa que pode entrar. (...) Não, acho besteira” (Elaine).

Nas falas acima, percebe-se a estreita ligação entre configuração do espaço e estilo de vida do frequentador. Ressalta, ainda, o fator econômico como norteador da seleção de lugares para o exercício do lazer. Tem-se a impressão de homogeneidade sócio-econômica entre pessoas que elegem determinado espaço social para o exercício do lazer. Logo, enquanto certos lugares são considerados feios, sujos e direcionados para a *ralé*, ou seja, populações periféricas, outros onde se “*pode pagar por um maior conforto*”, são associados à “*gente de frescura*”, que “*se pudesse nem pisava no chão*”. Essa associação entre poder aquisitivo e exigência na qualidade da área de consumo material e simbólico, porém, não encontra suporte quando as questões sobre o espaço adentram outras esferas. Nestes casos, a pesquisa identificou outros componentes se sobressaindo ao fator econômico na construção de fronteiras sociais.

Alguns se pautam neste elemento como pano de fundo, ainda que não apontado diretamente, como em exemplo desenvolvido pelo primeiro ponto deste capítulo. Outros escapam a esta influência. O elemento distintivo desenvolvido no próximo ponto é um deles.

4- A orientação sexual no ordenamento dos percursos.

A sexualidade é identificada como importante fator de diferenciação entre os atores urbanos, levando-os a definir suas escolhas territoriais tomando este critério como base. Segundo Potengy, Paiva e Castro (1999), este tipo de elemento de diferenciação, entre outros, vem se configurando como veículo de estilização na eleição de aspectos

horizontais de desigualdade, ganhando notável importância dentro de situações sócio-econômicas mais homogêneas.

Castro, Abramovay e Silva (2004) levantam que os preconceitos que apontam para a orientação sexual são diversos e se legitimam por padrões culturais que constroem hierarquias e valores morais que determinam o que é normal ou anormal, naturalizando-se no cotidiano social e legitimando ações e reações de caráter violento.

Ainda de acordo com as autoras:

“O sexual, por ser uma das referências básicas da vida social e engendrar-se por moralismos, inseguranças, preconceitos e negações do outro, da outra, também colabora na reprodução de sistemas discriminatórios”.
(CASTRO, ABRAMOVAY E SILVA, 2004:256).

Confirmando esta questão, a pesquisa percebeu a orientação sexual como importante valor na fragmentação dos grupos e classificação dos espaços de sociabilidade. Esta relação pode ser apreendida nos relatos a seguir:

“Ali Café Empório, Atellier, naquela área ali eu não entro nunca (...) Eu não sou preconceituoso não, eu respeito a opção sexual deles. Eles que não respeitam a minha (...) Eu já entrei sim, achei o lugar transado, o som é de boa qualidade, mas ficava aquele monte de viado me olhando, achei nojento (...) As boyzinhas você não pode nem olhar, porque não sabe se elas vão gostar da fruta. Tem algumas pessoas bonitas, de você olhar mesmo, de chamar a atenção, mas não dá pra arriscar (...) Então confunde demais, eu prefiro nem passar lá em frente pra não passar raiva” (Francisco).

“Eu tenho amigo de tudo quanto é qualidade. Gente de dinheiro e gente liso que nem eu, preto, branco, velho, novo (...) Eu só não tenho amigo viado, porque eu detesto essas bichonas (...) Pode me chamar pra ir pra Feirinha, que eu vou com o maior prazer. Me chame pra ir pra qualquer outro canto, aqueles barzinhos ali de baixo, que eu também vou, que é cheio de gente bonita, galera do poder. Eu sou feio, mas eu vou. Mas se me chamar pra entrar naquele Café Empório quer arrumar briga. Pode ter o dinheiro que

for, dizer que vai pagar tudo o que eu quiser, mas eu pago pra não entrar ali” (João).

A referência à sexualidade, como podemos perceber, é mencionada entre os entrevistados pertencentes a estratos econômicos distintos a partir de termos que invocam intolerância e escusa em relação ao contato social. De acordo com Leon (2004), a homofobia se dá a partir da construção social do que é tido como masculinidade ou feminilidade e a rejeição a qualquer modelo que se distancie deste padrão. Nos casos citados, o caráter discriminatório atribuído à homossexualidade parte da produção de estereótipos acerca do que é ser gay, classificando esta categoria como desvio, algo moralmente errado e, por isso, inaceitável socialmente.

Em pesquisa realizada entre jovens do Rio de Janeiro, Heilborn (2003) afirma que nos valores associados ao exercício da sexualidade é expressiva, entre homens heterossexuais, a rejeição acentuada ao homossexualismo, independente dos estratos sociais ocupados por eles, qualificando este tipo de relação como vício.

Na experiência empírica realizada em Tambaú, podemos perceber que entre as pessoas do sexo feminino este fator possui uma importância menos enfatizada no estabelecimento de fronteiras simbólicas, relativizando a (in)tolerância a partir das formas de inserção da categoria nos espaços sociais compartilhados:

“Eu não gosto de bicha, que é aquele gay escandaloso, que chama a atenção, bota roupa escandalosa (...) Ali [no Empório] é mais a turma gay, GLS, mas são mais na deles, eu acho (...) Eu não frequento porque não é a minha turma, meus amigos não vão lá. Mas eu não tenho problema nenhum com isso (...) Eu já tive até curiosidade de entrar pra ver o que que rola ali dentro. Quando eu passo em frente sempre olho pra dentro, tem uns espelinhos, uns mosaicos coloridos, né? Parece interessante (...) Se eles forem pros lugares que eu gosto, não vou mudar por isso. Claro que eu só não quero que venha sapatão mexer comigo. Elas na delas, eu na minha pra ficar tudo bem” (Fernanda).

A orientação sexual, citada na narrativa acima para estabelecer a distinção entre nós/eles e posicioná-los em seus devidos lugares (eu, heterossexual, “*na minha*” enquanto eles, homossexuais, “*na deles*”), é apontada a partir de um discurso menos agressivo do que os anteriores. O elemento estético e a postura comportamental aparecem com muito mais ênfase no discurso feminino, onde o “*gay de roupas escandalosas*” que “*chama a atenção*” ocupa posição inferior ao “*GLS mais na dele*”, no sistema classificatório criado. Onde o ambiente com “*espelinhos e mosaicos coloridos*”, apesar de acolher um público diferenciado da formação identitária da informante, desperta o seu interesse. No entanto, guiada pelas fronteiras inerentes à sua subjetividade, ela se limita a olhar de fora para satisfazer a sua “*curiosidade*”.

Estes fatores levam a refletir sobre interligação entre visibilidade e tolerância em casos desta natureza. Neste sentido, se o homossexual não assume um comportamento social que aponte para a sua distinção em relação ao público heterossexual, sua presença é tolerada, pois não ofende aos valores que guiam a conduta classificada como normal na maioria dos campos de sociabilidade. Já se o homossexual adota uma postura indicativa da sua particularidade, passa a ser encarado como incômodo e, por isso, deve ser discriminado.

Na abordagem realizada com pessoas que se identificam como GLS, frequentadoras dos bares de Tambaú classificados como gays, percebeu-se que, apesar de se direcionarem para esses ambientes por se sentirem em um espaço entre iguais onde encontram uma maior aceitabilidade para com seus atos afetivos, a orientação sexual oposta, diferente de outras realidades onde essas minorias concentram maior força, não

implica em fronteiras claras. A apreensão destas relações⁴⁵ permitiu a identificação de outros princípios reguladores dos círculos de sociabilidade construídos por este grupo, como nível de instrução, formação cultural ou modos de pensar e agir. Todas elas, por fim, relacionadas ao grau de importância atribuída à particularidade que os definem.

A orientação sexual pode ser apontada, na experiência singular obtida por esta pesquisa em específico, como o único elemento distintivo enfatizado diferentemente entre heterossexuais, em função do gênero do entrevistado. Se os informantes do gênero masculino demonstraram repugnância total acerca da orientação sexual diferenciada daquela que os permeiam, as mulheres preferiram justificar o seu preconceito usando como base a eleição de outros valores na construção de fronteiras sociais.

5- Outros tipos de fronteiras

Na análise das bases para a construção de fronteiras simbólicas na sociabilidade exercida em Tambaú, outros valores, além dos que já foram explanados, manifestaram-se como mecanismos de diferenciação social no imaginário dos atores que se cruzam no cotidiano do bairro. Apesar de menos enfatizados do que os elementos desenvolvidos acima, a menção a estas demarcações é fundamental para costurar a teia de princípios delineadores de escolhas subjetivas e interações sociais diferenciadas e tensionadas entre os frequentadores de um campo de sociabilidade múltiplo.

As identidades sociais dos atores de Tambaú, na perspectiva apreendida neste trabalho, assumem diferentes papéis onde distintos elementos sociais são

⁴⁵ As relações de identificação e de diferenciação a partir do público GLS foram apreendidas, principalmente, através das questões abertas colocadas pelos questionários, uma vez que a orientação sexual não foi usada como critério para a seleção dos informantes para as entrevistas gravadas. Os elementos norteadores das escolhas de informantes pode ser compreendido no segundo capítulo deste trabalho.

contextualizados e renegociados, estabelecendo variadas formas de pensar, escolher e reelaborar o significado social de um determinado espaço de relações. Neste sentido, práticas, aparência, discurso, preferências musicais, opção sexual, além de engajamento político e cultural, área de moradia ou modos de pensar e motivações pessoais podem representar estilos de vida diferenciados e fronteiras de diferentes níveis.

Deste modo, uma frequentadora da *Feirinha* não se identifica com os demais atores classificados como pertencentes ao espaço social, entre outros fatores, por considerar que estes “não possuem uma ambição, um projeto para o futuro (...) acham que podem viver a vida inteira daquela forma, sonhando, iludidos (...) pessoas inteligentes, mas sem perspectiva” (Camila). Enquanto Roberto, ligado ao cenário cultural, declara que

“esse pessoal de boate, Incógnito, Zodíaco, KS, não tem nada na cabeça, acham que têm o rei na barriga porque tão sempre mais bonitinhos, na beca e só dão importância pra isso (...) não prestam atenção na essência das coisas (...) não se preocupam em produzir algo que é novo, uma idéia (...) não têm talento, vocação pra nada produtivo e levam a vida reproduzindo porcaria, coisas que não me interessam. (...) Não sei o que poderia falar com gente assim”.

Os dois exemplos tratam, assim, de elementos subjetivos usados para reforçar fronteiras que são construídas a partir de valores compartilhados por seus laços sociais. Percebe-se, neste contexto, uma intersecção entre sentimentos e valores obtidos a partir da interação do indivíduo com a estrutura simbólica na qual ele se vê inserido e impressões que afirmam sua relativa autonomia subjetiva, enfoques que podem divergir entre membros de um mesmo grupo por não estarem entre os elementos que fundamentaram a formação societária (ELIAS, 1994).

Outro tipo de fronteira coadjuvante cabe ser analisada separadamente, devido ao caráter complexo que ela assume na construção de um imaginário entre atores sociais que se cruzam em um cenário fragmentado por valores diversos. Trata-se de fronteiras criadas a partir de áreas de moradia distintas. Este elemento, mesmo não tendo sido percebido como fator de destaque nos discursos, ocupa variável importância na classificação dos grupos.

Bourdieu (1979) coloca que áreas de moradia distintas implicam uma distribuição diferenciada de estilos de vida na cidade. Para ele, o local de residência constitui um dos aspectos geradores de conflitos e hierarquias sociais entre estilos de vida divergentes. Representa mais um fator, entre outros citados, que levam à diferenciação entre atores que, inicialmente, apresentam características aproximadas. Os relatos abaixo constituem exemplos desta distinção:

“O pessoal ali da Gameleira é só o povão mesmo. Gente do bairro São José, de outros bairros distantes também (...) Vão pra cheirar cola, vão atrás das mulheres da vida, disfarçando que tão se divertindo, mas só de olho nas carteiras dos turistas que passam (...) Pra roubar mesmo (...) Eu não tenho dinheiro, pode até dizer assim que eu sou pobre, mas povão eu não sou. Povão gosta de baixaria (...) Eu gosto de forró também, mas ali é mal demais (...) Queimação de filme geral” (João).

“Eu moro em Mangabeira, mas não tenho o perfil do morador de Mangabeira. Minha cultura é diferente da deles (...) Eu fui criada em outro lugar, então pode-se dizer assim que eu tenho o gosto diferente (...) Ah! O povo de Mangabeira vai ali, pra onde a mundiça vai. Pra praia fim de semana, ficam dançando na calçada de biquine, bêbado, arrumando confusão (...) Eu me dou melhor com pessoas de outros bairros, meus amigos moram todos em outros bairros mesmo” (Bárbara).

“Eu tenho colegas da faculdade que moram em bairros mais da periferia mesmo. A gente estuda junto no mesmo canto, todo dia. Aí quando eu tô na porta da boate, eu vejo tudinho lá também. Quando eu entro não tem

ninguém. Eu pensava (...) que era porque não tinha dinheiro pra entrar, mas dá pra ver que o cara tá arrumado (...) então eu só posso achar que é porque no lugar de onde eles vêm, eles gostam de outra coisa. Aí esse pessoal da periferia, subúrbio mesmo, mesmo quem tem dinheiro, não tem o estilo de boate (...) Eu fico até com pena, porque vai ver não saberiam nem o que fazer lá dentro [risos](...) Por isso que eu te digo que meus amigos de sair não são os que eu vejo todo dia” (Rodrigo).

Há, nos discursos, separação clara entre a representação sobre si mesmo e as classificações exercidas sobre o outro, vizinho, colega ou inserido na mesma situação sócio-econômica, porém diferente moralmente por serem oriundos de áreas estigmatizadas, onde “normalmente” há adoção de condutas típicas de regiões marginalizadas. Neste sentido, ser um habitante do bairro São José, ou de Mangabeira e dos demais bairros que compõem a região periférica de João Pessoa implica estar inserido em um conjunto de condutas incivilizadas, como crime, bagunça, não ser sociável. Ao mesmo tempo, os mesmos atores procuram se diferenciar daquilo que os aproxima das populações estigmatizadas, reafirmando seu “valor”. “Eu também sou pobre mais não sou povão”. “Eu moro em Mangabeira, mas minha cultura é diferente da mundiça”. “Eu não saio com os meus colegas suburbanos por não saberem se comportar”.

Diante da compreensão dos demais elementos norteadores de sistemas classificatórios, percebemos que as diferenças entre os entrevistados e as populações apontadas por eles como marginais resultam de outras esferas sócio-culturais que, muitas vezes, fogem à localização geográfica no mapa da cidade. No entanto, mesmo combinada a outros valores na construção dos discursos, a referência à área de moradia desempenha papel complementar na produção das fronteiras de inclusão e exclusão.

Autores com Elias (2000) e Sarti (1994) se depararam com casos semelhantes em seus estudos sobre relações de vizinhança em comunidades específicas. Ambos chegaram à conclusão de que a relação entre grupos passa pela imagem que os indivíduos têm dos grupos que eles se sentem parte e da importância da preservação desta imagem, que é afirmada ou reelaborada por intermédio da inferiorização de outro grupo. Do mesmo modo, os informantes de Tambaú em suas relações com populações vistas sob um prisma de inferioridade, tendem a se distanciar da imagem atribuída a eles, para a defesa de sua posição superior no esquema de valores e representações que garantem a sua aceitabilidade social nos campos em que exercem sua sociabilidade.

Diante das relações de identificação e diferenciação discutidas no decorrer deste capítulo, nota-se que a construção de fronteiras simbólicas parte de esquemas estruturais e subjetivos, através dos quais as distinções entre os grupos vão se costurando e tomando forma. Percebe-se, ao mesmo tempo em que uma busca dos indivíduos pela construção de identidades sociais e pertencimento a grupos de afinidades pela demarcação de valores comuns, uma paralela busca por ressaltar a sua subjetividade, o que define sua posição singular. Os indivíduos sociais em suas inter-relações, assim, constroem os caminhos que nutrem suas identidades, que sustentam suas escolhas e inserções, que constituem as redes de sociabilidade que definem suas múltiplas esferas culturais movimentadas pela contemporaneidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O comportamento social dos frequentadores de Tambaú foi o principal foco de análise deste trabalho. Este tema abrange uma infinidade de questões, colocando-se como palco de interesse científico das mais diferentes naturezas. No entanto, trabalhar com comportamento social implica adentrar física e simbolicamente espaços de sociabilidade nos quais elementos que vão além do conhecimento científico se revelam.

Elaborar uma reflexão crítica acerca de um objeto é uma tarefa de peso e, conseqüentemente, de risco. Pensar o contemporâneo, por si só, coloca em pauta o perigo de congelar o mutável, uma vez que as questões que envolvem um dado presente são dinâmicas, exigindo uma constante reformulação de respostas. Tendo em vista a multiplicidade de variáveis que o tema envolve, este estudo não pretendeu chegar a resultados definitivos sobre o objeto, pois afirmar a compreensão das particularidades múltiplas que constituem um determinado espaço social seria reduzi-lo às questões teórico-metodológicas que animam um recorte particular.

Tambaú, enquanto espaço social e cultural analisado nesta dissertação, despertou, desde a sua criação, os olhares de várias esferas da sociedade pessoense e do meio científico, no qual estudos de diferentes áreas⁴⁶ vêm sendo produzidos, evidenciando distintas percepções sobre um mesmo espaço geográfico. Este trabalho ofereceu mais um olhar sobre a dinâmica social do bairro em questão.

A abordagem desenvolvida neste trabalho centrou-se na percepção das fronteiras simbólicas construídas pela relação entre a diversidade de grupos de interação que exercem o seu lazer em Tambaú. Partiu-se da premissa de que a cidade

⁴⁶ Destaco, entre eles, os trabalhos de Cabral (2001); Leitão (1998); Silva (2002); Camboin (1983) e Sousa (2004).

contemporânea se apresenta como uma cidade de fronteiras, onde proximidade espacial e distância social caminham lado a lado, gerando classificações e hierarquizações na constituição de redes de sociabilidade.

A heterogeneidade de indivíduos que participam do cotidiano social de Tambaú não permitiu a delimitação de uma unidade de análise singular, requerendo a realização de uma análise que abrangesse várias unidades, representadas por diferentes grupamentos relacionais e seus respectivos estilos de viver. Os frequentadores de Tambaú foram percebidos, deste modo, através dos seus círculos de familiaridade.

As dimensões assumidas pelo intercâmbio entre as diferenças sócio-culturais que se inserem na dinâmica social de Tambaú, bem como as influências de âmbito mais amplo na legitimação ou reorganização de referências simbólicas de inclusão e de exclusão, foram apreendidas a partir do exercício de observar, interpretar, selecionar e expressar esquemas de valores. Estes gestos puderam ser percebidos através da experiência particular de cada um dos mundos que vêm em Tambaú um cenário para a reprodução de seus *habitus* e reafirmação de suas identidades sociais. Suas representações surgem a partir da combinação entre a imagem que fazem de si, a imagem que fazem dos outros, e também das formas como são apreendidos e classificados pelos demais grupos com quem se deparam no cotidiano de lazer do bairro.

As relações de semelhança e de dessemelhança mediadas pelas diversidades culturais em suas múltiplas esferas, neste sentido, se revelaram como o cerne para a construção das fronteiras simbólicas que permeiam o imaginário dos atores e organizam os espaços sociais de Tambaú.

Defendemos aqui, que na sociedade contemporânea, onde os agentes descobrem, cada vez mais, formas de se individualizar, de reelaboração do próprio “eu”

e redefinição de suas identidades sociais, elementos simbólicos considerados triviais em sociedades mais simples se manifestam como princípios indispensáveis para costurar as fragmentações e tecer a teia de significados representativos de posições de classe e origens culturais específicas. Neste sentido, comer, falar, vestir, olhar, andar, entre outros exemplos, são valorizados como mecanismos de qualificação de agentes individuais e de inserção dos mesmos em contextos sociais e trajetórias culturais peculiares. Remete-os, assim, a suas referências simbólicas, valores compartilhados por atores que, embora individuais, possuem afinidades que os importam para o seio de grupos de sociabilidade e espaços de pertencimento.

Em Tambaú, assiste-se à complementaridade entre espaços sociais inicialmente retratados como opostos. Embora não se confundam, os diferentes papéis assumidos pelos frequentadores levam à relativização de valores, que são realçados ou disfarçados de acordo com a posição ocupada pelo outro da relação, o grupo em situação de concorrência ou ameaça simbólica à identificação que configura uma ordem social coesa.

Procuramos, por fim, basearmo-nos em uma concepção simbólica dos grupos sociais, elementos que definem práticas e são, concomitantemente, legitimados ou ressignificados por elas. O campo de forças do qual Tambaú se faz palco e platéia foi, desta forma, identificado, percorrido e interpretado, refletindo emoções e razões nos contornos dados às fronteiras e aos seus reflexivos enredos.

BIBLIOGRAFIA

- AGUIAR**, Wellington Hermes Vasconcelos de. (1993). *Cidade de João Pessoa: A memória do tempo*. João Pessoa, Grafset - Gráfica e Editora.
- AGUIAR**, Wellington e **OCTAVIO**, Jose, (Orgs). (1985). *Uma cidade de quatro séculos: evolução e roteiro*. João Pessoa, Governo do Estado da Paraíba.
- AMARAL**, Rita de Cássia. (1998). *Festa à Brasileira. - Significados do festejar, no país que "nao é sério"*. Tese de Doutorado apresentada ao Departamento de Antropologia da Universidade de São Paulo, USP, São Paulo.
- ARENDT**, Hannah. (1993). *A Dignidade da Política*, Rio de Janeiro, Relumê-Dumará.
- BARRETO**, Maria Cristina R. (1996). *Imagens da cidade: a idéia de progresso nas fotografias da Cidade da Parahyba (1870-1930)*. Dissertação de mestrado. João Pessoa. Universidade Federal da Paraíba. Programa de Pós-Graduação em Sociologia.
- BAUMAN**, Zigmunt. (2003). *Comunidade. A busca por segurança no mundo atual*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar.
- BECKER**, Howard S. (1996). "A Escola de Chicago". *Mana. Estudos de Antropologia Social*. n. 2/2.
- _____. (1993). *Métodos de pesquisa em Ciências Sociais*. São Paulo, Hucitec.
- BENJAMIN**, Walter. (1986). "Paris, capital do século XIX", In: KOTHE, Flávio (Org.). *Walter Benjamin*. São Paulo, Ática.
- BERGER**, P.I., Luckmann, T. (1973). *A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento*. Petrópolis, Vozes.
- BOURDIEU**, Pierre. (1987). *A Economia das trocas simbólicas*. São Paulo, Perspectiva.
- _____. (1983). "Gostos de classe e estilos de vida". In: ORTIZ, Renato (org.) - *Bourdieu, Coleção Grandes Cientistas Sociais*. n. 39. Ática, São Paulo.
- _____. (1979). *La distinction: critique sociale du jugement*. Paris, Minuit.

- _____. (1980). *Le sens pratique*. Paris, Editions de Minuit.
- _____. (1989). *O poder simbólico*. Lisboa, Difel; Rio de Janeiro, Bertrand Brasil.
- CABRAL**, Cleomar. (2001) *No meu tempo: Dança e memória em Tambaú*. João Pessoa, Monografia. Universidade Federal da Paraíba. Ciências Sociais.
- CAMBOIN**, Alda-Fran. (1983). *A ocupação da Orla Marítima*. João Pessoa. Monografia. Universidade Federal da Paraíba. Arquitetura e Urbanismo.
- CARDOSO**, Ruth C. L. (1997). *A aventura antropológica – teoria e pesquisa*. 3 ed., Rio de Janeiro, Paz e Terra.
- CASTRO**, Lucia Rabello. (1998). "Estetização do corpo: identificação e pertencimento na contemporaneidade". Lucia Rabello Castro (Org.), *Infância e adolescência na cultura do consumo*. Rio de Janeiro, Nau.
- CASTRO**, Mary Garcia; **ABRAMOVAY**, Miriam e **SILVA**, Lorena Bernadete da. (2004). *Juventudes e sexualidade*. Brasília, Unesco.
- COULON**, Alain. (1995). *A escola de Chicago*, São Paulo, Papirus.
- COUTINHO**, Luciana Gageiro. (2001). *Da metáfora paterna à metonímia das tribos: um estudo psicanalítico sobre as tribos urbanas e as novas configurações do individualismo*. <http://www.rubedo.psc.br/Artigos/tribus.htm>
- COUTINHO**, Marco Antonio Farias. (2004). *Evolução urbana e qualidade de vida: o caso da Avenida Epitácio Pessoa em João Pessoa, Paraíba*. Dissertação de Mestrado. João Pessoa. Universidade Federal da Paraíba. Meio Ambiente.
- CRUZ**, Rita de Cássia. (2000). "Turismo, território e o mito do desenvolvimento". *Espaço e Geografia*, Brasília, v. 5.
- DaMATTA**, Roberto. (1997). *A Casa e a Rua*. Rio de Janeiro, Guanabara.
- _____. (1978). "O ofício de Etnólogo, ou como Ter Antropological Blues". In, NUNES, Edson de Oliveira (Org). *A Aventura Sociológica*. Rio de Janeiro, Zahar.
- DINIZ**, Ariosvaldo. (1988). *A maldição do trabalho. Homens pobre, mendigos, ladrões: No imaginário das elites nordestinas (1850 – 1930)*. João Pessoa. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal da Paraíba. Programa de Pós-Graduação em Sociologia.
- DURKHEIM**, E., **MAUSS**, M. (1981). "Algumas formas primitivas de classificação". In: *Ensaio de sociologia*. São Paulo, Perspectiva.

- ECKERT**, Cornelia e **ROCHA**, Ana Luiza C. da. (s/d). *Premissas para o estudo da memória coletiva no mundo urbano contemporâneo sob a ótica dos itinerários de grupos urbanos e suas formas de sociabilidade*. Texto inédito.
- ECKERT**, Cornelia. (2003). “Cultura do medo e cotidiano dos idosos porto-alegrenses”. *RBSE*, v. 2, n. 4, João Pessoa, GREM, abril. <http://www.rbse.rg3.net>
- ELIAS**, Norbert. (1993). *O Processo Civilizador*. Vol. I e II. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor.
- _____. (1994). *A sociedade dos Indivíduos*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar.
- ELIAS**, Norbert & **SCOTSON**, Johnl. (2000). *Os estabelecidos e os outsiders*. Sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro, Jorge Zahar editor.
- FEATHERSTONE**, Mike. (1995). *Cultura de consumo e pós-modernismo*. São Paulo, Nobel.
- _____. (1997). *O Desmanche da Cultura*. São Paulo, Studio Nobel, Sesc.
- FERREIRA**, Marieta de Moraes e **AMADO**, Janaína (Orgs). (1996). *Usos e abusos da História Oral*. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas.
- FRÚGOLI Jr.**, Heitor. (1999). “A questão dos camelôs no contexto da revitalização do centro da metrópole de São Paulo” in: SOUZA, Maria Adélia Aparecida. et al. (Org.). *Metrópole e globalização: conhecendo a cidade de São Paulo*. São Paulo, Cedesp.
- GIACOMAZZI**, Maria Cristina. (1997). *O cotidiano da Vila Jardim: um estudo de trajetórias, narrativas biográficas e sociabilidades sob o prisma do medo na cidade (Porto Alegre, RS)*. 2. Vols. Tese de Doutorado, Porto Alegre, PPGAS-UFRGS (Vols. I e II).
- GOFFMAN**, Erving. (1988). *Estigma. Notas Sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada*. 4ª edição, Rio de Janeiro, Guanabara.
- _____. (1989). *A Representação do Eu na Vida Cotidiana*. Petrópolis, Vozes.
- HAGUETTE**, Teresa Maria. (2003), *Metodologias qualitativas na sociologia*. Petrópolis, Vozes.
- HALL**, Stuart. (2002). *A identidade cultural na pós-modernidade*. 7 ed. Rio de Janeiro, DP&A.

- _____. (2000). "Quem precisa da identidade?" In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org). *Identidade e Diferença*. Petrópolis, Vozes.
- HANNERZ**, Ulf. (1993), Fluxos, fronteiras, híbridos: Palavras-chave da Antropologia Transnacional. In: *Mana. Estudos de Antropologia Social*, 3 (1).
- HARVEY**, David. (1993). *Condição pós-moderna*. São Paulo, Edições Loyola.
- HEILBORN**, Maria Luiza. (2003). "Estranha no ninho: Sexualidade e Trajetória de Pesquisa". In: *Pesquisas urbanas*. VELHO, Gilberto e KUSCHNIR, Karina (Orgs). Rio de Janeiro: Zahar Editor.
- HELLER**, Agnes. (1985). *O Cotidiano e a História*. 2ª edição, Rio de Janeiro, Paz e Terra.
- HOGGART**, Richard. (1973). As utilizações da cultura: aspectos da vida da classe trabalhadora, com especiais referências a publicações e divertimentos. Lisboa, Presença.
- HONORATO**, Rossana. (1999). *Se essa cidade fosse minha... A experiência urbana na perspectiva dos produtores culturais de João Pessoa*. João Pessoa, Editora Universitária - UFPB.
- IBGE**. Banco de Dados Agregados. Sistema IBGE de Recuperação Automática - SIDRA. <http://www.ibge.gov.br>
- IBGE**. Censo Demográfico 2000 - Resultados do universo. <http://www.ibge.gov.br>
- KOURY**, Mauro Guilherme Pinheiro. (2002). "Confiança e sociabilidade: uma análise aproximativa da relação entre medo e pertença". *RBSE*, v. 1, n. 2, agosto. <http://www.rbse.rg3.net>
- _____. (2004). "As fronteiras da pertença. Um estudo sobre Medos e Sociabilidade entre um grupo de jovens no urbano brasileiro contemporâneo". *RBSE*, v.3, n.7, João Pessoa, GREM, abril.
- _____. (2001). "Enraizamento, pertença e ação cultural". *Cronos*, v. 2, n.1, janeiro/junho.
- _____. (2002). "Medos Corriqueiros: Em busca de uma aproximação metodológica". *Conceitos*, n. 8, agosto.
- _____. (1986). "Pobreza e cidade: as tentativas de regulamentação dos homens pobres no Nordeste, 1889 a 1920" *Cadernos dos CEAS*, 106, p. 36 a 46, nov/dez.

- _____. (2003). *Sociologia da Emoção: O Brasil sob a ótica do luto*. Petrópolis, Vozes.
- KUMAR, Krishan.** (1997). *Da sociedade pós-industrial à sociedade pós-moderna: novas teorias sobre o mundo contemporâneo*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar.
- LEITÃO, Deusdedit.** (1998). *Ruas de Tambaú*. João Pessoa, Secretaria da Educação e Cultura.
- LEITE, Rogerio Proença.** (2002). "Contra-usos e espaço público: notas sobre a construção social dos lugares na Mangueira". *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 49.
- LEITE LOPES, José Sérgio.** (Org.). (s/d). *Cultura & identidade operária*. Rio de Janeiro: Editora da Universidade Federal do Rio de Janeiro; São Paulo, Marco Zero.
- LEÓN, Adriano de.** (2003). "Um homem também chora: Uma introdução às teorias da masculinidade". *Revista Caos*, n. 06, João Pessoa, março. <http://www.cchla.ufpb.br/caos/06-deleon.html>
- LIMA, Ari.** (2002). "Funkeiros, timbaleiros e pagodeiros: notas sobre a música negra e juventude na cidade de Salvador". *Cad. CEDES*, 22 (57), Campinas, agosto.
- LINS DE BARROS, Myriam.** (1995). "O passado no presente: Aos 70 falando do Rio de Janeiro". In: *Cadernos de Antropologia e Imagem - Universidade do Estado do Rio de Janeiro*. n.9. Rio de Janeiro – UERJ.
- _____. (1999) "A cidade dos velhos". In: *Antropologia urbana – cultura e sociedade no Brasil e em Portugal*. Rio de Janeiro, Zahar.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor.** (2002). "De perto e de dentro: Notas para uma etnografia urbana." *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, Vol.17, n. 49.
- _____. (1984). *Festa no Pedacão: Cultura Popular e Lazer na Cidade*. São Paulo, Brasiliense.
- _____. (1992). "Tribos Urbanas: metáfora ou categoria?" In: *Cadernos de Campo. Departamento de Antropologia, USP*, ano 2, nº 2, São Paulo.
- MAFFESOLI, Michel.** (2000). *O Tempo das Tribos. O declínio do individualismo na sociedade de massas*. Rio de Janeiro, Forense Universitária.
- MARX, Karl & ENGELS, Friedrich.** (1974). *A Ideologia Alemã*. Portugal, Ed. Presença.

- MENEZES**, Marluci. (2000). "Do espaço ao lugar. Do lugar às remodelações sócio-espaciais". *Horizontes Antropológicos*, a. 6, n. 13.
- MINAYO**, Maria Cecília. (1993). *O desafio do conhecimento*. São Paulo, Hucitec/Abrasco.
- MOURA**, Cristina Patriota de. (2003). "Vivendo entre muros: o sonho da aldeia". *Pesquisas urbanas*. Org: VELHO, Gilberto e KUSCHNIR, Karina. Rio de Janeiro: Zahar Editor.
- NERY**, Paulo R. A. (1998). *Viagem, passeio, turismo*. Rio de Janeiro. Tese de Doutorado em Antropologia Social. Museu Nacional. Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- PARK**, Robert Ezra. (1987). "A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano". In: VELHO, Otávio Guilherme (org.). *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro, Zahar Editores.
- PENNA**, Maura. (1992). *O que faz ser nordestino – Identidades sociais, interesses e o "escândalo" Erundina*. São Paulo, Cortez.
- PINHEIRO**, Eloísa Petti. (2002). *Europa, França e Bahia: Difusão e adaptação de modelos urbanos (Paris, Rio e Salvador)*. Salvador, EDUFBA.
- POTENGY**, Gisélia. **PAIVA**, Vanilda e **CASTRO**, Elisa Guaraná de. (1999). "Produzindo novas identidades: fragmentação do trabalho e do consumo e novos estilos de vida na sociedade contemporânea". In: PAIVA, Vanilda. *O mundo em mudança: virando o milênio*. Rio de Janeiro, Contemporaneidade e educação, ano IV, n.6.
- ROHAN**, Henrique Beaupaire. (1911). *Chorografia da Província da Parahyba do Norte*. João Pessoa, Revista Instituto Histórico e Geográfico Paraibano, ano 03, vol. 03.
- RODRIGUEZ**, Walfredo. (1994). *Roteiro sentimental de uma cidade*. João Pessoa, Conselho Estadual de Cultura, Editora A União.
- SANTOS**, Carlos Nelson Ferreira. (1988). *A cidade como um jogo de cartas*. Niterói, Editora Universidade Federal Fluminense.
- _____. (1985). (coord). *Quando a Rua vira Casa*. Rio de Janeiro, Ibam/Finep, Projeto.
- SANTOS**, Milton. (1998). *O espaço do cidadão*. São Paulo, Nobel.
- _____. (1994). *Metamorfoses do espaço habitado*. Paulo, Hucitec.

- SÁ**, Lenilde Duarte de. (1999). *Parahyba, uma cidade entre miasmas e micróbios: o serviço de higiene pública, 1895 a 1918*. Ribeirão Preto. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo. Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto.
- SARTI**, Cynthia Andersen. (1994). *Ambivalência entre iguais: uma discussão sobre a moral dos pobres*. Trabalho apresentado no XVIII Encontro Anual da Anpocs. Caxambu.
- SCOCUGLIA**, Jovanka Baracuhy C. (1993). *Classe média, cotidiano familiar e representação do espaço habitado*. Dissertação de Mestrado. João Pessoa. Universidade Federal da Paraíba. Programa de Pós-Graduação em Sociologia.
- _____. (2000). *Cidade, habitus e cotidiano familiar*. 1. ed. João Pessoa: Editora Universitária - UFPB.
- _____. (2004). *Revitalização urbana e (re) invenção do Centro histórico na cidade de João Pessoa*. 1ª. ed. João Pessoa, Editora Universitária - UFPB.
- SENNET**, Richard. (1998). *O declínio do homem público: as tiranias da intimidade*. São Paulo, Companhia das Letras.
- SCHUTZ**, Alfred. (1967). *Fenomenologia del mundo social: Introducción a la sociologia comprensiva*. Buenos Aires, Paidós.
- SIMMEL**, Georg. (1987). “A Metrópole e a Vida Mental”. In, VELHO, Otávio Guilherme. (Org). *O Fenômeno Urbano*. Rio de Janeiro, Guanabara.
- _____. (1983). “A natureza sociológica do conflito”. In, *Simmel*. Evaristo de Moraes Filho, (Org.), São Paulo, Ática.
- SILVA**, Yves de Sousa. (2004). *O Advento da Urbanização e as Influências na Cobertura Vegetal: o Bairro de Tambaú - João Pessoa - PB*. João Pessoa. Monografia. Universidade Federal da Paraíba. Geografia.
- SOUSA**, Anne Gabriele Lima. (2004). *Tambaú: pertença e fragmentação. Sob uma ótica do medo*. João Pessoa, Monografia. Universidade Federal da Paraíba. Ciências Sociais.
- _____. (2005). “Medos Urbanos e Sociabilidade em Tambaú”. In: *Medos Corriqueiros e Sociabilidade*. KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro (Org.) João Pessoa, Editora Universitária - UFPB.
- SOUZA**, Leandro Cunha de. (2005). *João Pessoa à Noite. Um estudo sobre vida noturna e sociabilidade, 1920 a 1980*. João Pessoa. Monografia. Universidade Federal da Paraíba. Ciências Sociais.

- TAMBAÚ:** *Uma revista do nordeste*. (1966). João Pessoa, Gráfica Comercial Ltda, Nº 1, Ano I.
- THERBORN,** Göran. (2002). “Dimensões da globalização e a dinâmica das (des)igualdades”, In: GENTILLI, Pablo. (Org). *Globalização excludente: desigualdade, exclusão e democracia na nova ordem mundial*. Petrópolis, Vozes.
- TRIVIÑOS,** Ans. (1987). *Introdução à pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo, Atlas.
- TURNER,** Victor. (1974). *O processo ritual: estrutura e anti-estrutura*. Petrópolis, Vozes.
- VALLE,** Marisol Rodrigues. (2005). *A província da ousadia: representações sociais sobre Ipanema*. Rio de Janeiro. Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia.
- VELHO,** Gilberto (1978). *A utopia urbana*. 3 ed. Rio de Janeiro, Jorge Zahar.
- _____ (1999). *Antropologia urbana*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar.
- _____ (2000). “Individualismo, anonimato e violência na metrópole”. *Horizontes Antropológicos*, a.6, n. 13.
- _____. (1987). “Projeto, emoção e orientação em sociedades complexas”. In, Velho, Gilberto. *Individualismo e cultura*, 2 edição, Rio de Janeiro, Jorge Zahar.
- VELHO,** Gilberto & **MACHADO,** Antonio. (1977). “Organização Social do Meio Urbano”. In: *Anuário Antropológico* 76. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro.
- VELHO,** Gilberto e **KUSCHNIR,** Karina. (2003). *Pesquisas urbanas*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar.
- VELHO,** Octávio Guilherme. (1987). (Org) *O Fenômeno Urbano*. Rio de Janeiro, Guanabara.
- WEBER,** Max. (1987). *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo, Pioneira.
- WIRTH,** Louis. (1987). “O urbanismo como modo de vida”. In, VELHO, Octavio Guilherme (Org). *O Fenômeno Urbano*. Rio de Janeiro, Guanabara.
- YAMADA,** Ana Carolina Fackes. (1999). *A alma da cidade*. In: CONGRESSO NACIONAL DA ABEA. Anais. Londrina, UEL.
- ZALUAR,** Alba. (1997). *Desvendando máscaras sociais*. 2ed. Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves Editora S. A.

ANEXOS

Anexo 1

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA

PESQUISA: A CONSTRUÇÃO SOCIAL DE FRONTEIRAS SIMBÓLICAS NO COTIDIANO DO BAIRRO DE TAMBAÚ EM JOÃO PESSOA, PB.

Questionário exploratório – Caracterização dos Frequentadores de Tambaú.

Número Questionário: _____

Núcleo: _____

Data: ____/____/____

Horário: ____:____ hs

1. Sexo

- 1. () Masculino
- 2. () Feminino

2. Idade

- 1. () Até 15 anos
- 2. () 16 – 24 anos
- 3. () 25 – 34 anos
- 4. () 35 – 44 anos
- 5. () 45 – 64 anos
- 6. () Mais de 65 anos

3. Profissão

- 1. () Desempregado
- 2. () Estudante
- 3. () Outra:

4. Faixa de Renda

- 1. () Sem rendimento
- 2. () Até 3 SM
- 3. () De 3 a 5 SM
- 4. () De 5 a 10 SM
- 5. () De 10 a 20 SM
- 6. () De 20 a 40 SM
- 7. () Mais de 40 SM

5. Freqüenta religião?

- 1. () Sim. Qual?

2. () Não

6. Local de residência

Bairro: _____

Outra cidade; bairro:

7. Estado Civil

- 1. () União estável
- 2. () Separado (a)
- 3. () Solteiro (a) sozinho
- 4. () Solteiro (a) namorando
- 5. () Viúvo (a)

- 6. () Outro:

8. Escolaridade

- 1. () Analfabeto
- 2. () 1º Grau Incompleto
- 3. () 1º Grau Completo
- 4. () 2º Grau Incompleto
- 5. () 2º Grau Completo
- 6. () Superior Incompleto
- 7. () Superior Completo
- 8. () Pós Graduado

9. Qual a sua relação com o bairro de Tambaú?

- 1. () Freqüenta assiduamente.
- 2. () Freqüenta esporadicamente.
- 3. () Não frequenta. (Neste caso, porque está aqui hoje?).

10. Quais os bairros da cidade, escolhidos por você, para a prática de lazer?

11. Em quais ocasiões você se dirige para Tambaú? (Marcar uma ou mais opções e especificar o local escolhido e o tipo de atividade exercida)

Durante o dia, em dias de semana.

Local:

Tipo de atividade:

Durante o dia, nos fins de semana.

Local:

Tipo de atividade:

À noite, em dias de semana.

Local:

Tipo de atividade:

À noite, nos fins de semana.

Local:

Tipo de atividade:

12. O que mais te atrai e do que menos gosta em Tambaú? Por que?

13. Existe algum local, em Tambaú, onde você não se sente à vontade para freqüentar? Por que?

14. A seu ver, a maior parte dos freqüentadores de Tambaú se compõe de: (Marcar até 5 opções).

1. Moradores do próprio bairro

2. Moradores de outros bairros nobres

3. Moradores de outros bairros periféricos

4. Turistas

5. Famílias

6. Casais

7. Grupos de amigos

8. Pessoas sozinhas

9. Jovens

10. Idosos

11. Trabalhadores

12. Estudantes

13. Desempregados

14. Religiosos

15. Militantes

16. Garotos (as) de programa

17. Gays, Lésbicas, Simpatizantes

18. Artistas

19. Intelectuais

20. Políticos

21. Usuários de drogas lícitas

22. Usuários de drogas ilícitas

23. Boêmios

24. Atletas em geral

25. *Playboys*

26. *Patricinhas*

27. Punks

28. Hippies

29. Clubbers

30. Outros: _____

15. Dentre os tipos de freqüentadores que você identificou acima, quais os locais mais freqüentados por eles no bairro?

16. Você se enquadra em alguma (s) das opções do quadro da questão 15? Qual (s)?

17. Como você se descreveria com relação a hábitos, gostos, estilos e preferências?

Observações:

Anexo 2

Roteiro de entrevistas

1- A pessoa e suas práticas culturais.

- Atividades diárias (rotina, ocupações, trajetos).
- Relações de amizade (vizinhança, grupos de interação, valores compartilhados, estilos, elementos que os particularizam, locais de moradia).
- Hábitos de lazer (público e privado).
- Gostos e preferências (artísticos e estéticos).

2- A pessoa e a cidade.

- Bairros da cidade escolhidos para as práticas de lazer.
- Práticas de lazer instituídas em Tambaú.
- Por que Tambaú? (o que procura).

3- A pessoa e o bairro de Tambaú.

- O que o bairro oferece de melhor (do que mais gosta) e o que ele oferece de pior (do que menos gosta).
- A eleição de espaços dentro de Tambaú (os motivos que orientam essas escolhas, relações estabelecidas em cada um destes espaços, descrição dos ambientes e de seus respectivos frequentadores).
- Imaginário acerca dos demais espaços sociais de Tambaú, não eleitos para o seu lazer (o que caracteriza cada área, o que o desagrada no ambiente, tipos de frequentadores que se dirigem para esses espaços, atividades predominantes).
- Relações de tolerância e intolerância [grupos diferentes (pontos de divergência), mas tolerados (pontos de afinidade); qual o oposto da relação, o grupo apontado como intolerável (e os principais valores que norteiam esta discriminação); separação entre moradores de áreas nobres ou periféricas (existe?)].
- A questão da segurança (onde é mais seguro ou inseguro, quais as áreas de risco e tipos de perigo possíveis, mecanismos de defesa ou convivência, orientação de trajetos).

4- O bairro e a cidade.

- Importância de Tambaú para João Pessoa (e as representações que a cidade tem do bairro).
- Promoção turística de Tambaú (vantagens e desvantagens).
- A pessoa, sua relação e suas opiniões sobre os eventos públicos realizados pelo governo ou prefeitura no interior de Tambaú.

Ata da Sessão de Arguição de Dissertação de ANNE GABRIELLE LIMA SOUSA, do Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Sociologia do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Pernambuco.

Aos vinte e sete dias do mês de março ano de dois mil e seis, reuniram-se na Sala de Seminários do 12º andar do prédio do Centro de Filosofia e Ciências Humanas, os membros da Comissão designada para o **Exame de Dissertação de ANNE GABRIELLE LIMA SOUSA**, intitulada: **“OLHARES QUE SE CRUZAM, FRONTEIRAS QUE SE ERGUEM: A Sociabilidade em Tambuí, João Pessoa – (PB)”**. A Comissão foi composta pelos seguintes professores: **Cynthia Hamlin – Presidente/Orientadora; Breno Augusto Souto Maior Fontes – Titular Interno – PPGS; Jovanka Baracuchy Cavalcanti Scocuglia – Titular Externa – UFPB**. Dando início aos trabalhos a **Dra. Cynthia Hamlin** explicou aos presentes o objetivo da reunião, dando-lhes ciência da regulamentação pertinente. Em seguida passou a palavra à autora da Dissertação, para que apresentasse o seu trabalho. Após essa apresentação, cada membro da Comissão fez sua arguição, seguindo-se a defesa da candidata. Ao final da defesa, a Comissão Examinadora retirou-se, para em secreto deliberar sobre o trabalho apresentado. Ao retornar a **Dra. Cynthia Hamlin**, presidente da mesa e orientadora da candidata solicitou que fosse feita a leitura da presente Ata, com a decisão da Comissão **aprovando a Dissertação por unanimidade**. E, nada mais havendo a tratar, foi lavrada a presente Ata, que vai assinada por mim, secretária do Programa, pelos membros da Comissão Examinadora e pela candidata. Recife, 27 de março de 2006.



Secretária



Dra. Cynthia Hamlin



Dr. Breno Augusto Souto Maior Fontes



Dra. Jovanka Baracuchy Cavalcanti Scocuglia



Anne Gabrielle Lima Sousa